

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

**UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DO VERBO CHEGAR NA LÍNGUA
PORTUGUESA: ABSTRATIZAÇÃO DENTRO E FORA DE ESTRUTURAS
PERIFRÁSTICAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

**UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DO VERBO CHEGAR NA LÍNGUA
PORTUGUESA: ABSTRATIZAÇÃO DENTRO E FORA DE ESTRUTURAS
PERIFRÁSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

Rocha, Nayara Crisley Barreto Brasil Farias.

R574e Um estudo sociofuncionalista do verbo chegar na língua portuguesa: abstratização dentro e fora de estruturas perifrásticas. / Nayara Crisley Barreto Brasil Farias Rocha, 2017.

138f.

Orientador (a): Dra. Valéria Viana Sousa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.

Inclui referência F. 131-135.

1. Verbo – Língua Portuguesa. 2. Perífrase. 3. Abstratização. 4. Funcionalismo. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 469.82

Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em Inglês: a sociofunctionalist study of the verb *to arrive* in the portuguese language: abstratization within and outside of periprastic structures

Palavras-chave em inglês: periphrases, verb *to arrive*, abstraction, Functionalism

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB); Profa. Dra Aurelina Ariadne Domingues Almeida (UFBA)

Data da defesa: 06 de abril de 2018

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

**UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DO VERBO CHEGAR NA LÍNGUA
PORTUGUESA: ABSTRATIZAÇÃO DENTRO E FORA DE ESTRUTURAS
PERIFRÁSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 06 de maio de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Aurelina Ariadne Domingues Almeida
Instituição: UFBA

Ass.: Aurelina Ariadne Domingues Almeida

*Dedico este trabalho ao Deus da plenitude, manifestado em carne na vida da minha família. A esse Deus que, por infinita graça e amor, faz **chegar** à minha mente a máquina de costura de meu pai. Trabalho árduo, dia e noite, por mim! Lembrança que me faz sentir novamente o cheiro do óleo da máquina impregnado em suas mãos. Ah, o cheiro dos livros usados, quando a minha mãe **chegava** da rua no início do ano letivo e, com alegria, forrava todos eles e apagava os inscritos a lápis do primeiro usuário, com amor. De onde eu estou hoje, olhando rapidamente para trás, **chego a pensar** que a história não é minha, eu só a conto, de tão linda que é. **Chegar e dizer** “obrigada, Senhor”, é tudo que posso no momento.*

Nayara Crisley B. B. F. Rocha

AGRADECIMENTO

Deus é lindo e os seus caminhos são incríveis. Eu jamais *chegarei* a conseguir demonstrar o tamanho de minha gratidão. Mas, sem sombra de dúvidas, deixo aqui registrado com primazia o meu *MUITO OBRIGADA* ao meu DEUS, amigo, companheiro, por meio do qual tudo se faz:

Diante de ti, Senhor da minha vida, eu chego com estas humildes palavras. A ti, Rei eterno eu agradeço com todo o meu fôlego, por todos os milagres testemunhados durante a escrita desta dissertação. Pois, um texto é sempre mais que só um texto, dado que tem sempre coisas incríveis acontecendo enquanto alguém escreve! E, tu sabes bem disso, já que nada escapa ao teu governo! Meu dono, meu tudo!

Agradeço a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Casa linda, que desde a graduação me recebe de forma especial e me ajuda a escrever a minha história acadêmica. Ou melhor, me ajuda a escrever parte importante de minha história de *vida*!

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) na pessoa da Professora Dr^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio que esteve por um período na coordenação e, da mesma maneira, agradeço a Professora Dr^a Maria da Conceição Fonseca-Silva que tem dado continuidade ao trabalho de coordenação de forma brilhante!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

Tem gente que é anjo na vida da gente, como a própria Bíblia diz! Pensando nisto, indago: Professora Dr^a VALÉRIA VIANA SOUSA, como te explicar? Como uma existência como a sua pode ser registrada em um texto simples como este? A conclusão a que *chego* é a de que eu jamais saberia usar palavras suficientemente à sua altura. Contudo, quero expressar aqui a minha GRATIDÃO por tudo o que você representou para mim neste caminho rumo a gramaticalização do verbo *chegar* e rumo ao que a vida guarda para nós. Mas, muito mais do que isso, eu quero agradecer pela sua presença firme, ética, profissional, responsável, que a torna um exemplo para todos que escolhem o caminho da vida acadêmica. Além disso, não posso deixar de mencionar que sua presença doce, atenciosa, justa faz com que a vivência acadêmica seja uma vivência não entre intelectuais apenas, mas entre humanos que se respeitam, se complementam e se ajudam. Muitíssimo obrigada!

Registro aqui um agradecimento especial ao Professor Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, que se importou em acompanhar e direcionar, a partir de um recorte sócio histórico, as leituras que antecederam a escrita deste texto. Também, de maneira extremamente feliz,

agradeço a professora Dr^a Vera Pacheco, com quem fiz leituras importantes para compreensão de como a linguagem humana é complexa e linda! Além disso, resalto que me senti demasiadamente honrada por tê-la em minha banca de qualificação.

Quero agradecer aos Professores que contribuíram para que esta dissertação pudesse ser pensada, arquitetada e escrita: Professor Dr. Jorge Viana Santos, Professora Dr^a Cristiane Namiuti Temponi, Professor Dr. Adilson Ventura da Silva. Sinto-me honrada pelo privilégio de ter sido guiada em diferentes momentos por profissionais e pesquisadores como vocês.

Olha, palavras são poderosas! Eu disse para um colega no primeiro dos quatro semestres que compõem o curso de Mestrado: “*Esta professora estará em minha banca quando eu for defender!*”. Professora Dr^a Aurelina Ariadne Domingues, muito obrigada por aceitar tão prontamente o convite! É uma honra e um prazer ter a sua contribuição nesta dissertação!

Agradeço aos funcionários do PPGlin, por estarem sempre atentos e nos deixarem informados a respeito de datas, prazos e documentos! Vocês são fundamentais para que o curso de Mestrado funcione tão eficazmente!

Vania Raquel, meu coração é só gratidão pela sua presença durante o meu processo de formação no curso de Mestrado. Mas, grata sou mesmo por este sentimento de amizade lindo que surgiu assim, quase que miraculosamente, em uma conversa no ônibus! Gratidão, mesmo, é por saber que na hora que a dificuldade chegar eu vou saber com quem contar! Te amo!

Agradeço a MINHA MÃE, AO MEU PAI e a minha VOVÓ por terem me ensinado o caminho lindo da oração, da justiça, DO AMOR, da coragem e DAS LETRAS. Com estes pilares eu construí o que conheço por resiliência, eu desenhei o que conheço por beleza, escrevi os sonhos mais lindos, as loucuras mais divertidas, me levantei das quedas mais escabrosas e, principalmente, entendi que tudo na vida vale muito apenas, vale muito riso, muito sol e muitas letras.

Meu obrigada ao meu marido! Mais de uma década nos une e vamos testemunhando tantos milagres e vamos crescendo mais e mais até ser dia perfeito! Eu amo você, senhor Wilson Junior. Eu, você e Deus somos como um cordão de três dobras que não se quebra! Obrigada, de todo o meu coração!

Tenho dois co-autores neste trabalho! Quando as lágrimas vinham, pelas dificuldades próprias da vida acadêmica, (diga-se de passagem: vida acadêmica de mulher, negra, mãe, brasileira, que é matéria para outra dissertação), eu olhava para eles e *chegava, mesmo, a dizer* em voz alta “*Não posso desistir!*”. PEDRO VICENTE E RAFAEL WILSON, meus raios de sol, não podemos desistir, nunca! Obrigada, por terem me ajudado com sorrisos, músicas, danças, beijos, cores, sabores, yoga, entre tantas atividades que circundaram a escrita desta

dissertação. E, por não terem permitido que o peso da responsabilidade tirasse a minha alegria em ter a honra de cursar o Mestrado em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Aos meus primos e primas, tios e tias e todos os amigos que torceram para que eu galgasse mais esta conquista, obrigada, amores! Se no meio do caminho havia umas pedras, graças a Deus, tinha muita gente para retirar! Amo vocês!

Minha sogra, Dona Liu, muito obrigada pelas vezes que tão prontamente e sem medir esforços cuidou das crianças para mim! Acredite: você foi fundamental para que eu chegasse até aqui! Beijos de afeto para você!

Há pessoas sortudas e eu acredito em sorte! Tenho muita sorte! Tenho 3 irmãs que são loucamente incríveis, daquelas torcidas com pompons e danças vibrantes, daquelas torcidas que gritam o seu nome bem alto e diz: *vai, não pára, você vai conseguir! My girls*, muito obrigada! Eu não parei. Eu ouvi cada grito. Eu resisti e eu vi os rostos de vocês na arquibancada. Então, se *cheguei* até aqui, foi por vocês não desistirem de gritar! Jasci, Kelly e Nique, obrigada pelos inúmeros socorros!

Agradeço a minha vizinha Seinia Porto! Não foram apenas cinquenta reais para eu tirar xerox e me locomover, amiga! Sem aquela mão estendida para mim, naquele dia crucial em que eu estava sozinha, eu não teria galgado mais este degrau em minha vida profissional e acadêmica. Sem nem me conhecer direito, ficou com meus filhos até eu me organizar e fazer a inscrição da seleção, grata amiga! Sem esse encontro ímpar com a sua bondade, eu não teria nem começado nesta caminhada com o verbo *chegar*! Lembra? Eu disse que seu nome estaria aqui! Seinia, muito obrigada!

Aos meus colegas da turma 2016 do Mestrado em linguística: foi um prazer e uma honra tê-los comigo neste barco, senhores! Mas, agora, preciso dobrar as velas! Afinal, é no dobrar das velas que a gente entende o caminho percorrido e temos tempo para agradecermos por termos *chegado* até aqui! MUITO OBRIGADA!

A linguagem é uma razão humana que tem suas razões, e que o homem não sabe.

Claude Lévi Strauss

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o percurso do verbo *chegar* rumo ao caminho da gramaticalização dentro da Língua Portuguesa falada no Brasil (PB) e, em específico, no vernáculo conquistense. Inicialmente, partimos da hipótese de que esse verbo traça um caminho do uso [+ concreto] > [+ abstrato] em perífrases do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo *chegar* e V2 o verbo principal. Observamos, pelos dados utilizados, que o percurso do verbo *chegar* rumo à abstratização se dá tanto dentro como fora das perífrases verbais, sendo que, para a primeira modalidade, há o quesito auxiliaridade que aproxima o item ainda mais de uma possível mudança linguística. Para tanto, delineamos um caminho, de cunho pancrônico para o item em estudo, partindo da sua origem etimológica e de dicionários diversos, observando os registros em gramáticas históricas, prescritivas e descritivas e, então, construímos nossa fundamentação teórica com base nos estudos linguísticos, em uma linha que passa da tradição linguística até os estudos mais recentes a respeito da variação e mudança por via o processo de gramaticalização. Nossa pesquisa tem por base o Funcionalismo Norte Americano, que considera a língua em situações reais de comunicação. Elegemos como variáveis linguísticas: i. *modo verbal*; ii. *relações de sentido*; iii. *tipo de oração*; iv. *natureza da avaliação do falante e como variáveis extralinguísticas*: v. *sexo*; vi. *faixa etária*; vii. *escolaridade*. Isso feito, passamos a análise dos dados e apresentamos os resultados quantitativos por meio do uso do programa *Goldvarb x*. A amostra utilizada foi composta por 48 entrevistas extraídas de dois *corpora* orais, o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). As entrevistas foram selecionadas segundo três faixas etárias, (a) faixa I – de 15 a 25 anos; (b) faixa II – de 26 anos a 50 anos; (c) faixa III – de 50 anos em diante, e respeitando as seguintes especificações: 24 entrevistas de informantes do sexo masculino e outras 24 de informantes do sexo feminino. Os dados revelaram 342 ocorrências com o verbo *chegar*, das quais 78.5% foi do vocábulo fora das perífrases verbais, mas com nível de abstratização de 0.7% e, 21.5% foi do mesmo item dentro de estruturas do tipo [V1 (e) + V2], na qual *chegar* apresenta 47.7% de abstratização e exerce função auxiliar de V2. Os dados revelam, portanto, o franco processo de expansão e fixação desse tipo de estrutura, bem como de gramaticalização do verbo *chegar*.

PALAVRAS-CHAVE

Perífrase. Verbo. Abstratização. Funcionalismo

ABSTRACT

This work aims to present the course of the verb *to arrive* on the grammaticalization way in the Portuguese language spoken in Brazil (PB) and, specifically, in the conquest vernacular. Initially, we have assumed that this verb traces a path of using [+ concrete] > [+ abstract] in periphrases of type [V1 (e) + V2], where V1 is the auxiliary verb and V2 is the main verb. We have observed from the data used that the way of the verb *to arrive* the abstraction occurs both inside and outside verbal periphrases, and for the first modality, there is the auxiliary item that brings the item even closer to a possible linguistic change. In order to do so, we delineate a pathway, of a pancronic character for the item under study, starting from its etymological origin and diverse dictionaries, observing the records in historical, prescriptive and descriptive grammars, and then constructing our theoretical foundation based on the linguistic studies, in a line that goes from the linguistic tradition to the most recent studies about the variation and linguistic change through the process of grammaticalization. Our research is based on the North American Functionalism, which considers the language in real communication situations. We choose as linguistic variables: i. verbal mode; ii. relations of meaning; iii. type of prayer; iv. nature of the speaker's evaluation and as extralinguistic variables: v. sex; vi. age group; vii. schooling. This is done, we pass the analysis of the data and we to present the quantitative results through the use of the *Goldvarb x* program. The sample used was composed of 48 interviews extracted from two corpora orals, the Corpus of the Popular Portuguese of Vitória da Conquista city (Corpus PPVC) and the Corpus of the cult Portuguese of Vitória da Conquista (Corpus PCVC). The interviews were selected according to three age groups, (a) range I - from 15 to 25 years; (b) range II - from 26 years to 50 years; (c) range III - from 50 years onwards, and respecting the following specifications: 24 interviews of male informants and 24 of female informants. The data revealed 342 occurrences with the verb to arrive, of which 78.5% was of the word outside the verbal periphrases, but with an abstraction level of 0.7%, and 21.5% was of the same item within structures of type [V1 (e) + V2], which reaches 47.7% of abstraction and exerts an auxiliary function of V2. The data reveal, therefore, the straightforward process of expansion and fixation of this type of structure, as well as, of grammaticalization of the verb *to arrive*.

KEYWORDS

Periphrases. Verb. Abstraction. Functionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de abstratização do verbo chegar.....	24
Figura 2 – Escolhas do falante de acordo com o nível de consciência.....	78
Figura 3 – O percurso givoniano da reanálise no processo de gramaticalização	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição do número de construções perifrásticas e não perifrásticas com o verbo chegar na comunidade de Vitória da Conquista	115
Gráfico 2 - Expansão da variante <i>chegar</i> auxiliar a partir da faixa etária do falante do Português Culto em Vitória da Conquista (Percentual)	122
Gráfico 3 – Expansão da variante chegar auxiliar a partir da faixa etária do falante do Português Popular em Vitória da Conquista (Percentual)	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alguns usos do verbo chegar no Português de acordo com Lexilello (1989).....	29
Quadro 2 - Usos dos verbos chegar segundo Faggion (2012).....	29
Quadro 3 – Acepções do verbo <i>chegar</i> igualmente usadas em alguns dicionários de usos do Português do Brasil.....	32
Quadro 4 – Usos menos comuns do verbo chegar no Português falado no Brasil.....	34
Quadro 5 - O verbo chegar em Gramáticas históricas	37
Quadro 6 - O verbo chegar como verbo suporte	61
Quadro 7 – Inclusão e Exclusão de Traços semânticos como suporte para a fala	64
Quadro 8 – Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade.....	71
Quadro 9 – As cinco questões da descrição empírica da metodologia da pesquisa Sociolinguística	72
Quadro 10 – Diferenças entre Metonímia e Metáfora	97
Quadro 11 – Informantes do teste de avaliação	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organização das variáveis	103
Tabela 2 – Quantidade de verbo <i>chegar</i> com sentido [+ concreto] e [+ abstrato] nos dados analisados	111
Tabela 3 – Número de construções perifrásticas e não perifrásticas encontradas nos dados	113
Tabela 4 – Influência da natureza subjetiva na gramaticalização de <i>chegar</i>	116
Tabela 5 – Presença e ausência da conjunção <i>e</i> entre V1 (<i>chegar</i>) e V2	118
Tabela 6 – Influência da faixa etária no uso do verbo <i>chegar</i> com <i>informantes</i> do PCVC e PPVC	120
Tabela 7 – A variável sexo e o uso do verbo chegar	124
Tabela 8 – A influência da variável escolaridade no uso do verbo <i>chegar</i>	126

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
2 UM PASSEIO PANCRÔNICO DE UM VERBO EM MOVIMENTO	22
2.1 Um velejar etimológico: a origem lá no porto.....	22
<i>2.1.1 Nos ventos sócio-históricos</i>	<i>25</i>
<i>2.1.2 O verbo chegar segundo dicionários etimológicos.....</i>	<i>26</i>
<i>2.1.3 Nos dicionários de usos</i>	<i>30</i>
2.2 Nas ondas das gramáticas: uma viagem e as várias funções de um verbo	35
<i>2.2.1 O verbo chegar em algumas Gramáticas Históricas</i>	<i>36</i>
<i>2.2.2 O que dizem as Gramáticas prescritivas</i>	<i>37</i>
<i>2.2.3 Gramáticas descritivas.....</i>	<i>41</i>
2.3 Estrutura argumental com o verbo chegar: uma parada nos estudos linguísticos....	49
<i>2.3.1 Diferença entre verbo pleno e auxiliar</i>	<i>53</i>
<i>2.3.2 Sobre as categorias verbais: o aspecto verbal.....</i>	<i>62</i>
3 A PEREGRINAÇÃO TEÓRICA E O LUGAR ESCOLHIDO	66
3.1 Mudança e variação linguística: o vasto campo da Sociolinguística	66
<i>3.1.1 Percorrendo o caminho da Sociolinguística.....</i>	<i>66</i>
3.2 Funcionalismo: vertentes e o lugar de acampamento	74
3.3 Gramaticalização	83
<i>3.3.1 Gramaticalização do ponto de vista da Sociolinguística Cognitiva.....</i>	<i>92</i>
3.4 Sociofuncionalismo	98
4 METODOLOGIA: ARRUMANDO AS MALAS.....	102
4.1 Vitória da Conquista: como se chega lá?	102
4.2 Que corpora são esses?	103
4.3 Chegamos as variáveis	104
<i>4.3.1 Variáveis Linguísticas</i>	<i>104</i>
<i>4.3.2 Variáveis extralinguísticas ou sociais.....</i>	<i>105</i>
4.4 Ancorados nos procedimentos metodológicos.....	107
5 O VERBO CHEGAR: DADOS E RESULTADOS	110
5.1 Os resultados	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS	131
ANEXO.....	136

ANEXO A – Teste de Avaliação.....136

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A viagem em direção à investigação a respeito da linguagem humana não é nova, trata-se de estudar sobre a necessidade natural do ser humano de interagir e, além disso, de compreender a língua como meio pelo qual a linguagem se manifesta. Assim, o ser humano, desde tempos remotos, quando nem sonhávamos com a linguística enquanto uma ciência, registra, em seus mitos, lendas e ritos, a história das mais antigas civilizações e o percurso intrigante da relação do ser humano com a linguagem em suas diferentes formas de manifestação. Dessa maneira, estudar a respeito da linguagem humana é, pois, como transportar-se de um lado para o outro, em direções, muitas vezes, opostas, na tentativa de se chegar a um lugar, que pode ser recortado no tempo e no espaço para fins investigativos ou, simplesmente, ampliar o horizonte e caminhar por toda a trajetória percorrida por um item linguístico, descobrindo seu comportamento em cada lugar, sua estrutura, sua composição, sua função. E, seja qual for a necessidade do viajante, ele precisa estar preparado para o encontro com novos usos (função) e os novos rumos que seu *objeto* optou por tomar, ou o fizeram percorrer durante a viagem.

O fato de ser a linguagem, possivelmente, tão “velha” quanto o ser humano, muitos mistérios envolvem as suas formas e manifestações, mas um rápido passeio na história revela que é só, a partir do século VI a.C, com os hindus, que se começa a investigação sobre a estrutura interna das palavras e, somente no século XVIII, com a descoberta do Sânscrito, é que se abrem os caminhos rumo à Linguística Moderna como a conhecemos hoje. Após essa descoberta e as novas informações procedentes dela, os estudos sobre a linguagem jamais seriam os mesmos. Agora, o ser humano dedica grande parte de seus esforços na busca das várias nuances de um objeto que, como afirma Castilho (2010), utilizando um conceito saussuriano, é um objeto científico “escondido”, guardado na mente do linguista, do gramático, da comunidade, sem evidências no mundo real. Um objeto interno, complexo e que, por isso mesmo, requer que o viajante entenda o que quis dizer Saussure (1916) com a expressão “ponto de vista”. Isso porque, a viagem em busca de entender a língua nunca será completa, pois, a depender de onde se olha, ela poderá se apresentar com diferentes perfis.

Para Castilho (2010), a língua pode ser estudada de diferentes maneiras e organizada em diferentes blocos: 1. Língua como um conjunto de produtos estruturados; 2. Língua como um conjunto de processos estruturantes; 3. Língua como um conjunto de processos em mudança 4. Língua como um conjunto de usos bons. Desses quatro pontos, seja qual for a língua que estamos buscando entender, é necessário considerarmos o conceito de “ponto de vista” de que

falamos no parágrafo anterior. Partindo deste pressuposto, nesta dissertação, interessa-nos sobremaneira o ponto 3 (três), dado que trataremos, principalmente, do conceito de gramaticalização.

Motivados por essas questões que envolvem a língua, realizamos uma pesquisa, instigados pela questão problema “Quais os caminhos que o verbo *chegar* tem traçado na Língua Portuguesa falada no Brasil? ”, e com os propósitos de analisarmos os possíveis usos desse item em estruturas perifrásticas, hipotetizamos que o verbo *chegar* admite usos que se diferem da sua prototipicidade, abarcando sentidos metafóricos e metonímicos que são processos cognitivos próprios da linguagem humana.

Para este trabalho, partimos de algumas hipóteses, a saber: i. o verbo *chegarem* estruturas do tipo [V1 (e) + V2] exerce função de verbo auxiliar; ii. A auxiliaridade de *chegar* em estruturas perifrásticas é resultante do processo de abstratização do item rumo à gramaticalização; iii. A abstratização de *chegar* envolve processos cognitivos, próprios da mente humana, como por exemplo, a metáfora e a metonímia; iv. Estruturas do tipo [V1 (e) + V2] nas quais V1 não é um verbo prototipicamente auxiliar, apesar de novas, expandem-se e se fixam na Língua Portuguesa falada no Brasil.

Diante do que foi exposto e trabalhando em prol das hipóteses por nós suscitadas, traçamos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- Analisar o comportamento do verbo *chegarem* estruturas do tipo [V1 (e) + V2], sendo o vocábulo em estudo ocupante da posição 1.
- Objetivos específicos
 - Levantar dados sócio históricos do vocábulo *chegar* com o intuito de entendermos como ele veio a se encaixar em estruturas do tipo [V1 (e) + V2];
 - Apresentar detalhamento do objeto de estudo, a partir de gramáticas históricas, descritivas e prescritivas;
 - Apresentar processos cognitivos próprios da linguagem humana que podem atuar no processo de gramaticalização do verbo *chegar*, em especial, a analogia e a reanálise;
 - Levantar dados qualitativos e quantitativos para estabelecer resultados que justifiquem o processo de gramaticalização do verbo *chegar*, levando em conta variáveis de ordem linguística e extralinguística;
 - Apontar possibilidades abstratas de uso do verbo *chegar* dentro da Língua Portuguesa, sobretudo, falada.

- Apresentar resultados a partir da análise dos dados;
- Mostrar as conclusões alcançadas a partir da realização deste estudo.

Nesta direção, na seção II, apresentamos a história do item em estudo, sua origem etimológica, sua descrição em dicionário e em gramáticas da Língua Portuguesa, com o intuito de compreendermos quais os fatores influenciaram o processo de variação e possível mudança linguística do verbo *chegar*. Nessa mesma seção, considerando as investigações linguísticas que se ocupam da descrição e análise da categoria verbal da Língua Portuguesa falada no Brasil, dedicamos um olhar especial para o comportamento do verbo *chegar* dentro, bem como fora das perífrases verbais com o objetivo de traçar o perfil comportamental do item rumo ao processo de gramaticalização, como podemos ver na seção 2, subseção 2.3.1. *Diferenças entre verbo pleno e verbo auxiliar*.

A seção III, por sua vez, foi composta a partir do aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, em uma direção que se inicia com a exposição do campo da Sociolinguística, passa pelo Funcionalismo e segue em direção ao Sociofuncionalismo. Nosso intuito com essa seção é, antes de tudo, apresentar as teorias que sustentam a nossa pesquisa e nos dão a base necessária para a análise dos dados levantados. Ainda nesta seção, apresentamos teorias que sustentam os caminhos por nós escolhidos, a saber: de Saussure (2006 [1916]), Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Hopper(1991), Givón (1990, 1995), Guy (2001), Heine (2003), Hopper e Traugott (2003), Tavares (2003, 2013), Tarallo (2007), Tavares e Görski (2015), entre outros.

Na seção IV, a respeito dos caminhos metodológicos por nós escolhidos, apresentamos os materiais e métodos e a amostra selecionada, os *corpora* orais PCVC (Português Culto de Vitória da Conquista) e PPVC (Português Popular de Vitória da Conquista). Seguindo os recortes metodológicos foram delimitadas 3 faixas etárias: (a) faixa I- de 15 a 25 anos; (b) faixa II- de 26 a 49 anos; (c) faixa III- de 50 anos em diante. Também, 3 níveis de escolaridade: (a) sem escolaridade; (b) até 5 anos de escolarização; (c) mais de 5 anos de escolarização. Selecionamos, dos referidos *corpora*, 24 (vinte e quatro) entrevistas de informantes do sexo feminino e outras 24(vinte e quatro) de informantes do sexo masculino, compondo, ao final, uma amostra de um total de 48 (quarenta e oito) entrevistas. Também, no final da mesma seção, apresentamos as variáveis do objeto em estudo, a saber:

- Variável dependente
 - O uso do verbo chegar como verbo auxiliar em estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + (V2)].

- Variáveis linguísticas
 - Modo verbal (prototipicidade e auxiliaridade);
 - Relações de significado ([+ concreto] e [+ abstrato]);
 - Tipo de oração (perifrástica e não perifrástica);
 - Conjunção (presença e ausência);
 - Natureza da avaliação do falante (alegria, frustração, contrariedade, neutralidade).
- Variáveis extralinguísticas
 - Sexo (masculino e feminino);
 - Faixa etária (15-25, 26-50, mais de cinquenta anos de idade);
 - Escolaridade (sem escolaridade/até cinco anos de escolarização e mais de cinco anos de escolarização).

Na seção IV, partimos de considerações sobre a perspectiva sociolinguística, funcionalista e sociofuncionalista nos estudos da variação e mudança linguística, ratificando as nossas escolhas teóricas e metodológicas, apresentamos o programa computacional que utilizamos na contabilização dos dados, o *GoldVarb X* para a realização da análise quantitativa e, conseqüente, interpretação qualitativa dos resultados.

No caminho da análise quantitativa, encontramos o aporte teórico de autores, como: Coelho (1999), Ramos (1997), Peres (2006), Guy (2007), Golçalves (2008), Sousa (2008), Calmon (2010), Loregian-Penkal e Menon (2012), Molica; (2003); Braga (2004), Zilles (2007), entre outros, o que nos permitiu compreender que esse tipo de análise da variação linguística é um caminho desafiador, pois estuda a linguagem humana “[...] olhando de um lado, para a organização das formas linguísticas e, de outro, para a sua significância social” (GUY, 2007, p.19), assim como, o deus Jano, a quem os Romanos atribuem a faculdade de ver, ao mesmo tempo, o passado e o futuro.

A seção V, tratamos da demonstração dos resultados, propriamente ditos, por meio de tabelas e gráficos, além, é claro, da explicação dos mesmos. Cada tabela e gráfico é seguido, então, de discussão e exemplos com o propósito de realizar uma melhor interpretação dos resultados. Vale lembrar que o programa computacional, enquanto uma ferramenta de pesquisa, gerou dados que possibilitaram a quantificação mais precisa e abriu caminhos para uma análise mais satisfatória dos dados selecionados. Por essa razão, buscamos entender qual a importância dos estudos de cunho estatístico na análise de dados linguísticos.

Na seção VI, por fim, constam as nossas considerações finais com a tentativa de abarcar as nossas hipóteses e compará-las com os resultados. Realizado esta interseção, foi possível

concluir que, na Língua Portuguesa falada em Vitória da Conquista-BA, o verbo *chegar* vem passando a ocupar uma função que antes pertencia aos verbos *ser*, *ter* e *haver*, enquanto auxiliares autênticos. Dessa forma, as estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo *chegar*, favorecem a gramaticalização do item em estudo na medida em que proporciona possibilidades de novas funções e da abstratização de V1. Além disso, *chegar*, também, desenha um franco caminho para a gramaticalização fora das estruturas perifrásticas, mostrando o quão versátil uma língua pode ser mesmo em se tratando de categorias mais rígidas como a categoria verbal, sempre com o intuito de uma maior expressividade por parte do falante em uma díade locutor x interlocutor em que o objetivo é sempre de maior expressividade e entendimento.

2 UM PASSEIO PANCRÔNICO DE UM VERBO EM MOVIMENTO

Esta seção compõe uma investigação maior, cujo objeto de estudo se concentra na análise do verbo *chegar* dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2]. Partindo da história desse verbo, apresentamos quais usos esse vocábulo permite, tentando verificar seu caminho rumo à gramaticalização na fala conquistense. Para isso, consultamos dicionários de regência, dicionários de usos e gramáticas históricas de diferentes épocas, bem como o aporte teórico de pesquisadores que tratam da transição desse verbo do Latim para a Língua Portuguesa. Depois, apresentamos o verbo *chegar* dentro de estruturas perifrásticas com base no parecer de gramáticos que versam sobre as perífrases verbais em que o verbo em estudo pode figurar.

O caminho escolhido, de cunho pancrônico, é justificado pela possibilidade de se estudar a língua a partir da consideração de que seu sistema não é estático e que uma de suas inegáveis características é, por conseguinte, justamente, a mudança, fenômeno somente perceptível no eixo temporal. Característica essa que não foge aos verbos, sendo o seu estudo essencialmente importante nas investigações a respeito do léxico, da sintaxe e da semântica da Língua Portuguesa. Pois, a partir do conhecimento da história de um verbo, é possível se pensar sobre toda uma classe de palavras de uma dada língua e sua relação com as demais, além de possibilitar a comparação de uma língua com outras.

Isso posto, organizamos esta seção da seguinte maneira: 1. Um esclarecimento teórico a respeito da importância do estudo pancrônico para compreensão dos fenômenos linguísticos; 2. A observação sócio-histórica do item *chegar*, como uma viagem ao passado, com o objetivo de nos voltarmos a sua origem, dos seus usos mais remotos até os dias de hoje; 3. A observação linguística do item, como uma viagem ainda em curso, na qual pretendemos analisar como se comporta o verbo *chegar* no seu caminhar rumo ao processo de gramaticalização fora e dentro das perífrases verbais.

2.1 Um velejar etimológico: a origem lá no porto

O estudo a respeito da linguagem humana sempre perpassa por diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Etnologia, a Filosofia, entre outras, na investigação sobre seus inúmeros aspectos. É verdade que, a depender do recorte científico que o pesquisador utiliza, uma ou outra manifestação da linguagem e específicas características de uma dada língua passam a serem mais estudadas. E, por isso, muitas vezes,

há a necessidade do aporte teórico de diferentes ciências, dado que não há ciência que comporte sozinha todos os mistérios que envolvem as questões a respeito da linguagem. De fato, seja qual for o saber científico em que se debrucem as manifestações da linguagem, todas elas fazem usos da história do ser humano, da sociedade e dos seus meios de comunicação. Portanto, nessa dissertação, consideramos que qualquer estudo que pretenda observar e analisar os dados de uma língua precisa recorrer a sua história e aos estudos realizados ao longo dessa história, pois a conjunção dos registros de uma língua e as investigações empreendidas a respeito dela ao longo do tempo são de fundamental importância para qualquer novo empreendimento investigativo nesse campo.

Perguntamo-nos, então: de onde um linguista deveria partir para um estudo como o que nos propomos? Das características da sincronia? Das características da diacronia? Bem, optamos, aqui, por tratar da relação entre esses dois polos, considerando o que Dubois (1985) chama de *pancronia*, como nos lembra Neves (2004). Vale ressaltar que, para a linguística, esse tipo de estudo se tornou possível, principalmente, a partir da proposta de William Labov (1969; 1972; 1983), que passou a conceber a sistematização da variação linguística rejeitando a noção saussuriana social na língua e filiando-se à proposta de Antoine Meillet sobre a relação entre língua e sociedade.

Definida a perspectiva pancrônica para a realização dos estudos, a pergunta que emerge é: deveríamos partir do estudo das forças internas (formal) ou externas (funcional)? Para Labov (1969; 1972; 1983), seguido por Weinreich e Herzog (1975), a língua é social, não com sentido paradoxal, como postulado nas primeiras investigações estruturalistas, mas no sentido de que as relações sociais e os fatores extralinguísticos estão o tempo todo influenciando o sistema e agindo sobre ele. A partir dessa ideia, os estudiosos, que se filiaram às concepções teóricas labovianas, concordam que é, na sociedade que os fenômenos linguísticos podem ser entendidos, pois, na medida em que a sociedade muda, a língua também evolui.

Um dos teóricos que se destaca e que vale a pena lembrarmos aqui é Coseriu (1979), com a obra *Sincronia, Diacronia e História*, na qual ele, enquanto leitor de Saussure, levanta questionamentos sobre como acontecem as mudanças na língua considerando que ela é sistêmica, mas também é histórica. Concepção de que partilhou também Labov (2006), ao afirmar que a Sociolinguística se dedica a descrever sistematicamente os fatos linguísticos, até então, postos de lado no estudo da linguagem.

A partir do posicionamento de Labov (2006 [1960]), sobre os já estabelecidos conceitos a respeito da estrutura das línguas, incluindo aí a variação e a mudança linguística, a Sociolinguística aparece, então, como uma reação às correntes estruturalista e gerativista. Mais

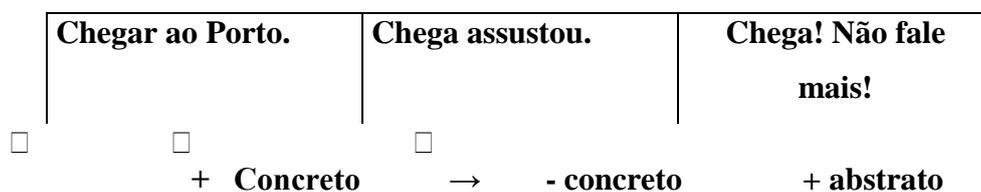
do que isso, a nova ciência suplanta os princípios da imanência linguística, de estado de língua, de comunidade ideal de fala e falante ideal e, passa, então, a investigar o componente social na análise linguística, ocupando-se da relação entre língua e sociedade, bem como da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. (LABOV, 1982; LUCCHESI, 1985; TARALO, 1986; ALKMIN, 2002).

É, sobretudo, da variedade linguística que a Sociolinguística se ocupa e as pesquisas a respeito das mudanças que as línguas sofrem no decorrer do tempo se apoiam nas teorias da Linguística Histórica que, por sua vez, *a priori*, fundamentam-se nos dados demarcados e datados no tempo e no espaço de forma diacrônica. (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Temos, portanto, uma boa justificativa para a nossa busca pela origem e pelo caminho que percorreu o verbo *chegar*, coadunando com a seguinte afirmação laboviana:

[...] a sociolinguística segue o princípio apresentado por Jespersen de que, para compreender alguma coisa, devemos compreender como ela veio a existir. (LABOV, 2006, p. 338)

Partindo dessa assertiva, observamos que o vocábulo *chegar* passa por um processo de mudança, com saída de uma significação concreta para outras mais abstratas com admissão de auxiliaridade funcional, que envolvem questões de mudanças sintáticas, semânticas e morfológicas que precisam ser consideradas no estudo sobre o comportamento do verbo na Língua Portuguesa. Representamos esse processo como exposto na figura 1:

Figura 1 – Esquema de abstratização do verbo chegar



Fonte: elaboração da pesquisadora

Como dissemos, a visão do estudo laboviano sobre a língua e sua relação com a sociedade é uma das bases para as questões de que a Sociolinguística se ocupa, nos interessando aqui a variação e a mudança linguística, que consideram, sobretudo, o caráter heterogêneo da língua. Apesar de essa corrente linguística dedicar-se ao que não é homogêneo, vale ressaltar que o estudo sobre a mudança que as línguas sofrem no decorrer do tempo não é o estudo do “caos linguístico”, pois a Teoria da Variação e Mudança fornece um instrumental metodológico que

permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, como afirma Tarallo (2007).

Na subseção que se segue tratamos da etimologia do vocábulo *chegar* e dos seus usos fora e dentro de construções perifrásticas. Para isso, utilizamos dicionários, gramáticas históricas, descritivas e gramáticas prescritivas.

2.1.1 Nos ventos sócio-históricos

Como anunciado anteriormente, nesta subseção, focaremos nos estudos sócio históricos para apresentarmos os usos que o verbo *chegar* admite. Partiremos do verbo em estruturas simples, fora das perífrases verbais, para, então, passarmos a análise das estruturas complexas, observando em quais contextos esse verbo foge a sua prototipicidade e passa a abarcar outros usos.

Partindo, primeiramente, da observação de *chegar* fora das estruturas perifrásticas, ou locuções verbais, foi possível constatar inicialmente que, na maioria dos dicionários da Língua Portuguesa consultados, esse verbo aparece como originado no Latim *pliacare* (“dobrar”). Sendo seu uso primeiramente registrado em referência à atividade dos marinheiros de dobrar as velas ao chegar no seu destino portuário (BOLÉO, 1946; NASCENTES, 1955). Nesse contexto, o verbo *chegar* indicava o ponto a ser atingido, ou seja, um destino final seguido do ato de movimento. Marcando, portanto, a saída de um ponto X e a chegada em outro ponto Y. Observamos que, por metonímia, o verbo passa a ser ou indicar o momento que se atinge um ponto físico no espaço. E é, a partir desse movimento de um ponto físico a outro ponto físico, que analisaremos os possíveis usos do item em estudo, partindo da hipótese de que o traço de movimento é uma característica que permanece inerente ao vocábulo mesmo nos exemplos mais abstratos, dependendo de um maior esforço inferente para sua percepção.

Ao nos empenharmos na busca dos usos que o verbo *chegar* permite na Língua Portuguesa, foi possível verificarmos que estruturas como “*Chegar à justiça*” (JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO, 1798-1799) aparecem no século XVIII, com o sentido de fazer com que alguém seja castigado e punido pela justiça, ou com o intento de que algo chegue ao conhecimento da justiça. Em casos como esses, *chegar* denota um movimento, mesmo que não haja um ente em deslocamento, mas uma informação que *chega* a alguém, que representa a justiça. Movimento esse marcado/auxiliado, também, pelo uso da preposição “a”. Portanto, o que pretendemos destacar é que, ainda que o verbo não esteja sendo utilizado no seu sentido

pleno no exemplo citado, apesar de arcaico, há nele uma insistente característica que o acompanha durante o processo de gramaticalização: o movimento.

A permanência do traço de movimento, de que tratamos nos parágrafos anteriores, é uma das características próprias do processo de gramaticalização. Mas, trataremos em seção própria sobre a questão da permanência de traços que, grosso modo, é quando o item gramaticalizado, ou em processo de gramaticalização, traz em si características do item lexical de origem (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). E, se expressões como “*Chegar à justiça*” já apareciam em textos do século XVIII, podemos supor, por ora, que o processo de gramaticalização do item *chegar* não é novo, como veremos a seguir nos dicionários pesquisados.

Na próxima subseção, faremos um percurso pelos dicionários, partindo da etimologia do item até as expressões e usos mais inovadores de acordo com os registros e os usos da Língua Portuguesa do Brasil.

2.1.2 O verbo chegar segundo dicionários etimológicos.

A partir de dicionários etimológicos, é possível constatar que o uso mais antigo do verbo *chegar* está relacionado com o ato dos marinheiros de dobrar as velas ao aportarem seus navios, como mencionado anteriormente. E, Cardoso (1562), em seu *Dictioarium lusitânico latinum*, faz referência ao termo “*Plico*” como “dobrar” e, em Bluteau (1789, p.154), no *Dicionário da Língua Portuguesa*, o verbo *chegar* aparece como originado de *Pliacare*, com significado de “aproximar, mover para perto, junto v.g.; a. Cheguei-me a ele; b. os homens folgam de chegar-se aos seus semelhantes, estar junto com eles, conversar-se.” Boléo (1946), também, apresenta o vocábulo *chegar* como originado do Latim *Plicare/Adripare*, com sentido de dobrar, tradução do Latim *venire* (vir, contrário de partir) ou *advenire* (partir). Segundo o autor, haveria, então, uma evolução no sentido do vocábulo de um emprego da linguagem náutica para a indicação de movimento em outros contextos.

Machado (1967), em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, faz referência à “curiosa evolução semântica” já percebida por Boléo (1946), na passagem do Latim para o Português:

[...] o representante de *plicare* em português e espanhol significa “chegar”, ao passo que em romeno “*pleca*” tem o sentido de “partir”. Como explicar o facto? É que a palavra *plicare*, naqueles idiomas, pertenceu originariamente ao domínio náutico: *plicare velam*, “dobrar a vela”, “chegar”; no romeno, à

linguagem militar: *plicare tentoria*, “dobrar as tendas”, “partir” [...]. (Boléop. 607)

Machado (1967) observa, ainda, no Português, denominado por ele de familiar, expressão do tipo “fazer as malas”, com o significado de “preparar-se para partir”. Dessa feita, segundo as afirmações do filólogo, podemos entender expressões do tipo: “Ele já desfez as malas” como “ele já *chegou*” e, “Ele não vai mais fazer as malas” como “ele não vai mais partir”. Entendimento como esse é possível por causa do processo metonímico embutido nessas expressões e da nossa capacidade cognitiva de transpor conceitos concretos para outros mais abstratos. Voltaremos a tratar de metonímia, enquanto processo cognitivo na recategorização de itens linguísticos em seção própria.

Machado (1967) afirma que no Latim tardio já existia a expressão “*plicare*” para se referir *chegar*, como nos seguintes exemplos:

1. “ut per médium transsuersaremur caput ipsiud uallis, et sic **plecaremos** nos as montem Dei” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 100, ed. D 1948).
2. “[...] et euntes inter montes intraueramus, ac sic ergo denuo **plicauimus** nos ad mare” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 120, ed. D 1948).
3. “[...] foras ciuitatem tamen ante óculos persarum, cum iam prope **plicarent** ciuitati, ita ut usque tertium miliarium de ciuitate essent...” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 166, ed. D 1948).¹

Nesses exemplos, observamos que o traço de movimento do verbo *chegar* é uma das suas principais características desde o Latim tardio até os dias de hoje no Português. Isso implica dizer que o verbo *chegar* vem preservando determinados traços semânticos da forma fonte até a forma gramaticalizada, sempre com a sugestão de um movimento, ainda que, muitas vezes, só percebido de forma inferencial dentro de determinados contextos, com, ou sem, a saída e a chegada a pontos fixos distintos.

Nascentes (1955)², antes de tratar do verbo *chegar*, refere-se primeiramente ao verbo “*avir*”, do Latim “*advenire*”, que, em Espanhol, tornou-se “*avenite*”; em Italiano, “*avvenire*”;

¹ 1. “Então, pelo meio sigamos, pela cabeça do mesmo vale e assim nos dirigimos ao monte de Deus”
 .2. “[...] e intes, erramos entre os montes, contudo, novamente dobramos em direção ao mar;3. Estavam a três milhas, quando quase cruzaram a cidade, diante dos olhos dos persas. (Tradução do Professor Doutor Lucas Santos campos/UESB)

² Nascentes (1955) faz referência ao vocábulo “*Curare*” derivado do guarani *urari*, cujo significado abarca a expressão “de uma língua americana”. O autor afirma que Larousse dá as formas *loorrara*, *vourary*, *ourary* do dialeto galibi ou cariba. E, segundo ele, *Locotsch A’merikaiv Worter* dá a opinião

e, em Francês “avenir”. Depois, o filólogo defende a ideia de que para se referir à chegada de alguém ou algo, apenas, se utilizava os verbos *ir* e *vir*, só depois há o uso de um vocábulo para indicar quando alguém atinge um ponto físico, ou seja, o resultado de *ir* e *vir* passa a ser indicado com o verbo *chegar*. Assim, Nascentes (1955), no mesmo dicionário, faz referência ao verbo *chegar* como sendo, mesmo, oriundo da linguagem náutica, que, inicialmente, indicava o dobrar as velas na chegada ao porto. E, assim como no Português, *chegar*, primordialmente, significa “dobrar”; no Espanhol “llegar”; em Italiano “piegare”; e, em Francês, “player/plier carregam a mesma carga semântica. O que nos leva a observar que houve uma mudança gráfica de uma língua para outra, mas o significado permaneceu equivalente, sempre, carregando o traço de movimento.

Bueno (1968), em *O Grande Dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*, obra essa que considera as contribuições do tupi guarani para a formação da Língua Portuguesa, parte com rigor da origem náutica do verbo *chegar*, dando como primeiro significado o verbo *vir*: “Vir ao termo de uma viagem”. Além disso, firma a ideia de que esse verbo está diretamente relacionado com o ato de movimento até a um ponto físico, como em: “Aproximar-se do ponto final a que se dirigia alguém ou alguma coisa em movimento” (Bueno, 1968, p. 248); e, como referência própria da linguagem náutica, como em: “abordar”, “atracar”, “encostar”. Dessa maneira, o verbo *vir* teria uma relação semântica inegável com o verbo *chegar*, dado que ambos tratam de marcar o movimento de algo ou alguém de um ponto fixo X a um ponto fixo Y.

Cunha (1986), por sua vez, considera o vocábulo *chegar* com o sentido de ‘atingir um ponto fixo, (com dupla noção de tempo e de espaço)’. Do lat. *Plicare* ‘dobrar, enrolar’: explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem náutica; do sentido primitivo do Latim ‘dobrar, enrolar’ passou-se ao de ‘chegar (ao porto, a embarcação)’, pois, nessa ocasião, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas na chegada aos portos.

O Novo dicionário da Língua Portuguesa, de autoria de Lexilello (1989), traz a origem etimológica do verbo *chegar* no Português europeu, que se equipara com os dicionários do

de que é uma contaminação do tupi cururu (sapo) e urari (flecha) envenenada (das raízes *ur*, chegar, e *ar*, cair. Explicação que nos chamou a atenção dado que o significado que a expressão “de uma língua americana” abarca pode ser entendido como “vindo de uma língua americana”. E, a inserção do verbo “vir” no significado de “Curare”, a nosso ver, está relacionado com o verbo *chegar*, na medida em que assim como “a flecha cai aonde chega” as velas caem quando chegam ao porto para serem dobradas.

Português brasileiro no que diz respeito a etimologia do item em estudo, considerando também a origem náutica do vocábulo, com os seguintes usos:

Quadro 1 – Alguns usos do verbo chegar no Português de acordo com Lexillelo (1989)

Sentidos	Exemplos
Atingir	a. Chegou ao Rio de Janeiro uma esquadra inglesa. b. A bala não chegou ao alvo.
Conseguir	Não chego a perceber-te.
Ser suficiente	A receita chega para a despesa.
Elevar-se a/ir até o ponto de	Chega a parecer incrível.
Igualar	Nada chega a mocidade.
Aproximar-se	Chegue-se para os bons.
Conformar-se	Chegar-se a razão.
Aproximar	Chegar a brasa à sua sardinha.

Fonte: Lexillelo (1999, p. 143)

Observamos, a partir dos dicionários etimológicos consultados, que há concordância entre os filólogos a respeito da origem do verbo *chegar*. Também, notamos que, desde o seu significado original, esse vocábulo vem adquirindo sentidos mais abstratos. Segundo Faggion (2012), em artigo intitulado *Chegar, Pregar: dois diferentes processos de gramaticalização*, o verbo *chegar* desenvolveu significados que vão além da chegada a um ponto físico (cheguei a Porto Alegre), para significados mais abstratos, como em:

Quadro 2 - Usos dos verbos chegar segundo Faggion (2012)

Exemplos	Significado
a. Cheguei ao desespero. →	[+ abstrato]
b. Cheguei ao capítulo nove. →	[+ lugar virtual]
c. Cheguei a correr. →	[+ ação]
d. Cheguei a miséria. →	[+ estado]
e. Cheguei a doutor. →	[+ grau]
f. Cheguei de São Paulo. →	[+ trajetória]
g. Chega de sofrer. →	[+ fim de um estado]

h. Chega de trabalhar hoje. →	[+ fim de uma ação]
-------------------------------	---------------------

Faggion (2012, p. 9, adaptação da pesquisadora)

Ao pesquisarmos a origem do verbo *chegar*, constatamos que, além dos seus novos sentidos, há mudanças sintáticas, com a adesão de novas preposições (de, para, em), que favorecem a abstratização do item enquanto característica própria do processo de gramaticalização. Tomando como base essa característica, observamos que, etimologicamente, o uso mais concreto do verbo *chegar* está para o sentido de *vir*, sendo este o sentido que apresenta mais marcadamente o traço semântico de [+ movimento](direção de um ponto a outro). Também constatamos que, sintaticamente os filólogos consideram *chegar*, com relação a transitividade, como: a. verbo intransitivo (Ele já chegou.); b. transitivo direto (Chegou às mãos a faca para cortar o mal); c. Transitivo indireto (Chegou a Belo Horizonte hoje à tarde).

Na próxima subseção, apresentamos alguns dicionários de usos, nos quais verificamos as possibilidades de sentidos permitidas na Língua Portuguesa para o verbo *chegar*.

2.1.3 Nos dicionários de usos

Os dicionários de usos aos quais pesquisamos para a produção desta dissertação permitiram que verificássemos algumas possibilidades que o verbo *chegar* comporta dentro da Língua Portuguesa. Além disso, foi possível a observação de que muitos desses usos não são mais realizados, característica do próprio processo de mudança linguística, enquanto novos usos surgiram e concorrem com aqueles já existentes e de permanente realização. É o caso dos exemplos que Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1798-1799) apresenta em sua obra intitulada *Elucidário das palavras, termos e frases*, editada por Mário Fiúza (1865). Ele traz as seguintes acepções ao verbo *chegar*, que são pouco usadas na língua Portuguesa falada no Brasil e aparecem em determinados procedimentos e situações de cunho jurídico, em audiências e documentos judiciais:

- a. *Chegar à igreja. Fazer bem d'alma, missas, ofícios, esmolas e tudo o mais que pode sufragar às almas dos fiéis defuntos. E peço-lhis por mercée, que me cheguem á Egreja, o mais que poderem. (Documento de Vairão de 1289).*
- b. *Chegar à justiça. Fazer que alguém seja castigado e punido pela justiça, obrigar à pena da lei. Que nom era theudo a aver pena de justiça, nem el de Direito auçom, porque a ella podesse chegar. Sentença das Bentas do Porto de 1337.*

- c. *Chegar as testemunhas. Aduzir as testemunhas em juízo, presentá-las ao juiz para serem, legitimamente, perguntadas.*

No exemplo (a) “Chegar à igreja” vemos duas possibilidades de interpretação:

1. Não, necessariamente, se trata de ir até a igreja. Ou seja, não há um ser animado que se locomove fisicamente até um determinado ponto. Nesse caso, o verbo está sendo usado no sentido de “achegar-se”, “participar”, “fazer aquilo que a igreja ensina”, estar perto e ativo nas obras da igreja. O que significa dizer que, alguém pode “chegar à igreja” mesmo sem sair de casa. Ou seja, o verbo *chegar*, nesse exemplo, mantém de forma muito tênue um traço de movimento, pois há um ponto fixo marcado, a saber: “igreja”, mas não há um ente em movimento fixo do ponto X ao ponto Y.
2. Há um movimento de saída da posição (eclesiasticamente inferior) em que se encontra o ente em relação ao lugar igreja (eclesiasticamente superior). Haveria, então, uma ideia de movimento implícita que se revela pelo movimento de saída e de chegada à igreja.

Por sua vez, o exemplo (b), “justiça” não denota ponto fixo, ainda que o deslocamento pareça persistir. E, seguindo a prerrogativa de movimento, o exemplo (c), por sua vez, difere-se de (a) e (b), pois, apesar de não ter um ponto físico [+ marcado], “as testemunhas” são levadas, apresentadas e interrogadas pelo “juiz”, denotando um movimento real, de um ser animado que sai de x para y literalmente.

Fernandes (2000) apresenta, em seu *Dicionário de formas e construções opcionais da língua Portuguesa*, obra na qual o autor expõe usos não prototípicos de construções em que os verbos figuram gramaticalmente os seguintes exemplos com o verbo *chegar*, ora como item lexical, ora como item gramatical:

- a. 1. “*Caminhando, assim chegaram a casa, onde eram esperados para jantar.*” (Graça, *Aranha. Canaã. P.157*);
2. “*Minha mulher percebera isso e prevenira-me, quando cheguei a casa para jantar: ...*” (Ciro dos Anjos, *Abidias, 4 ed., 1 impr., p.1*)
- b. 1. “*Gosto tanto de judiar com homem duro, chega nem sei...*” (Cordeiro de Andrade, *Cassacos, p.173.*)
2. “*Lá fora uma roqueira estrondou que chega abalou as paredes da casa.*” (Bernardo Elis, *Veranico de Janeiro, 6.ed.,p.36*).

Fonte: Fernandes, 2000.

De acordo com a Sociolinguística Variacionista (LABOV; 1972; 1982; 1994; 2001), é possível compreendermos que, no exemplo “a1” e “a2”, o verbo *chegar* exerce sua função prototípica e sua característica de movimento está reforçada pela presença da preposição “a”.

Já no exemplo “b1”, vemos o uso do verbo *chegar* como gramatical, exercendo uma função aspectual que, segundo Costa (1997), volta-se para um maior ou menor grau de expressividade que o falante quer dar ao seu enunciado, tornando-o mais expressivamente objetivo, concreto e observável. Nesse caso, a expressão “chega nem sei” parece denotar uma intensidade tal do fato mencionado que o falante não consegue mensurar com exatidão sua força e verdade, a não ser de forma consecutiva. Assim, “b2” também apresenta um valor consecutivo de que faz uso o falante para expressar quão forte foi o estrondo “que chega abalou as paredes da casa”.

Vejamos o registro do verbo *chegar* em alguns dos dicionários³ utilizados comumente no Brasil, a saber: Houaiss (2009), Luft (1998), Michaelis (1998) e o Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa (1986). Para tanto, as acepções que encontramos foram organizadas de três maneiras diferentes: a. primeiro apresentamos um quadro em que consta os significados mais comuns de *chegar* no Português falado no Brasil nos quatro dicionários; b. todas as acepções encontradas nos selecionados dicionários selecionados; c. um quadro com as acepções menos utilizadas no Português falado hoje no Brasil.

Quadro 3 – Acepções do verbo *chegar* igualmente usadas em alguns dicionários de usos do Português do Brasil

Sentido	Houaiss	Luft	Michaelis	Novo d. aurélio
Vir	X	X	X	x
Atingir	X	X	X	x
Alcançar	X	X	X	x
Alçar (uma posição)	X	X	X	x
Igualar/ ombrear	X	X	X	x
Bastar	X	X	X	x

Fonte: elaboração da pesquisadora

- Chegar v. (s XIII) 1. t.i.int. Atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda < (Chegou hoje da Europa); (A flecha não chegou ao alvo); (O avião chegou antes da hora). 2. t.i.int. Alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo (o menino chega ao ombro do pai), (a saia chega até o chão), (chega até altas horas estudando); 3. t. i. Atingir um ponto extremo; ir ao máximo (chegar aos limites da paciência). 4. t.i. Alçar-se a uma posição vencendo etapas (chegar a embaixador) etc; 5. t.i. Alcançar (uma quantia, um valor), elevar-se, montar, importar (a multa chega a dois salários mínimos); 6.t. i. Igualar-se, comparar-se, ombrear (A praia é bonita, mas não chega aos pés de Copacabana); 7 int. começar a acontecer ou estar iminente (A noite chegou sorrateira); 8 t.i.int. Ser suficiente; bastar (A mesada não chega (para a condução)), (Chega de reclamações) 9 int. aparecer concretamente,

³ Optamos por manter as citações dos dicionários de usos, mesmo que extensas, para que o leitor desta dissertação possa ter uma ideia de como o verbo *chegar* pode figurar em diferentes funções e níveis de abstratização. E, para exemplificação de usos em que o item apresenta funções menos usuais apresentamos grifos nossos.

vir, sobrevir, começar, dar-se (O sucesso do autor finamente chegou); 10 t. d. int. movimentar, mudando de posição (chegou a cadeira para trás), (Chegue aqui). 11. Levar (uma égua ou lote de éguas para padreação), *Chega pra lá –informal-1. Encontrão, trambolhão, empurrão (levou um chega pra lá que a fez perder o equilíbrio); 2. Ato de chamar à ordem: reprimenda, admoestação (dar um chega pra lá em alguém); 3. Ato ou efeito de não atender a pretensão de outrem; ato, efeito ou fato de se mostrar adverso a; fora (deu um chega pra lá no namorado da irmã); 4. Frieza, gelo (o chega pra lá do amigo deixou-o magoado). * Gram. a. a respeito da conjugação desse verbo, ver -egar; b. chegar us, como verbo auxiliar tem valor aspectual e indica que a ação denotada pelo verbo principal se apresenta como um resultado relativamente às ações anteriores não explicitadas [ver aspecto] (ele nem chegou a falar com o guarda porque não foi preciso; o pregador chegou a converter ateus renitentes) e/ou que há uma avaliação subjetiva por parte do falante em relação ao fato que anuncia [ver modalidade] (tem tanto medo do pai que chega a tremer quando entra em casa.) * Uso no Brasil, em registro informal, a 1ª p. s. do pret. Perf. Ind. Ocorre positivamente com o sentido de “espalhafatoso”, “chamativo”, “berrante”: um carro cheguei; blusas amarelo cheguei; ela está muito cheguei. (Houaiss, 2009, p.452).

- Chegar 1. Int ou TI: chegar (a ...) (OBS). Atingir o termo de movimento de ida ou vinda; atingir (o lugar visado): Ele chegou cedo (à escola). Chegou aqui\lá. Ele ainda não chegou. “Quem chega tarde, acha o lugar tomado” (Prov.) Aproximar-se: “Não chegues a força que não te enforcarão” (Prov.) – OBS. Verbo de „movimento para”, é natural reger ele preposição a diante de complemento de lugar. No Brasil, entretanto, usa-se muito a preposição em (...), como aliás também com outros verbos de movimento. (...) 2. TI: chegar a ... Alcançar; atingir: A escada não chega ao teto. Sua mente não chega a esse nível de abstração.\ Consequir: Chegaste a convence-lo?\ Elevar-se, orçar: A dívida chega a um milhão.\ Ir ao ponto ou extremo de: Ele chegou a esmolar.\ Chegar a ...(em...) comparar-se; igualar-se: Ela não chega à mãe (em beleza)\ Chegar-se em...; chegar-lhe. Bater; espancar. 3. TD(I): chega-lo (a, para, de ...). Pôr-se perto, aproximar-se. TDp(1): chegar-se; achegar(- se): “Chegar a cadeira ao hóspede (ou do hóspede)” (Jucá). “Chega-se o bem, serás um deles; chega-te aos maus, serás pior que eles” (id.)// (...) 4. TDI: chegá-lo por... oferecer como preço de compra: Ele chegou a uma soma alta pelo terreno.// 5. Int: chegar. Ter início, começar (uma estação do ano.)// Acontecer, sobrevir: “Uma desgraça nunca chega só” (Aulete). 6. Imp TI: chegar de ... bastar: Chega de reclamações. (LUFT, 1998, p. 97).

- Chegar (lat plicare) vti e vintr. 1. Vir: Seu irmão acaba de chegar do Rio. Chegou o dia de acertarmos as contas. Vti e vint. 2. Aproximar-se de um ponto: Os excursionistas chegaram até Guaiúba. O pessoal acaba de chegar. 3. Vtd. Pôr ao alcance; aproximar-se: Chegue uma cadeira. Chega-te aos bons. 4. Achegar-se: “Estendeu-lhe os braços, ela chegou-se atraída” (Coelho Neto). Vint. 5. Começar: Chegou o inverno. Vti. 6. Atingir, igualar: O maior deles não chega a esse tamanho. Vtd. 7. Adiantar-se, avançar: Até aonde chegará sua audácia? Vti. 8. Conseguir: não chegou a realizar o negócio. Vpr. 9. Atender, conformar-se: Embora tarde, chegou-se à razão. Vti e vint. 10. Ser suficiente; bastar: o seu dinheiro não chega para tanto. Chega, não cabe mais. Vti. 11. Elevar-se; orçar por: achou-se uma quantia que não chegou a dez dólares. Vint. 12. Acontecer: Uma desgraça nunca chega só. Vtd. 13. Levar (uma fêmea) à cobrição ou padreação: Chegou a égua ao pastor. (MICHAELIS, 1998, p.103).

- Chegar [do latim vulgar plicare, „dobrar”, der. regressiva de applicare, „abordar”, „arribar”]. V. intr. 1. vir: chegou a hora da eleição. 2. atingir o termo do movimento de ida ou vinda: Depois de longa caminhada meu amigo chegou. 3. Atingir certo lugar: Chegaram aqui

ontem pela manhã. 4. Ter início, começar: a primavera chega dia 21 de setembro. 5. Acontecer, suceder, sobrevir: chegou, de repente, a desgraça, quando tudo ia bem. 6. Bras. Ser suficiente; bastar: ofereci-lhe mais dinheiro, mas ele disse que aquele chegava; “viver somente de cartaz não chega” (do samba Onde estão os tamborins? de Pedro Caetano). 7. Bras. Ir embora, retirar-se: veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando. T.I. 8. Elevar-se; orçar: Seus gastos chegam a 500 cruzados. 9. Atingir, alcançar: a técnica chegou, no século XX, a um grande aperfeiçoamento; não chega a última prateleira da estante. 10. Ir ao extremo de; ir ao ponto de: estava tão enfraquecido que chegou a cair; “explica que esse [Van Gogh] foi o pintor notável, mas esquisito à beca, chegou um dia a cortar a orelha direita (ou esquerda?) para mandar embrulhada num papel de presente para uma dona” (Lígia Fagundes Teles, A disciplina do amor). 11. conseguir, lograr: apesar das palavras amáveis, não cheguei a sensibilizá-lo. 12. igualar-se, comparar-se: é muito inteligente, mas não chega à irmã. 13. Ser bastante, bastar: “_. Mas isto é uma bagatela, não é uma fortuna! __. Chega-me! (José de Alencar, Lucíola, p.171). (...) (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986, p.113).

Grifos: elaboração da pesquisadora

Os 04 dicionários verificados apresentam, consensualmente, a mesma origem latina do verbo *chegar* e trazem como principal acepção o movimento de ida e vinda com a aproximação de um ponto fixo. Contudo, destacamos alguns usos que parecem estar em desuso ou são pouco utilizadas no Português falado no Brasil, como observamos no quadro 2:

Quadro 4 – Usos menos comuns do verbo chegar no Português falado no Brasil

Sentido	Houaiss	Luft	Michaelis	Novo D. Aurélio
Levar um animal a padreação	X (A égua chegou-se ao animal da roça vizinha)		X (Chegou a égua ao pastor)	
Oferecer como preço de compra		X (Posso chegá-lo por R\$ 200,00)		
Ir embora				(Veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando.)

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Se observarmos como aparecem dispostos os significados nos dicionários analisados, perceberemos que o verbo *vir* ocupa o primeiro lugar na ordem dos sentidos mais usuais, seguido de *atingir* (um lugar), em movimento de ida ou vinda. Mas, além desses sentidos, esses dicionários apresentam usos para o verbo *chegar* que envolvem a incorporação de novos sentidos que perpassam por processos cognitivos, dos quais, por hipótese, parecem se destacar a metonímia e a metáfora, que conforme mencionamos, trataremos em seção específica.

Destacam-se ainda, as acepções do dicionário Houaiss, dado que a obra apresenta vários usos cujos sentidos se afastam do verbo *chegar* prototípico e se aproximam de usos coloquiais e mais gramaticalizados, como nos seguintes exemplos:

EXEMPLO	SENTIDO
<i>O figurino ficou muito cheguei.</i>	Espalhafatoso
<i>Não gosto dessa cor, é muito cheguei.</i>	Chamativa
<i>Achei que a pintura ficou muito cheguei.</i>	Berrante
<i>A blusa dela é amarelo cheguei.</i>	Indiscreta

Fonte: elaboração da pesquisadora a partir das acepções do verbo *chegar* encontradas em Houaiss, 2009, p.452.

As observações a respeito dos exemplos encontrados em alguns dos principais dicionários de uso da Língua Portuguesa que utilizamos nesse trabalho nos fazem reforçar a hipótese de que, do ponto de vista do Funcionalismo norte americano, de onde partimos, encontramos na Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil o uso do verbo *chegar* como verbo pleno, lexical, exercendo sua função prototípica, mas, também, constatamos que esse mesmo verbo apresenta usos em franco processo de gramaticalização. Dada essa observação, seguimos para a próxima subseção com o intento de apresentarmos as funções gramaticais do verbo *chegarna* língua Portuguesa.

2.2 Nas ondas das gramáticas: uma viagem e as várias funções de um verbo

Na próxima subseção, apresentaremos conceitos e características atribuídas a categoria do verbo e o que os gramáticos chamam de perífrase verbal e/ou locução verbal, utilizamos, para isso, gramáticas históricas, descritivas e prescritivas com o intuito de identificarmos os usos do verbo *chegar* na Língua Portuguesa. Pretendemos mostrar a importância da classe de palavras em que se encontra o item objeto de nossa investigação, qual a sua relevância na organização do discurso e quais os problemas de definição o verbo sofre enquanto classe gramatical, bem como os problemas relacionados a auxiliaridade verbal. Enfim, na subseção 2.2.1 partimos de conceitos gerais do verbo para entendermos o processo de gramaticalização de *chegar*, em uma perspectiva funcional.

2.2.1 O verbo chegar em algumas Gramáticas Históricas

Said ali (1971) chama de România o domínio que engloba os idiomas originados no Latim, a saber: os idiomas românicos, os romances e os neolatinos. Segundo ele, dados os efeitos da colonização que alguns povos fizeram na África e na Ásia e no continente americano, muitos lugares longínquos passaram a falar línguas de origem latina, mais especificamente, do Latim Vulgar, propagando de tal forma essas línguas e os seus dialetos que a ciência, ainda, não delimitou a classificação das mesmas. A dificuldade, segundo o gramático, está no fato de essas línguas serem originadas da língua falada, viva. Ou seja, trata-se da língua com todas as suas faces, da língua imediata, necessária, em uso, como analisada por nós, funcionalistas. Para Said Ali (1971), o verbo é, então:

[...] a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota ação ou estado e nas línguas do grupo ariano possui sufixos próprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (o atual, vindouro ou pretérito) e o modo da ação (real, possível, etc). (SAID ALI, 1971, p.129)

Assim como a maioria das gramáticas, a obra de Said Ali (1971) segue um conceito de verbo como ação ou estado, que possui terminações variáveis com que se distingue a pessoa do discurso, o número e o tempo, além, é claro, do modo da ação. Seguindo uma extensa explanação sobre os tempos verbais, Said ali (1971) corrobora para o estudo das conjugações compostas, próprias das perífrases verbais, afirmando que essas estruturas são compostas a partir da combinação de um verbo relacional (auxiliar) com outro verbo na forma infinitiva, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional (principal). Ele procede em sua explanação a partir da consideração de que tempo composto e perífrase verbal é a mesma coisa, diferente do que, segundo ele, os estudos gramaticais antigos consideravam. Para o gramático, expressões do tipo “ter andado” e “estar andando” foram originadas por processos análogos. Said Ali (1971) considera como auxiliares (autênticos) somente os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Isso porque eles denotam, além da ação ou estado de outros verbos, outros sentidos próprios de sua relação com verbos no infinitivo. Daí surgem as conjugações compostas, que se igualam as formas finitas e infinitas das conjugações simples, com exceção do particípio do pretérito e o imperativo

Apresentamos, a seguir, um resumo das principais características do verbo *chegar* a partir das gramáticas históricas estudadas:

Quadro 5 - O verbo chegar em Gramáticas históricas

Autores	Transitividade	Nocional ou relacional	Suporte ou auxiliar
Said Ali (1971)	Intransitivo	Nocional	Suporte
Coutinho (1976)	Intransitivo/transitivo	Nocional	Suporte

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O acesso que tivemos as gramáticas históricas nos permitiu que chegássemos as seguintes conclusões a respeito do verbo *chegar*:

- É intransitivo e transitivo;
- Admite adjuntos (sendo o principal e mais antiga a partícula locativa “a”)
- Faz parte dos verbos arcaicos;
- Não é tradicionalmente um verbo auxiliar;
- Indica movimento (com e sem referência a ponto físico)

2.2.2 O que dizem as Gramáticas prescritivas

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2004), de forma descritiva, nos apresenta um extenso capítulo sobre o verbo. Segundo ele, o verbo é uma unidade de significado categorial fundamental para a organização do falar. E, a locução verbal “[...] é a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal [...]” (BECHARA, 2004, p. 230). Chama-nos a atenção que o referido gramático, ao tratar das locuções verbais não se debruça no tocante às características que diferenciam as locuções das perífrases verbais, nem mesmo da questão de nomenclatura das mesmas. Além disso, Bechara (2004) se propõe a apresentar várias aplicações dos verbos auxiliares na Língua Portuguesa, mas sempre partindo dos verbos *ter*, *haver* e *ser*, que como se sabe, no Português, são os que mais atuam na construção de orações com um verbo auxiliar dando suporte ao verbo principal.

Bechara (2004), no capítulo referente à locução verbal, cita os verbos de movimento, mas não enquanto verbos auxiliares e sim como verbos principais que podem ser auxiliados pelo verbo *ser*, lembrando-nos que esse verbo aparece apenas em combinações que remetem aos depoentes latinos, principalmente, os verbos de movimento como em:

“*Era chegada a ocasião da fuga*” (BECHARA, 2004, p.232)

Bechara (2004, p.232) se preocupa, ainda, em esclarecer que os verbos auxiliares modais possuem características importantes. Segundo o gramático, esses verbos se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal para exercer rigorosidade na determinação de como se dá a ação verbal, que pode ser por: a. necessidade, obrigação, dever; b. possibilidade ou capacidade; c. vontade ou desejo; d. tentativa ou esforço; e. consecução; f. aparência, dúvida; g. movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto); e, h. resultado. O verbo *chegar* é enquadrado pelo gramático como um verbo que, acompanhado da preposição “a”, expressa resultado, como em “chegar a escrever”. No entanto, observamos que expressões como: *Chegar a escrever, chegar doer, chegar delirar* são encontradas na Língua Portuguesa falada no Brasil, o que nos sugere que, no processo de gramaticalização por que passa o verbo *chegar*, a ausência da preposição, na modalidade falada, não altera o resultado de V1 em relação ao sentido aspectual da oração, ou seja, nesses exemplos, com ou sem a preposição, V1 continua exercendo função resultativa.

Dentre as gramáticas prescritiva, encontra-se a de Cunha e Cintra (1985), que define o verbo como uma palavra variável responsável em exprimir o que se passa, ou um acontecimento representado no tempo, que tem como característica principal e que o diferencia da classe dos nomes (substantivos e adjetivos), a função predicativa que desempenha na estrutura oracional. Para ele, os verbos auxiliares formam junto com o verbo principal as locuções verbais e, nessas estruturas, somente o auxiliar se conjuga. O gramático faz questão de frisar que os verbos *ter, haver* e *ser* só são auxiliares quando acompanham a forma nominal de outro verbo, na constituição de um todo significativo. No entanto, apesar de apresentar os verbos *ter, haver* e *ser* como os que tradicionalmente funcionam como verbos auxiliares, Cunha e Cintra (1985), assim como Rocha Lima (2003), avançam um pouco nos estudos e diz que há, também, outros verbos que podem funcionar como verbos auxiliares, como: *ir, vir* e *andar*.

Por sua vez, Cunha e Cintra (2001), na *Nova gramática do Português Contemporâneo*, ocupam-se da descrição da Língua Portuguesa a partir da consideração sincrônica das diversas normas vigentes dentro de um enorme domínio geográfico, principalmente em Portugal e no Brasil. Para isso, consideram, nessa obra, a linguagem como um conjunto psíquico complexo determinado pela vida social. A língua, seguindo esse preceito, é um sistema pertencente a um grupo de indivíduos. E, para os autores, o discurso está para a execução individual, pautado pelo gosto e pelo pensamento.

Na perspectiva da língua enquanto fenômeno social, Cunha e Cintra (2001) não se diferenciam da maioria dos gramáticos e apresentam o *verbo* como a palavra variável que

exprime um acontecimento no tempo. Além disso, os autores deixam claro que não cabe a essa única classe o papel de núcleo do predicado, pois o fazem também o substantivo e o adjetivo. Mas, algo é peculiar ao *verbo*: a função obrigatória de predicado.

Quanto à função, para Cunha e Cintra (2001), o verbo pode ser principal ou auxiliar. Sendo que o primeiro grupo de refere àqueles verbos de significação plena, como núcleo da oração. E, os verbos auxiliares são aqueles que, por sua vez, constituem, junto com um verbo pleno, as locuções verbais. Em síntese, para os gramáticos, os auxiliares mais comuns (mas não os únicos) são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Para Rocha Lima (2003), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, a linguagem é, em sentido amplo, qualquer processo de comunicação, que se estende desde um gesto mímico, passa pelos sinais e sinalizações gráficas, ou a transmissão de mensagens por meio de artefatos como bandeiras, emblemas etc. No entanto, como o próprio gramático afirma, para a linguística o que realmente interessa é “[...]a linguagem que se exterioriza pela palavra humana, fruto de uma atividade mental superior e criadora (ROCHA LIMA, 2003, p.04). É essa linguagem, sobre a qual nos debruçamos nessa viagem rumo a gramaticalização do verbo *chegar*.

Como postula Rocha Lima (2003), a língua é um sistema e um fato social por excelência. E, esse fato encontra seu equilíbrio por duas tendências naturais: a diferenciação, força natural, espontânea, que causa a desorganização necessária; a unificação, força responsável em corrigir, disciplinar e conservar. O responsável em pôr essas duas forças no equilíbrio, ou desequilíbrio, necessário é o indivíduo, o usuário da língua de acordo com as suas condições de “assenhoreamento” dos recursos que as línguas dispõem.

De acordo com a gramática prescritiva de Rocha Lima (2003), o verbo é a palavra que expressa um fato, um acontecimento que trata daquilo que se acontece com os seres, e a sua volta. Rocha Lima (2003) apresenta o verbo como a palavra responsável por expressar um fato ou acontecimento, por tratar do que se passa com os seres ou em torno dos seres. Segundo o gramático, essa é a parte mais rica da oração, no que diz respeito à variação das formas e aos acidentes gramaticais, dando origem ao modo, ao tempo, ao número, a pessoa e a voz, de acordo com a forma em que se apresenta.

Se tratando da auxiliaridade verbal, Rocha Lima (2003) parte da consideração tradicional em que os verbos auxiliares fundamentais, pelas características aspectuais especiais, são: *ter*, *haver* e *ser*. Mas, o autor faz questão de frisar que existem outros verbos auxiliares em Português, dos quais ele cita *querer*, *estar*, *ficar* e *ir*. Quanto aos complementos, para Rocha Lima (2003), o verbo *chegar* enquadra-se nos verbos intransitivos, ou aqueles em que o anexo

do predicativo não lhe é útil, como complemento, mas apenas para lhe definir o sujeito, como em *O homem chegou atrasado*.

. E, Almeida (2005) apresenta, em sua *Gramática Metódica da língua Portuguesa*, um estudo minucioso da categoria *verbo*. Para ele, verbo é toda palavra que indica ação e se difere das outras categorias por princípios semânticos e morfológicos. É uma classe de palavras que exprime ideia de tempo, modo, voz, pessoa e número e, muitas vezes, algumas formas verbais recebem o auxílio de outros verbos. Segundo Almeida (2005), como a maioria dos gramáticos, são auxiliares autênticos *ser, ter, haver e estar*:

Em português, os auxiliares *ter* e *haver*, seguidos da preposição *de* e de um infinitivo (*tenho de louvar* ou *hei de louvar*, *tinha de louvar* ou *havia de louvar* etc.) formam locuções verbais, que significam resolução ou obrigatoriedade de praticar uma ação. Tais circunlóquios implicam sempre ideia de futuro e em latim se traduzem pelo particípio futuro seguido do verbo *sum*, conjugado no tempo em que se necessita. (ALMEIDA, 2005, p.257)

Almeida (2005) não menciona se o verbo *chegar* pode atuar como verbo auxiliar em estruturas perifrásticas, mas considera esse um verbo de movimento, que em algumas estruturas pode exercer função de suporte para outros verbos nominais *e/* ou, nomes propriamente ditos. Sobre as perífrases (ou locuções verbais), ele afirma que se há expressões do tipo “*casa do estudante*”, em que há uma locução substantiva, e se há na Língua Portuguesa locuções adjetivas, logo pode também haver ações que precisem de mais de um verbo para sua demonstração, a esse tipo de construção dá-se o nome de locução verbal. Ou seja, a locução verbal é a expressão de uma ação por meio de uma frase, que pode ser constituída de dois ou mais verbos. Para Almeida (2005, p.224), sempre que isso acontece a ação é expressa pelo segundo verbo, sendo o primeiro verbo responsável por representar o modo, o tempo, a pessoa ou a ideia acessória da ação. Para ele, as locuções verbais se dividem em quatro tipos, com apresentamos a seguir. Vale ressaltar, no entanto, que o autor faz a análise a partir dos verbos considerados por ele como auxiliares autênticos (*ter, haver*) e, a partir dessa análise construímos os exemplos nos quais o verbo *chegar pode*, se visto como verbo auxiliar, figurar um dos tipos de locuções verbais segundo apresenta Almeida (2005, p.271), como podemos observar no quadro a seguir:

Tipo de Locução verbal	Exemplos
1. Locuções verbais que indicam passividade.	<i>Eu cheguei morto.</i>
2. Locuções verbais que indicam linguagem projetada.	<i>Eu chego a pagar.</i>
3. Locuções verbais que indicam continuidade, frequência ou reiteração da ação.	<i>Eu cheguei falando.</i> <i>Eu cheguei a pensar.</i>
4. Locuções verbais que indicam começo ou desenvolvimento gradual da ação.	<i>O trem chega parando.</i>

Dos quatro tipos de locuções verbais apresentados por Almeida (2005), o verbo *chegar* auxiliar se encaixa com mais propriedade no grupo três (3), ou seja, é um verbo que, pode constituir uma locução verbal, em que figure precedido da preposição *a*, dando ideia de ação continuada, como em: *a. “o trem chega a tremer”*.

As gramáticas prescritivas que analisamos possibilitaram as seguintes constatações:

- Não há consenso entre os gramáticos para a diferenciação entre o que é Locução verbal e o que é perífrase verbal;
- A tradição gramatical considera, como verbos prototipicamente auxiliares, *ter*, *haver*, *ser*;
- Estudos mais recentes a respeito da auxiliaridade verbal passam a considerar os verbos de movimento como aqueles que podem ocupar posição V1 dentro de estruturas perifrásticas.

2.2.3 Gramáticas descritivas

O verbo é uma classe gramatical amplamente estudada pelas gramáticas descritivas do Português. Trata-se, por isto mesmo, de uma classe muito importante em qualquer lugar do mundo, dada a sua complexidade para formação das línguas. Muitos autores concordam com a premissa de que é a partir de um conceito semântico-formal que o verbo se estabelece enquanto a classe mais necessária na construção das orações. De acordo com Fávero (2015), o verbo é

responsável em unir dois termos: sujeito e atributo, se subdividindo em duas funções, a saber: 1. Interna (sintático-semântica) e 2. Externa (performativa e pragmática).

Para Castilho (2016), o estatuto categorial do verbo leva em consideração os sistemas de que é feita uma língua, a partir de definições semânticas, gramaticais e discursivas e da relação entre elas. Para ele, as propriedades gramaticais do verbo se definem por meio da morfologia e da sintaxe. Sendo o verbo, segundo o autor, do ponto de vista morfológico, constituído de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos representados por ele pelo seguinte esquema:

V → morfemas-vocábulo prefixais + radical + morfemas flexionais sufixais

Castilho (2016, p. 396) prossegue na caracterização gramatical, afirmando que, do ponto de vista sintático, o verbo é a palavra que articula seus argumentos por meio do princípio da projeção, com atuação das unidades linguísticas na gramática, na semântica e no discurso. No entanto, segundo ele, há um problema de generalização categórica, porque o substantivo, o adjetivo e o advérbio, também, “tem a propriedade de subcategorizar argumentos” (Castilho, 2016, p.396), o que os elegeria a uma mesma classe. Então, o linguista sugere que é necessário voltar-se para a morfologia, como forma de diferenciar o estatuto gramatical verbal das demais classes de palavras.

Ao nos apresentar as propriedades do verbo, do ponto de vista semântico, Castilho (2016, p.397), afirma que “[...]os verbos expressam os estados de coisas”. É que é, por meio do verbo, que são entendidas as ações, os estados e os eventos dos quais falamos ou escrevemos, sendo esse um dos pontos a elevar o grau de importância dessa classe de palavras para a formação das línguas. Do ponto de vista discursivo, o linguista define o verbo da seguinte maneira:

- i. A palavra que introduz participantes no texto;
- ii. A palavra que qualifica devidamente os participantes no discurso;
- iii. A palavra que concorre para a constituição dos entes discursivos, via alternância de tempos e modos

O estudo da classe do verbo sobre o ponto de vista discursivo, que nos interessa aqui, teve início a partir das categorias textuais. Era a partir do estudo das sentenças que o verbo era visto, de forma tímida, como afirma Castilho (2016). Antes de se considerar o discurso no estudo dos verbos, as pesquisas seguiam na investigação dos tempos verbais em textos cênicos, de estrutura narrativa, em sua maioria de peças de teatro. Com o avanço dos estudos linguísticos e o reconhecimento de que era necessário considerar as propriedades discursivas das sentenças em uma interface sentença/discurso, o verbo passou a ser considerado de forma não autônoma

ou fora do discurso. A partir de então, iniciou-se a consideração de que é, no desenvolvimento do texto, que o papel do verbo se revela e as propriedades discursivas das sentenças tomam corpo. Por isso, questões que envolvem as estruturas perifrásticas e/ou locuções verbais em que aparecem mais de um verbo, em que um é auxiliar e outro o verbo principal, como ocorre nas estruturas do tipo [V1 (e) + V2], precisam ser consideradas após o estudo das propriedades discursivas do verbo.

Vilela e Koch (2001) apresentam uma extensa explicação sobre os verbos. Segundo os autores, essa é a categoria responsável em configurar os processos da realidade objetiva no seu enquadramento temporal. E, isso se dá através da combinação do lexema verbal com os morfemas gramaticais ou com os verbos auxiliares, o que significa dizer que o tempo interno do verbo e a valência do semema verbal são determinados pela combinação semântica do lexema. Ou seja, para compreensão do verbo na frase, é necessário compreender antes o lexema verbal e os morfemas gramaticais. Partindo, então, desse pressuposto, Vilela e Koch (2001) apresentam da seguinte maneira o Verbo:

- a) determina, como predicado, o mínimo actancial;
- b) ordena temporalmente, com a ajuda da categoria “tempo”, o estado de coisas implicado no seu significado;
- c) indica, por meio da “voz”, uma determinada “ perspectivação do acontecer verbal: perspectivado a partir do “Agente” (= ativa), a partir do “Paciente/afectado/Efetado” (passiva) distanciando-se do “Agente”, ou nem uma coisa nem outra (voz média);
- d) distribui, por meio da sua posição na frase, os “campos” frásicos;
- e) verbaliza linear e discursivamente, por meio da concordância entre sujeito e predicado, a frase gramatical;
- f) determina, por meio do “aspecto” (Aktionsart), o decurso (= tempo interno) do acontecer verbal: durativo, realizado, limitado, ilimitado, transicional etc. (VILELA; KOCH, 2001, p. 429)

Considerando a caracterização genérica que Vilela e Koch (2001) dão a categoria verbo *chegar*, assim como *surgir*, *aparecer*, *acontecer* etc, distingue-se um verbo de “entrada em cena” e possui um traço específico de poder exigir ou permitir a posposição do sujeito gramatical. Essa característica dos verbos chamados de “entrada em cena”, também, é assunto nos estudos de Lira (1996) que, após analisar mais de 1800 construções, verificou que os verbos intransitivos são os que mais permitem a construção VS no lugar da ordem básica do Português, SV.

Azeredo (2008) traz, em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, um estudo a respeito da estrutura do núcleo verbal, no qual ele apresenta a combinação entre os verbos principais e os verbos auxiliares. Segundo o autor, a referida combinação se dá entre as unidades léxicas e um conjunto de conteúdos gramaticais. A primeira parte refere-se ao verbo principal e a segunda é constituída de variações morfossintáticas, como os verbos auxiliares. Para o gramático, os conteúdos gramaticais carregam as noções de tempo/modo, número/pessoa e, além disso, também é responsável por duas ordens de variação, a saber: 1. A estrutura interna do processo (aspecto e desdobramento da ação) e, 2. A atitude enunciativa (modalidade). Na sua longa exposição a respeito da categoria verbal, Azeredo (2008) considera o verbo como a parte da oração que garante de maneira formal a existência do predicado, ou seja, o verbo faz existir a oração propriamente dita. Quanto a gramaticalização, para ele, se trata de um processo evolutivo caracterizado pelo esvaziamento ou enfraquecimento do sentido léxico, bem como, da invariabilidade mórfica, mudança de classe e, comportamento auxiliar nas construções, como ocorre com o verbo *chegar* nas estruturas [V1 (e) + (V2)] verificadas neste estudo.

Quando se trata do processo de gramaticalização, Azeredo (2008) ressalta que dado ser esse um processo que envolve uma língua e sua relação com a mudança histórica, é necessário considerar que há graus de gramaticalização para os itens linguísticos e que, por ser o verbo uma palavra “variável por excelência” (Azeredo, 2008, p.201), a gramaticalização acontece em graus variáveis de acordo com a perda e a conservação da variação na forma gramaticalizada. Ainda dentro das explanações a respeito da gramaticalização dos verbos, o gramático afirma que muitas vezes o verbo se gramaticaliza e (e, segundo nosso entendimento, pode se unir a outro verbo, como nos casos em que *chegar* atua como verbo auxiliar para V2), porque algumas construções apresentam um nível de abstração da ação ou do processo que se sobressai como núcleo informacional do predicado, suprimindo, então, uma lacuna lexical que proporciona alternativas de sentido que um verbo em sua forma simples, muitas vezes, não consegue expressar, como nos seguintes exemplos: a. Eles deram⁴ um passeio (Eles passearam); b. Dar a volta (voltar); c. Dar um empurrão (empurrar/favorecer) etc. Exemplos esses que mostram que, muitas vezes, a aceção do item gramaticalizados exprime sentidos que não são possíveis serem expressos pela forma simples do verbo. Como exemplo em que o verbo chegar atua com a

⁴ É possível compreender melhor o comportamento do verbo *Dar* rumo ao processo de gramaticalização a partir da leitura do seguinte trabalho: COELHO, Luana carvalho. *A gramaticalização do verbo dar: de predicador a integrante de expressões cristalizadas*. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016

função de preencher a lacuna que o item lexical pode vir a deixar na construção dos sentidos, temos expressões do tipo:

1. *Chego fazer tudo correndo.*
2. *Chegou suar.*
3. *Chega dói.*

Fonte: elaboração da pesquisadora

Partindo dos estudos gramaticais de Azeredo (2008), o que podemos compreender a respeito dos exemplos *a*, *b* e *c* é que o verbo *chegar* preenche lacunas nas referidas orações na construção de acepções que o verbo principal não conseguiria expressar sozinho. Isso posto, no que diz respeito à completude de sentido e ao plano da expressão, entendemos que as acepções representadas nas colunas um (1) e coluna dois (2) se diferem semanticamente, como podemos ver:

Coluna 1	≠	Coluna 2
<i>Faço tudo correndo.</i>	-----	<i>Chego fazer tudo correndo</i>
<i>Suou.</i>	-----	<i>Chegou suar.</i>
<i>Dói.</i>	-----	<i>Chega dói.</i>

Fonte: elaboração da pesquisadora

Como já expusemos, Azeredo (2008) parte do princípio de que o núcleo verbal (NV) é formado da combinação de “uma unidade léxica e um conjunto de conteúdos gramaticais” (Azeredo, 2008, p.202), em que há um verbo principal (VP) e variações morfossintáticas do VP ou a presença de verbos auxiliares antepostos ao VP. Segundo o autor, nessa associação, a abrangência dos conteúdos gramaticais pode ser analisada a partir de exemplos com o verbo *colher*, como em:

4. *O agricultor colhe bananas.*
5. *O agricultor está colhendo bananas.*
6. *O agricultor começa a colher bananas.*
7. *O agricultor continua a colher bananas.*

Fonte: Azeredo, 2008, p.202

O que pretendemos destacar é que, segundo o autor, os exemplos mencionados vão do não marcado ao mais marcado, numa escala em que as estruturas vão sofrendo acréscimos que especificam a estrutura interna dos processos. Partindo desse pressuposto, apresentamos, analogicamente aos exemplos de Azeredo (2008), os seguintes exemplos com o verbo *chegar*:

8. *O agricultor chega trabalha cedo demais.*
9. *O agricultor chega aqui trabalhando cedo demais.*

10. *O agricultor chega a trabalhar cedo demais.*

Fonte: elaboração da pesquisadora

Azeredo (2008) compreende o verbo *chegar* como um dos verbos que compõem a classe dos transitivos relativos de movimento (no mesmo grupo de *vir*, *vir*, *passar*, *entrar*). Segundo o autor, os verbos desse grupo não reúnem as características dos verbos predicativos ou dos verbos auxiliares, mas ressalta que os verbos de movimento (e os de situação, como: *morar*, *estar*, *ficar*, *residir* e *habitar*) se sujeitam ao processo de dispersão semântica que permite a sua associação com outros verbos, ou mesmo sua abstratização sem essa conjunção e, a construção de outras situações ou noções, “numa acepção mais ampla e abstrata, frequentemente metafórica” (Azeredo, 2008, p.222), como em: *chegar à conclusão*. De acordo com Azeredo (2008), essa dispersão causa um efeito extremo, ocasionando a possibilidade de reposicionamento estrutural (recategorização sintática) do verbo por efeito do processo de gramaticalização, no qual o item passa a ocupar a periferia do núcleo verbal e exerce, então, o papel de auxiliar, como em: *cheguei a me inscrever* (Azeredo, 2008, p.222).

Na obra *Verbo: uma abordagem léxico-semântica*, Turazza (2002) investiga a combinação das tessituras dos traços, denominados por ela como sêmio-linguísticos, na organização semântica dos conteúdos do verbo enquanto item lexical. Segundo ela, a linguagem é um processo psicossocial, de alta complexidade que, apesar de se configurar pela dinâmica da ação humana, permitindo que o ser humano torne seus pensamentos tangíveis, nas diversas situações cognitivas-sócio-interativas, com a condição de expressar-se de diferentes formas linguísticas, não se limita a um único ponto de vista.

Sobre a determinação actancial dos verbos *sair/chegar*, Turazza (2002) afirma que *sair* indica um ponto de partida do movimento actancial e, por sua vez, *chegar* indica o ponto de chegada da atividade actancial. Para ela, no entanto, é possível expandir as lexias do eixo sintagmático para descrever novos recortes, como em:

- Sair de/ *Chegar* de São Paulo- ponto de partida do movimento actancial- lugar de onde;
- Sair para São Paulo: lugar para onde- ponto de *chegada* do movimento;
- Sair/*chegar* para jantar- Meio/fim;
- Sair por necessidade;
- Sair/*chegar* por São Paulo- lugar por onde se inicia o processo (*sair*); transcorre o processo (*chegar*);
- Sair/*chegar* às dez- tempo; etc. (TURRAZA, 2002, p.32)

Segundo Turazza (2002), esses novos recortes são possíveis, pois, apesar dos exemplos aparecerem na forma verbal infinitiva, é possível atribuir aos processos a duração espaço-temporal. Isso implica dizer que o verbo *chegar* (e sair) apresenta um dinamismo actancial cujo aspecto é pontual e instantâneo.

Voltada para uma concepção de língua que segue as novas teorias linguísticas, que consideram a língua falada pelo viés funcionalista, Luft (2002), na *Moderna Gramática Brasileira*, apresenta o *verbo* como uma palavra que “[...]exprime um processo inserido no tempo” (LUFT, 2002, p.166). Esse processo se desdobra como uma ação, um fenômeno, um estado ou uma mudança de estado. Dessa maneira, a sua classificação se destaca no que diz respeito à mudança de estado, não apresentada pelos outros autores nas gramáticas a que tivemos acesso.

Para Luft (2002, p.166-167), o *verbo* se diferencia dos *nomes* porque, enquanto esses apresentam a realidade estaticamente, o verbo se encarrega de fazê-lo dinamicamente. Ou seja, é a ideia de tempo que se encarrega de diferenciá-los, marcando-os aspectualmente (duração ou resultado do processo), ou temporalmente (momento de sua ocorrência). Dessa maneira, pelo verbo:

- O ser é situado no espaço;
- O ser é figurado no tempo;
- O ser é representado sob forma de ação, movimento ou estado;

Assim como para a maioria das gramáticas, o verbo é, na obra de Luft (2002), um elemento fundamental na frase e um termo essencial na oração, pois não se pode construir oração sem verbo.

Em seção própria trataremos das questões a respeito dos problemas de classificação de locução verbal, perífrase verbal e tempo composto, mas já adiantamos que a literatura a respeito desse assunto ainda não encontrou um consenso do que vem a ser cada uma dessas combinações. Para Luft (2002), no entanto, *locução verbal* é a “[...]combinação de Verbo auxiliar + Verbo Principal (no Infinitivo, Particípio, Gerúndio)” (LUFT, 2002, p.181), que o autor exemplifica da seguinte maneira:

1. [dever, poder, haver de,...] + Infinitivo;
2. [ter, haver] + Particípio;
3. [estar, andar, ficar,...] + Gerúndio
4. [começar a, pegar de,...] + Infinitivo;
5. [ser, estar, ficar,...] +Particípio (= voz passiva).

O gramático, sem adentrar muito nas questões a respeito da nomenclatura de expressões com as exemplificadas, afirma que as locuções verbais são também denominadas de perífrases verbais, conjugações ou locuções perifrásticas. Essas expressões podem exprimir modo e/ou aspecto e, se apresentam pelas nomenclaturas de Sintagma verbal (SV) ou Frase Verbal (FV) e, seja como forem chamadas, todas exercem a função de predicado completo.

Quanto à função na Locução Verbal (LV), nomenclatura preterida por Luft (2002), o verbo *auxiliar* é aquele que “auxilia” outro (dito principal) na conjugação dos tempos compostos. A LV é, portanto, um todo semântico. O autor acrescenta ainda que, os verbos auxiliares, quanto à ordem, distribuem-se regularmente permitindo formações do tipo “deve ter chegado” ou “pode estar chegando”, ou mesmo “há de ter estado chegando”. No entanto, na Língua Portuguesa, não se permite outras como “tem dever chegado”, “está a poder chegando” etc. Observamos que o gramático considera o verbo *chegar* apenas na condição de verbo auxiliado e não auxiliador. Isso se deve ao fato de serem os verbos *ser*, *ter* e *haver* tradicionalmente aqueles que ocupam posição de verbo auxiliar (SAID ALI, 1971), conforme defendido, também, por Almeida (2005).

Perini (2004), em seu trabalho de descrição do Português, dedica-se a escrever de uma forma inovadora, como o próprio autor considera, uma gramática descritiva de cunho científico, em que são detalhadas questões sobre a estrutura sintática, semântica e lexical da Língua Portuguesa escrita, sob uma perspectiva que considera, entre vários outros pontos, a variedade da língua. O que para nós é mais que um simples detalhe, dado que a noção de língua que adotamos aqui é a que parte do estudo da língua em situação de interação, que, como propõe Halliday (1973), está diretamente relacionado com a língua em uso efetivo.

Dentre os temas sobre os quais Perini (2004) debruça-se, está o estudo do verbo, ocupando um grande espaço nas investigações do autor. Para o gramático, o verbo é uma classe gramatical de caráter homogêneo, no entanto, sua definição é suscetível de crítica, já que o confronto da definição de verbo com a aplicação a casos concretos permite a indagação do que vem a ser “acontecimento representado no tempo” ou mesmo, do que significa “exprimir o que se passa” (PERINI, 2004, p.366). Segundo o autor definições tradicionais, que sugerem essas abstrações, não dão conta de conceituar e definir essa que é uma classe tão importante em qualquer língua. Por isso, Perini (2004, p. 320) parte dos estudos morfossintáticos e sugere que o verbo é a. “[...]a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo” e é b. “a única palavra que pode desempenhar a função sintática de núcleo do predicado”. O estudioso faz questão de ressaltar que, enquanto “a” é uma definição informal de verbo, do ponto de vista da potência funcional morfológica, “b” apresenta uma informação a

mais, relacionada com o comportamento gramatical dos verbos. Sendo esse comportamento uma expressão da potência funcional dos mesmos.

A partir do que expusemos até aqui, apresentamos os seguintes pontos:

- O verbo *chegar* (e sair) apresenta um dinamismo actancial cujo aspecto é pontual e instantâneo;
- Para compreensão do verbo na frase, é necessário compreender antes o lexema verbal;
- O verbo *chegar* auxiliar atua com a função de preencher a lacuna que o item lexical não preenche sozinho.

2.3 Estrutura argumental com o verbo *chegar*: uma parada nos estudos linguísticos

Nesta subseção, apresentaremos a transitividade do verbo *chegar*, considerando a complexidade do tema e os problemas que envolvem a classificação verbal da Língua Portuguesa quanto à transitividade. Utilizaremos como referência, entre outros, os trabalhos de Neves (2002); Cunha e Cintra, (1985); Cegalla (1990); Bechara (1999); Perini (2003).

O estudo a respeito da transitividade verbal remonta as investigações dos gramáticos alexandrinos, com destaque para os estudos de Apolônio Díscolo, que se dedica à análise da transitividade verbal. É, a partir do estudo da diátese verbal⁵ que esse estudioso, e outros de sua época, dava início a investigação das relações oracionais, ou ainda, o estudo da ausência, presença ou apagamento do objeto verbal, como afirma Neves (2002, p.63). No entanto, apesar do grande número de estudos que se seguiram após as primeiras investigações da gramática pelos alexandrinos, ainda há, entre os estudiosos pontos conflitantes a respeito da transitividade dos verbos.

As gramáticas tradicionais (CUNHA; CINTRA, 1985; CEGALLA, 1990; BECHARA, 1999; entre outros)) concebe a transitividade como a relação que os verbos mantêm com o objeto. Trata-se de dependência do termo regente para com o termo regido, pela necessidade da completude de sentido. Para o estudo formal, é transitivo direto o verbo não seguido pela preposição; caso contrário, é considerado indireto. Por sua vez, a intransitividade verbal, como

⁵ De acordo com Macambira (1978), em artigo publicado na Revista de Letras, Diátese ou vozes do verbo são as formas que o verbo assume para indicar a sua relação com o sujeito, encarado como agente, paciente ou apenas envolvido no processo. Chama-se processo ao conteúdo semântico do verbo, como ação, fenômeno, estado e várias outras significações que não se podem sistematizar. O termo vem do latim *processus* "aquilo que se passa" no tempo, e, conseqüentemente, possui as categorias presente, passado e futuro, expressas por meio de flexões gramaticais. O amar desenrola-se no tempo sob as formas *amei-amo-amarei* e várias outras formas temporais.

propõem Cunha e Cintra (1985, p.132), caracteriza-se por ter uma “ação que vai além do verbo”, como no exemplo:

1. *Otaviano chegou.*
2. *Elvira morreu.*

Para diferenciação entre transitividade e intransitividade, existem dois critérios adotados, a rigor, pelos gramáticos: critério 1. O critério semântico, em que se encontra a necessidade ou não de complemento; 2. O critério sintático, no qual se observa a necessidade ou não do uso da preposição. Partindo das propriedades semânticas e sintáticas, a tradição gramatical considera a estrutura argumental de um verbo como constituída da relação desse com os seus argumentos, partindo da análise da quantidade e os papéis semânticos. Enquanto o verbo é responsável pela expressão do evento, o papel semântico define qual o tipo de arrolamento dos entes do evento (ROCHA LIMA, 2003).

Partindo dos estudos sobre a transitividade verbal, Castilho (2016) apresenta como se conectam uma sequência de palavras para formar as sentenças simples. Nesse intuito, o autor concorda com a maioria dos estudos sobre a sintaxe da Língua Portuguesa, nos quais o verbo *chegar*, assim como *avançar*, *cair*, *descer*, *entrar*, *escapar*, *fugir*, é caracterizado como verbo ergativo, biargumental, ou aquele que possui a característica de organizar sentenças de dois argumentos, como, por exemplo, em:

3. “*Então **chega** uma outra firma e diz assim: “Preciso de um gerente de produção”.* (CASTILHO, 2016, p.331)

O verbo *chegar* nas gramáticas tradicionais é apresentado somente como intransitivo, o verbo que não requer complemento. Dessa maneira, em sentenças como (4) e (5), a seguir apresentadas, o verbo *chegar* funciona sem necessidade de um complemento, sendo “na festa” considerada apenas um adjunto adverbial.

4. *A tempestade **chegou**.*
5. *Quando **chegou** na festa, já te esperavam.*

Para Rocha Lima (2003), o complemento e o verbo juntos formam uma expressão semântica, sendo impossível manter a compreensão do predicativo sem a presença do complemento. De acordo com o autor, os verbos, em sua relação com o complemento, podem se classificar como: intransitivos, transitivos diretos e indiretos, transitivos relativos, circunstanciais e bitransitivos. E, para ele, o verbo *chegar*, assim como os demais verbos de movimento, enquadra-se no grupo dos transitivos circunstanciais. Em Luft (1998), *chegar* é considerado, da mesma maneira, como um verbo transitivo circunstancial, pois, reconhece o

gramático, necessita de um sintagma circunstancializador, que, no caso do exemplo (4), é “na festa”.

Neves (2000), a partir da descrição do uso efetivo dos itens da língua e da consideração de que os itens linguísticos são multifuncionais, apresenta o verbo *chegar (a)* como transitivo modal, dentro de uma classificação em que se abrigam, além dos verbos de modalidade, os de cognição, os de elocução e, os de manipulação. Para a autora, essa classificação está diretamente relacionada com a classificação em que se encontra a relação de pressuposição ou de implicação de acordo com a atitude do falante no discurso. Dessa feita, o verbo *chegar (a)* é um verbo implicativo que denota a noção de condição que é necessária ou suficiente, determinando se o estado de coisas da oração completiva ocorre ou não (NEVES, 2000).

O verbo *chegar*, em Neves (2000), aparece nos seguintes subgrupos dos predicados implicativos:

- Afirmativo- (implica factualidade do complemento)

Minha situação é tão aflitiva eu *CHEGO* até A fazer perguntas tolas. (NEVES, 2000, p.36).

- Negativo- (o complemento é não-factual)

Isso *não chega a* ser preocupante para mim ultimamente. (Fonte: elaborado pela pesquisadora)

Estendendo-se na exemplificação, Neves (2000) destrincha os verbos implicativos afirmativos como aqueles que admitem mais quatro tipos de construção, a saber: 1. Com oração completiva iniciada pela conjunção integrante *que*; 2. Com complemento representado por uma nominalização da oração completiva; 3. Com truncamento da oração completiva; 4. Com oração completiva com verbo no infinitivo. Por ora, o nosso interesse se encontra na observação desse último tipo de construção. Isso porque, de acordo com a autora, é, nesse modelo, que os verbos podem manifestar-se por serem não-correferencial ou correferencial e, o verbo *chegar (a)* se encontra no grupo dos verbos correferenciais, como em “Chego a ter alucinações” (NEVES, 2000, p.37).

Em sua explanação a respeito da regência dos verbos, Perini (2001) afirma que o estudo sintático das orações parte de certos princípios. Primeiro ele trata do princípio sintático em que os elementos que constituem a oração, cada um deles, possui uma função específica. Esse princípio dará então base para a concepção de transitividade proposta pelo autor, a saber, puramente sintática. Além disso, para Perini (2001), o conceito de intransitivo e transitivo no estudo dos verbos segundo a gramática tradicional, não dá conta do que vem a ser transitividade de fato.

Para Perini (2003), seguindo sua crítica aos estudos tradicionais, a transitividade verbal precisa partir do que ele chama de “aceitação livre”. Dessa forma, verbos como *chegar*, que indicam movimento, não são rígidos no que diz respeito à aceitação de complemento do predicado ou adjuntos circunstanciais. Nessa direção, o linguista afirma:

A concepção de transitividade aqui adotada é puramente sintática: lança mão das funções sintáticas “objeto direto”, “adjunto circunstancial”, “complemento do predicado”,[...] e marca cada verbo sem referir-se a traços de seu significado. No entanto, isso não significa que a transitividade de um verbo não possua correlato semântico algum. (PERINI, 2003, p. 168-169)

Recorrendo a Perini (2001), mais uma vez, podemos observar que o gramático trata o fenômeno da regência verbal, considerando as estruturas sintáticas, que são compostas segundo ele, de constituintes organizados em orações a partir de certos princípios. Interessante registrar que o gramático atribuiu uma relevada importância para as investigações sintáticas e desconsidera o estudo semântico das orações. Assim, ele parte do conceito já conhecido tradicionalmente de aceitação e da recusa do verbo pela presença de outros termos na oração, mas acrescenta o conceito de “aceitação livre”. Dessa forma, ele propõe um modelo de transitividade no qual a noção de transitivo e intransitivo se difere da gramática tradicional, já que a mesma, segundo o estudioso, não dá conta, por exemplo, do estudo de verbos que podem aceitar de forma livre a presença ou não do objeto direto. Seguindo essa premissa, Perini (2001) compreende o verbo *chegar*, enquanto verbo de movimento, como aquele que recusa o objeto direto ou predicativo, mas aceita de forma livre complemento do predicado ou adjuntos circunstanciais.

Para Borba (1996), é a partir do estudo sobre a valência dos verbos que se torna possível entender os conceitos inerentes a transitividade. Por isso, o autor considera que cada verbo precisa ser analisado de forma individual e, assim, o conceito de transitividade precisa ser investigado de acordo com cada verbo. Isso implica dizer que não há regra geral na conceituação da regência verbal. A partir dessa ideia, o autor faz a seguinte afirmação:

Enquanto uma gramática de constituintes se ocupa com a análise de estruturas tentando descobrir como um constituinte se encaixa noutro ou pertence ao outro, uma gramática de valência procura detectar relações de dependência entre as categorias (básicas) que (co) ocorrem num contexto. (BORBA, 1996, p. 16).

O estudo da transitividade verbal que segue as orientações da abordagem valencial considera o verbo *chegar*, assim como o verbo *sair*, enquanto verbo de movimento, por duas perspectivas: 1. uma semântica- na qual se destaca a natureza dos complementos verbais como

locativa, de origem, de direção etc; 2. Outra sintática- na qual se percebe a seleção de duas casas argumentais, a saber, sujeito e complemento. Como, por exemplo, em:

6. *Maria chegou da festa.*

7. *João saiu da escola.*

Fonte: elaboração da pesquisadora

Realizado esse percurso sobre a estrutura argumental do verbo *chegar* nos estudos linguísticos, na subseção seguinte, trataremos de diferenciar, de acordo com o aporte teórico selecionado, o verbo *chegar* ora em sua atuação plena, ora enquanto aquele que atua como auxiliar em estruturas do tipo [V1 (e) + V2].

2.3.1 Diferença entre verbo pleno e auxiliar

Trataremos, nesta subseção, de um dos embates encontrados por quem pretenda estudar as perífrases verbais da Língua Portuguesa: a dificuldade dos autores, de uma forma geral, em classificar essas estruturas. De acordo com Pontes (1973), os autores não deixam claro o que vem a ser Tempo Composto, Locução verbal, nem o que é uma estrutura perifrástica, pelo menos não ao ponto de diferenciar com exatidão essas duas estruturas. Também, tratando-se da auxiliaridade dos verbos em Português, é importante se pensar no que vem a ser completude do verbo. Segundo Benveniste (1989), um verbo pode ser completo quanto à forma, mas incompleto quanto à matéria.

Tesnière (1959) faz um estudo em que o verbo auxiliar é considerado a parte do enunciado que carrega funções gramaticais, como as noções de tempo, modo, número e pessoa, no caso de verbos por exemplo, e o verbo principal é que carrega o sentido real da ação ou do processo, ou seja, o item auxiliar é apenas gramatical e se esvazia semanticamente. No entanto, Almeida (2005) ressalta que o processo de gramaticalização de um item não necessariamente culmina no esvaziamento semântico do item linguístico na posição de auxiliar, pois para se tratar desse processo em que um item se esvazia de sentido, é necessário marcar com clareza qual a diferença entre sentido lexical e sentido gramatical e, como aponta Pontes (1973), isso não é feito na obra de Tesnière (1959).

Câmara Júnior (1976), em seus estudos a respeito das perífrases verbais da Língua Portuguesa, para tratar da caracterização do verbo como auxiliar, optou pela evolução semântica. Para quem o "Processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras (v.) providos de semantema, em vocábulos gramaticais [...]" (CÂMARA JUNIOR, 1989, p.170). É sabido que a maioria dos neogramáticos adota esse mesmo critério. No entanto, há

autores que se utilizam de outros critérios para caracterização dos verbos auxiliares e, entres eles, destacam-se os estudos realizados por Said Ali (1957), para quem o método usado foi o da comparação dos verbos em Português com os de outras línguas. Segundo a metodologia empregada por ele, os verbos considerados auxiliares no português podem facilmente ser considerados causativos em outras línguas.

Inicialmente, para a exposição dessa questão, percorremos a visão da Tradição Gramatical a respeito de tempo composto (TC) e conjugação perifrástica (CP) e, constatamos que, segundo a tradição gramatical, falta rigorosidade na definição do que é o TC na Língua Portuguesa. Ou seja, de acordo com a literatura tradicional, a acepção que difere TC da CP é muito tênue e mostra-se variante entre as gramáticas. Dentre os primeiros gramáticos que se propuseram a estudar os TCs em Português, está João de Barros (1957), com a *Gramática da Língua Portuguesa*, na qual ele investiga as formas sintéticas em comparação com a Língua Latina, considerando que aquilo que não é sintético é composto. No entanto, ele não nomeia o evento e apenas considera que existe e é construído por uma sequência de verbos. Entre outros autores que se dedicam ao estudo dos verbos é importante considerar o trabalho de Pontes (1973), no qual há o reconhecimento da autora de que existe mesmo uma confusão entre os gramáticos em definir e separar uma CP de um TC. Segundo ela, há uma exceção para Said Ali (1957), pois o mesmo se preocupou em clarear as diferenças entre TC e CP, distinguindo-os e contrariando os estudos que incluem os TCs na conjugação verbal. Trazendo as palavras desse gramático, temos:

As diversas formas ter feito, tenho feito, tinha feito, tive feito etc. irmanaram-se todas por um traço semântico proveniente da origem comum, e o seu estudo – mau grado a tradição até o presente seguida – é para fazer-se em conjunto e fora do quadro das formas simples, aliviando-se assim o paradigma geral dos complicados ingredientes de tempos perfeitos compostos e tempos anteriores, passados e exatos. Trata-se de uma conjugação perifrástica(SAID ALI,1957, p.19).

Said Ali propõe, então, uma diferenciação entre as formas simples e as formas conjugadas a partir do conceito do perfectivo e do imperfectivo. Para o gramático, é o estudo do aspecto verbal que possibilita um esclarecimento a respeito da estrutura composta por mais de um verbo.

Para Pontes (1973), os fundamentos para separar TC e CP, de fato, não são confiáveis, pois partem apenas dos estudos com o infinitivo e deixam de lado o particípio e o gerúndio. Ainda assim, autores como Júlio Ribeiro (1885), Silva Jr. e Andrade (1894), Brandão (1963) e

Pereira (1919) tentam definir e distinguir as TCs das CPs apresentando observações consideráveis a respeito da classificação dos períodos compostos. Pontes (1973) opta, então, por abandonar as nomenclaturas utilizadas e passa a considerar o que vem a ser locução verbal, termo também utilizado por Said Ali (1957), que parte do estudo de certos princípios para compreender segmentos verbais, a saber: o funcional, o histórico e o semântico.

O mesmo autor, em estudo posterior, faz uma comparação da Língua Portuguesa com outras línguas classificando os verbos em nocionais e relacionais e enquadrando todo verbo auxiliar a aquele que permeia a relação dentro de construções compostas, permitindo um maior rigor no estudo de tais estruturas. Pois, dessa maneira, os verbos auxiliares passam a ser considerados tanto com verbos no infinitivo, como em composições com gerúndio e particípio. Realizado esse percurso inicial, percorremos, agora, a visão da Tradição Linguística a respeito do tema.

Na Tradição Linguística, ao se discutir as locuções verbais e perífrases verbais, há a apresentação de várias dificuldades, entre elas, a de caracterizar o que vem a ser, de fato, um verbo auxiliar. Há, no entanto, algumas contribuições a respeito dessa questão, que são apontadas por:

- 1) Benveniste (1989), para quem a auxiliação verbal une uma forma auxiliante a uma forma auxiliada que se divide em:
 - a) auxiliação de temporalidade;
 - b) auxiliação de diátese;
 - c) auxiliação de modalidade;
- 2) Ilari (1997) que, por seu turno, afirma que as perífrases são “[...] resultado de aproximação sintagmática de um verbo auxiliar, em uma das tantas formas flexionadas, e de uma forma nominal do verbo significativo” (ILARI, 1997, p. 34);
- 3) Barroso (1994), por sua vez, que considera que a perífrase verbal gramatical é constituída de uma ‘unidade significativa’, na qual o primeiro elemento desempenha função gramatical e o segundo elemento desempenha função lexical.

Ao tratar da auxiliaridade, Longo (2015), por sua vez, apresenta, na obra *A construção Morfológica da palavra*, um estudo no qual se destaca a constatação de que “[...]uma mesma categoria gramatical pode ser explicitada por estratégias formais diferentes” (LONGO, 2015, p.175). E, esse é o caso das perífrases verbais. A autora, também, ressalta a falta de consenso entre os autores para os critérios de classificação na conceituação da auxiliaridade verbal, destacando alguns estudos, como os realizados por Castilho (1968); Lobato (1971/1975),

Almeida (1980), Travaglia, (1981), Pontes (1983) Lemle (1984), Borba et al.(1990), entre outros.

O que poderíamos chamar de consenso entre os diversos estudos a respeito da auxiliaridade verbal é o fato de que alguns autores consideram esse um processo que trata da relação de duas formas verbais em um sintagma, sendo a perífrase ou LV a união do verbo, do auxiliar e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio em uma só predicação. Segundo Radford (1997), a definição de verbo auxiliar parte da ideia de uma forma relacional que tem como complemento um verbo base apresentado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. O que se percebe é que a quantidade de verbos definidos como auxiliares pode variar bastante a depender de que critério de classificação e de que teoria está se falando (LONGO, 2015). Com base no Funcionalismo, de onde partimos, observamos que, no grau máximo de gramaticalização, o verbo auxiliar equivale a um afixo flexional, chamado por Roberts (1992) de auxiliar funcional.

Longo (2015) apresenta alguns critérios habitualmente usados pelos teóricos que ajudam na definição do verbo auxiliar. Vejamos:

- a. Possibilidade de desdobramento da oração;
- b. Impossibilidade de inserção de mais de um sujeito;
- c. A detematização

Além desses critérios, os linguistas, ao subcategorizarem os verbos auxiliares, costumam partir dos critérios, como:

- d. Apassivação;
- e. Incidência da negação;
- f. Substituição da forma nominal por um elemento pronominal;
- g. Incidência de circunstante temporal;
- h. Categoria expressa pelo verbo (modo ou voz, tempo e aspecto)

De acordo com o estudo de Longo (2015), é possível compreender que os critérios “a” e “b” mantêm uma relação estreita, pois o verbo auxiliar não se desassocia da sua base, provando que a auxiliaridade só acontece onde não ocorre desmembramento e, além disso, não faz subcategorização. Analisemos, a partir das exposições de Longo (2015), os exemplos que seguem:

- (1). a- *Maria chegou a comprar os enfeites.*
b- *Os enfeites chegaram a ser comprados por Maria.*
- (2). a- *O tronco chegou a rolar.*
b- **O tronco chegou a sorrir.*

Fonte: Longo (2015, p. 23)

Como podemos notar, em todos os exemplos dados, *chegar* carrega semanticamente os morfemas de tempo, pessoa e número e os verbos principais se mantêm no infinitivo. Outra característica desse verbo de movimento dentro dessas orações é que é o auxiliar que se responsabiliza pela atualização do aspecto perfectivo (marca da ação concluída). Também, é notório que, sintaticamente, a mudança da voz ativa para a voz passiva não muda a posição anterior ocupada pelo auxiliar em relação ao verbo principal. Bertucci e Foltran (2006) apresentaram essa característica dos verbos auxiliares em relação ao verbo principal no infinitivo, ou seja, em construções do tipo *chegar a + infinitivo*. Segundo os autores, essa é uma estrutura clássica em que o verbo *chegar* (a) é mesmo um auxiliar. E, fazendo uso dos verbos “ler” e “ir”, com regra que se aplica também ao verbo *chegar*, Bertucci e Foltran (2006) apresentam uma outra observação importante na caracterização do verbo auxiliar, que é a da seleção de argumentos. Para os autores, a seleção dos argumentos é feita somente pelo verbo principal, não tendo o verbo auxiliar participação nessa escolha. Contudo, para seguirmos a hipótese dos autores, devemos nos abster dos sentidos metafóricos que podem permear os sentidos de “tronco sorrir”, por exemplo. No entanto, nos abstendo de uma interpretação literária e metafórica, apresentamos os seguintes exemplos dos autores, que se respaldam, por sua vez, no que diz Pontes (1973) e Perini (2001) sobre a seleção de argumentos:

- (2) a. *João leu.*
 b. *João vai ler.*
- (3) a. *#A pedra leu.*
 b. *#A pedra vai ler.*
- (4) a. *A pedra caiu.*
 b. *A pedra vai cair.*

Fonte: Bertucci e Foltran (2006, p.141-155)

Os exemplos apresentados por Bertucci e Foltran (2006) mostram-nos um dos critérios de classificação do verbo auxiliar, chamado de detematização. Esse critério ocorre pela seleção ou não de um argumento. Observemos que o verbo *ler* seleciona o argumento externo (sujeito) em 2a e 2b, mas impede a seleção do mesmo em 3a e 3b. Já no caso do exemplo 4a, o verbo *cair* seleciona o argumento enquanto núcleo do predicado e o que acontece em 4b é que, há a inclusão do verbo *ir*, mas o mesmo não exerce nenhuma influência no critério de seleção. Isso implica dizer que esse verbo não ocupa outra função que não seja a de auxiliar do verbo principal. Trata-se, de acordo com Miotto et al. (2004), da considerada restrição semântica.

Consideremos agora exemplos com o verbo *chegar*, nos quais é possível aplicar a mesma explicação que Bertucci e Foltran (2016) dão aos verbos *ler* e *cair*:

- (1) *João chega.*
- (2) *João chega ler.*
- (3) *A pedra chega.*
- (4) *A pedra chega ler.*
- (5) *João chegou rolar.*
- (6) *A Pedra chegou rolar.*

Fonte: elaboração da pesquisadora

Testes feitos por Bertucci e Foltran (2006) a respeito do comportamento do verbo *chegar* dentro de LV ou perífrases, com o verbo principal no infinitivo, apresentam os seguintes exemplos :

- (5) a. *A pedra chegou a rolar.*
b. *A pedra rolou.*
- (6) a. *#A pedra chegou a chorar.*
b. *#A pedra chorou.*

Fonte: Bertucci e Foltran (2006, p.141-155)

Apesar de se tratar de algo inanimado, nas sentenças 5a e 5b, não há problemas na seleção do argumento externo. E isso acontece, porque quem seleciona esse argumento é o verbo principal (*rolar*), sendo *chegar*, apenas, o auxiliar. Seria diferente, por exemplo, se a frase fosse “A pedra chegou” ou “A pedra chegou a rir”. Fica claro que, no primeiro exemplo, *chegar* não selecionaria como argumento externo “pedra” e, no segundo exemplo, nenhum dos dois verbos faria essa seleção, dado que o argumento externo necessitaria *ser*, pelo menos animado. Assim como em 6a em que *chorar* também requer um ser animado. De acordo com essas observações, o que fica tanto para os autores como para nós é que o verbo *chegar*, ao exercer auxiliaridade, não participa da seleção de argumento externo, sendo esse papel do verbo principal.

Bertucci (2007), em sua pesquisa de mestrado, apresenta questões interessantes a respeito da auxiliaridade do verbo *chegar* no Português. Ele parte de estruturas do tipo *chegar a + infinitivo* e considera que, enquanto auxiliar, esse verbo é essencialmente pragmático, coincidindo com a nossa visão a esse respeito. O autor firma as suas hipóteses em Pontes (1973), Travaglia, (1985) e Squartini (1998). E, assim como ele, percebemos, em nossa pesquisa, que nenhum desses três autores apresentam o verbo *chegar* na condição de auxiliar. No entanto, podemos constatar que Almeida (1980), Neves (2000), além dos dicionários

Houaiss (2001), veem a auxiliaridade desse verbo, apesar de apresentarem explicações rasas sobre esse fenômeno, pois não explicam quais as condições necessárias para que *chegar* possa ser definido como um auxiliar.

Para Vilela e Koch (2001), o verbo lexical se caracteriza pela existência de um conteúdo que se dirige diretamente para o processo extralinguisticamente existente no mundo, podendo funcionar como predicado da frase sem nenhum apoio ou suporte. Por sua vez, o auxiliar, relaciona-se com o peso gramatical, em um processo que, muitas vezes, envolve a deslexicalização. Dessa maneira, segundo a proposta de Vilela e Koch (2001), o verbo auxiliar reforça seu peso gramatical, necessitando de um verbo pleno para funcionar como predicado, ou para somente ser um “auxiliar”, no caso das construções do tipo V1 + nome, como em “ser inteligente” ou “ter consideração” (VILELA; KOCK, 2001, p. 72). Nesses casos, o V1 pode funcionar como verbo pleno e verbo auxiliar.

Um dos conceitos, interessantes à nossa pesquisa, mencionados por Vilela e Koch (2001) em seus estudos a respeito do comportamento dos verbos dentro de estruturas do tipo [V1 + V2], é o que vem a ser considerado verbo suporte, conceito que, muitas vezes, pode ser erroneamente sintetizado como sendo igual ao conceito de auxiliaridade verbal. Segundo os autores, assim se explica essa noção de verbo suporte:

Os verbos suportes resultam da deslexicalização e correspondente gramaticalização (ou reforço da componente gramatical) de verbos plenos. Esses verbos transportam diversos valores relativamente aos verbos correspondentes ao nome (se existirem), como os valores aspectuais (decorso, modo ou intensificação da ação), pontualizando ou perfectivizando o processo, como em *fotografar* vs. *tirar fotografia*, *considerar* vs. *ter consideração por*, *pressionar* vs. *Fazer pressão sobre*, etc. (VILELA; KOCK, 2001, 75, grifo dos autores).

Neves (2002) em *A Gramática. História, Teoria, Análise e Ensino*, apresenta um capítulo intitulado “A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte (Neves, 2002, p. 189-206), no qual ela afirma a complexidade de definição do que é o verbo suporte na Língua Portuguesa. Para a linguista, semanticamente esse verbo necessita de um argumento nome-objeto, o que poderia limitar sua classificação como apenas um verbo genérico. No entanto, para ela, esse tipo de verbo permite combinações de verbos gerais, como *tomar*, *ter*, *fazer* etc., + um Sintagma Nominal (SN), nos quais o verbo apresenta algum nível de esvaziamento do seu sentido lexical, mas não por completo, reservando em si algum traço ou sentido que irá contribuir para a construção do sentido total das expressões em que os mesmos figuram.

Fortunato (2009), em seu artigo *Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo suporte*, apresenta uma rica explicação sobre as diferenças na estrutura argumental desse verbo. Segundo a autora, para se entender a fixação sintática e semântica dos verbos, é necessário um estudo sobre as características que definem um verbo como suporte, como verbo pleno, assim como, as fraseologias da Língua Portuguesa. Seguindo esse caminho, Fortunato (2009) parte da hipótese de que o verbo *chegar* segue um *continuum* de abstração, nem sempre unidirecional, do conceito [+ concreto] para o [+ abstrato], segundo a teoria da gramaticalização.

Em sua pesquisa, partindo do estudo da Fraseologia e da Linguística Cognitiva, Fortunato (2009) questiona o unidirecionamento do item *chegar* durante o processo de gramaticalização e defende a ideia de que, durante esse processo do verbo, aconteça a “irradiação” de diferentes domínios abstratos e diferentes graus de fixação. Isso posto, a autora classifica verbo suporte como a combinação de verbo + um sintagma Nominal (SN), cujo grau de fixação sintático-semântica está entre “a combinação livre e a fraseologia verbal” (FORTUNADO, 2009, p.32). Como exemplificação da abstratização do verbo *chegar*, atuando como verbo suporte para SN, a autora recorre a Houaiss (2001), selecionando entre as vinte opções presentes no dicionário, aquelas que mais favorecem o entendimento a respeito da abstratização do verbo *chegar*. Seguem as opções selecionadas adjungidas a exemplos:

1. Atingir um termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda.
 - a. *Chegou hoje (da Europa);*
 - b. *A flecha não chegou ao alvo;*
 - c. *O avião chegou antes da hora.*

Fonte: Fortunato (2009, p. 32)

Observamos, nesses exemplos, a possibilidade de omissão do argumento interno no exemplo “a”, mas, além disso, nos três exemplos, podemos notar que o verbo *chegar* possui conservada a sua característica [+ concreta], com a marca da chegada a um determinado ponto físico Y. Assim, ainda que precisemos de inferências a respeito do ponto físico X, a ação de atingir um termo está devidamente marcada em a, b e c.

2. Alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo
 - a. *O menino chega ao ombro do pai;*
 - b. *A saia chega até o chão;*
 - c. *chega até altas horas estudando.*

Fonte: Fortunato (2009, p. 32)

A partir da acepção de Houaiss (2001), vemos que há, nesses exemplos, a abstratização do item *chegar*, na medida em que a delimitação entre tempo e espaço se tornam tênues. Segundo Fortunato (2009), o que acontece é a abstratização do locativo representando um espaço de tempo.

3. Atingir um ponto extremo, ir ao máximo.

a. *Chegar aos limites da paciência.*

b. Fonte: Fortunato (2009, p. 32)

O exemplo 3a mostra a possibilidade do verbo *chegar*, dentro de estruturas em que o mesmo se comporta como verbo suporte, de expressar emoções. O que, para Fortunato (2009), é um indício de que esse verbo está exercendo função cognitiva para a melhor expressão do Sintagma Nominal. Isso posto, concordamos com a observação da autora e salientamos, também, que o exemplo reforça esse *continuum* do item *chegar* rumo ao processo de gramaticalização.

4. Alçar-se a uma posição vencendo etapas.

a. *Chegar a embaixador;*

b. *Chegar a almirante;*

c. *Chegar a chefe.*

Fonte: Fortunato (2009, p. 32-33)

Percebemos, nos exemplos, que a acepção 4 de Houaiss (2001) carrega um nível maior de abstratização do que as acepções 1, 2 e 3, pois o movimento se dá, de acordo com Fortunato (2009), rumo à sublimação.

O quadro 4, por nós adaptado, é uma representação da estrutura argumental do verbo *chegar* enquanto verbo suporte.

Quadro 6 - O verbo chegar como verbo suporte

SUJEITO	VERBO	(PREP) SN
	ESTADO DE COISAS	ESTADO DE COISAS
+ animado; + causativo; + intencional	+ dinâmico Evento Advérbio pontual	ÁREA TEMÁTICA Locativo (+ ou – abstrato) Tempo Emotividade Cognição
- animado - causativo -intencional		

Fonte: adaptação da pesquisadora do Quadro de Fortunato (2009, p.48)

Os estudos sobre verbo suporte, ainda, se confundem com os que tratam a respeito da auxiliaridade verbal, dada às peculiaridades do processo de gramaticalização do item. No entanto, autores como Lopes (2000) e Athayde (2000), entre outros, colaboraram para o entendimento de que os verbos considerados como suporte tem como principal característica o “esvaziamento semântico”, com perda de capacidade predicativa e transmissão de características aspectuais e estados de coisas. Diante do que foi exposto, o verbo *chegar*, objeto de estudo do nosso trabalho, será considerado por nós com as funções sintáticas de pleno, quando apresentar as características semânticas mais concretas, designando movimento de um ponto fixo a outro ponto físico, como no exemplo a seguir do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC):

- *Tenho porque eu moro muito longe quando eu saio da faculdade eu demoro muito tempo pra chegá em casa... e eu tenho um problema que eu gosto de dormi muito então como eu cheg'em casa muito tarde a quantidade de horas que eu tenho pra dormi é muito pôca pra já no outro dia trabalha 'tão fico muito cansada... já cheguei a pensar em optar entre trabalhá e fazé faculdade justamente por causa do cansaço. [PGL M C]*

Na próxima subseção, faremos uma pausa na categoria aspecto dada a importância do estudo da função aspectual verbal para compreensão das entidades semânticas que o verbo representa dentro das estruturas perifrásticas.

2.3.2 Sobre as categorias verbais: o aspecto verbal

De acordo com Perini (2009), são 3 as categorias por meio das quais se pode estudar um verbo: tempo, aspecto e o modo. Na verdade, o autor parte de uma crítica à nomenclatura tradicional, já que o que se chama de “tempos verbais” e “modos” são designações utilizadas para o estudo do aspecto, como o “perfeito” e o “imperfeito”. Ele alerta, ainda, para a discrepância que distingue o lado formal do estudo semântico. Mas, o que nos interessa, em particular, para essa discussão é o que o autor nos diz sobre tempo, modo e aspecto. Vejamos:

a. Tempo-

- O tempo pode ser classificado como tempo semântico e tempo morfológico;
- Tempo semântico não é tempo cronológico, mas conserva uma condição extralinguística em relação a este, dependendo da situação em que a frase é

enunciada, como em “*Chegarei de avião*” remete a um tempo posterior a enunciação e “*Manuel disse: “Estou picando couve”*”, remete tanto ao passado como ao presente;

- O tempo verbal tem um caráter dêitico e, também, pode ser definido por outro verbo ou outra oração, como em “*Manuel tinha almoçado quando eu cheguei.*”
- A categoria semântica de tempo possui codificação para sua expressão, quer seja para os tempos verbais quanto para construções com o auxiliar + verbo principal, como em: 1. “*Manuel picou a couve ontem de noite*”; 2. “**Manuel pica/picará a couve ontem a noite.*”

b. Aspecto

- Aspecto é diferente de tempo semântico, como em 1. “*Meu tio escreveu um livro*”; 2. “*Meu tio estava escrevendo um livro*”
- O aspecto pode ser perfectivo ou imperfectivo.

c. Modo

- Está relacionado com a atitude do falante frente aquilo que está dizendo;
- A oposição de modo em português é puramente formal e semanticamente não motivada (com poucas exceções);
- Há modo verbal e modo semântico.

Costa (1997, p.115), no livro *O aspecto em Português*, afirma que os estudos a respeito do aspecto verbal são muito novos e, para a compreensão das generalidades de uma língua, é necessário entender as entidades semânticas que as mesmas representam. Segundo ela, assim se dividem essas entidades:

- 1ª ordem ou Objetos físicos- são localizadas no tempo e no espaço e fazemos referências “dizendo que existem”.
- 2ª ordem ou acontecimentos- podem ser localizadas no tempo, não dizemos que existem mas que “acontecem”;
- 3ª ordem ou abstratos- que não se localizam no tempo nem no espaço, mas na nossa mente (raciocínio, valores e juízo – como no exemplo das proposições dado por Lyons).

Segundo Costa (1997, p.13), as línguas do mundo parecem se organizar a partir das noções de espaço, tempo e verdade “como suportes para a construção linguística”. Para a ordem da abstração, a autora apresenta a argumentação, em que se organiza a ordenação das proposições. E, essa necessidade de orientar e organizar o discurso faz com que o falante, em

função do seu interlocutor, escolha se referir a fatos localizados no espaço, a fatos simultâneos, ou não, no tempo, ou, então, o falante utiliza-se de proposições que não estão marcadas por nenhuma das duas escolhas anteriores, mas compõe a linearidade do raciocínio. Como elementos referenciadores para a construção do discurso, o autor apresenta o seguinte:

- Espaço- dêiticos, marcando a distância entre os elementos e os falantes.

Tempo- advérbios.

- Argumentação- silogismo por meio do espaço-tempo mental, sem relação física que compõe o contexto discursivo.

Dessa maneira, a autora apresenta as noções de espaço, tempo e verdade como suporte para a fala, sendo que cada tipo de entidade se difere e se combina do ponto de vista semântico a partir da inclusão ou exclusão de traços, como o quadro abaixo:

Quadro 7 – Inclusão e Exclusão de Traços semânticos como suporte para a fala

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	-	+	-	-	Cair
Atos (Ações)	-	+	-	+	Quebrar
Processos	+	+	+ ₋	-	Crescer
Atividades	+	+	+ ₋	+	Ler
Estados	+	-	+ ₋	-	Continuar

Fonte: Costa (1997, p.14)

Entre as características tratadas pela autora sobre o Tempo, estão:

- a não referência a localização no tempo;
- a constituição temporal interna;
- a vinculação da categoria a situações, processos e estados;
- a “representação espacial”.

Costa (1997, p.26) afirma que, em frases como “Ele está para chegar” (COSTA, 1997, p. 26), o falante leva em consideração a estrutura temporal interna do fato que está sobre expectativa, no entanto, não se pode falar em tipo aspectual, porque o que há é uma referência a um momento anterior ao fato. Ela considera que, em casos como esse, os fatos são referidos perfectivamente, sem referência constituição temporal interna.

Outro autor que se debruça sobre o estudo do aspecto verbal da Língua Portuguesa é Barroso (1994), que trata especificamente das construções perifrásticas em que o verbo atua como elemento aspectual. Para o autor, há, nos estudos linguísticos do Português, de fato, uma lacuna nos estudos a respeito do tema e de acordo com ele o verbo *chegar* se enquadra no grupo dos verbos télicos ou transitórios, implicando a passagem de um limiar semântico para outro. Trataremos a respeito do aspecto verbal nas perífrases verbais em outra seção.

Como mencionamos em seção anterior, Azeredo (2008) faz um estudo minucioso a respeito da categoria verbal e apresenta o aspecto verbal, como a maioria dos autores, como a duração do processo representado pelo verbo (momentânea/contínua, eventual/habitual, completa/incompleta), como uma categoria do fato da língua no tempo, que pode, segundo ele, é de acordo com o contexto que o sentido de uma frase se completa, dessa forma, uma frase como *João chega contando vantagem* se difere de *João chega contar vantagem* ou *João chegando conta vantagem*. Observa-se que, nesses exemplos, o verbo *chegar* atua como componente aspectual para o verbo principal que, por sua vez, só em seu sentido completado com o auxílio de V1 e depende do contexto.

Na seção 3, nós abordaremos três importantes teorias que fundamentam teoricamente os nossos estudos e nos dão respaldo metodológico, a saber: a Sociolinguística (variacionista), o Funcionalismo Norte Americano e o Sociofuncionalismo. Essas três teorias são apresentadas e desenvolvidas por importantes teóricos da linguagem dos quais fazemos uso nesse trabalho: Saussure (2006 [1916]), Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Hopper (1991), Givón (1990, 1995), Guy (2001), Heine (2003), Hopper e Traugott (2003), Tavares (2003, 2013), Tarallo (2007), Tavares e Görski (2015), entre outros.

3 A PEREGRINAÇÃO TEÓRICA E O LUGAR ESCOLHIDO

3.1 Mudança e variação linguística: o vasto campo da Sociolinguística

A compreensão dos fenômenos linguísticos envolve estudos das mais diferentes áreas, deparando-se com problemas epistemológicos oriundos da interrogação do que é a linguagem. É a partir dessa dúvida, por assim dizer, que estudiosos de diferentes épocas e correntes teóricas se debruçam em investigações alicerçadas nas mais variadas crenças, ideologias e conhecimentos diversos, como afirma Kristeva (1988). Sendo assim, partindo da complexidade que envolve os estudos linguísticos, intentamos nesta seção tratar sobre o papel dos estudos sociolinguísticos na variação e mudança das línguas, para uma aplicação teórico-prática dentro do fenômeno por nós estudado, a saber: o verbo *chegar* e seus usos dentro e fora das conjunções perifrásticas.

Esta seção apresenta uma estrutura que se afunila na medida em que tentamos nos aproximar do verbo *chegar* e seus novos usos dentro da Língua Portuguesa. A nossa tentativa de percurso se dá a partir do geral para pontos específicos na construção de um retrato da “viagem” feita por esse verbo rumo a gramaticalização.

Dividimos essa seção da seguinte maneira: 1) sociolinguística: variação e mudança; 2) Funcionalismo: vertentes e lugar de acampamento; 3) A gramaticalização: um mergulho; 4) A gramaticalização do verbo *chegar*; 5) O (sócio) funcionalismo.

Feito esse percurso, passaremos para a metodologia e análise dos dados.

3.1.1 Percorrendo o caminho da Sociolinguística

Após a grande contribuição de Bright para a fixação do termo Sociolinguística dentro dos estudos linguísticos em 1964, o que os teóricos chamam de campo da Sociolinguística é, como concebia Willian Labov, a própria Linguística, tendo em vista que o sujeito é agente nos processos linguísticos. A partir da década de 60, a Sociolinguística vai se afunilando e garantindo solidamente o seu espaço enquanto ciência, sempre considerando os primeiros conceitos estruturalistas e direcionando, conforme a sua perspectiva de estudo, seu horizonte de investigação para o diálogo entre a estrutura linguística e a estrutura social. É fato, a desconfiança gerada pelos novos estudos a respeito da língua e sua relação com a sociedade. Isso porque a inserção do caráter social da língua, antes posto em segundo plano, passa a ocupar o cerne das questões ao lado das questões linguísticas. Esse caráter passa, então, a ser primordial

em quaisquer estudos linguísticos do polo funcionalista, definido, na literatura laboviana, como grupo social (em oposição ao grupo associativo), e possibilita o encontro entre diacronia e sincronia com vistas a compreender de uma forma mais ampla a complexidade do objeto em análise. No entanto, apesar do direcionamento diferenciado, a Sociolinguística garante o seu espaço e a sua importância e consolida-se na América e, também, na Europa.

É Antoine Meillet que marca os primeiros debates sobre as proposições estruturalistas em direção a um repensar sobre o social na língua. E, todos os questionamentos levantados por ele se configuram para uma nova forma de se estudar os fenômenos linguísticos: trata-se de um discurso que parte das *funções sociais da língua*, como afirma Calvet (2002):

Vemos, então, que o tema da *língua como fato social*, central em Meillet, é um tema profundamente antissaussuriano, de modo seguramente inconsciente antes da publicação do *Curso*, mas consciente depois, e que a história da linguística estrutural pós-saussuriana se caracteriza por um afastamento constante desse tema. Surge assim, desde o nascimento da linguística moderna, em face de um discurso de caráter estrutural e insistindo essencialmente na *forma* da língua, outro discurso que insiste em suas *funções sociais*. E, durante quase meio século, esses dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar. (CALVET, 2002, p.17).

A partir do caráter social da língua, muitos autores contribuíram para a caracterização da Sociolinguística moderna, ainda que longe de citar aqui todos eles, destacamos: 1. Beirstein (1975), que seguiu as bases teóricas de Émile Durkheim, é o primeiro a considerar e pesquisar os efeitos das diferenças sociais no sucesso e insucessos do aprendizado linguístico em crianças. Ainda que sofra críticas a respeito de sua metodologia, como afirma Calvet (2002), suas teorias serviram para acelerar os estudos linguísticos a partir de uma concepção social da língua; 2. William Bright (1966), parte da percepção de que a Sociolinguística não é fácil de se definir, pelo menos com precisão. Para ele, os estudos da língua estão para a relação entre linguagem e sociedade. No entanto, tentando suprir o que há de vago nessa consideração, Bright (1966) afirma que “[...]uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, p.9); 3. William Labov, partindo do estudo sobre os padrões sociolinguísticos, baseia-se no estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social, considerando, para isso, a comunidade linguística. Seus estudos, como afirma Boyer (1991), marcam a Sociolinguística enquanto a ciência que leva a cabo a definição de língua enquanto fato social, dando origem a linguística variacionista; 4. Herzog, Labov e Weinreich (1968) com a

introdução do postulado da heterogeneidade ordenada ou sistemática, em que a mudança é considerada descritível, sendo a comunidade o foco dos estudos.

Erroneamente, pode-se pensar que estudar a variação e mudança linguística é se dedicar para o estudo do “caos linguístico”. No entanto, o que esse tipo de estudo propõe é justamente o contrário. Trata-se, na verdade, de estudar as normas que permitem com que uma língua mude, dentro de um determinado tempo e seguindo certos princípios que são aceitos pelo sistema linguístico e homologados pela comunidade de fala. Prova disso é que os resultados dos estudos variacionistas apresentam sempre importantes fatores históricos, sociais e culturais que marcam e delimitam a variação e a mudança de uma língua. Dada essa complexidade, a pesquisa variacionista pode seguir o caminho: 1. Diacrônico- (do grego dia+kronos= ao longo dos tempos), em que é possível analisar as diversas formas em que uma língua se manifesta durante os tempos; 2. Sincrônico- (do grego sy'n= simultaneidade) com explicações das variações em um mesmo período de tempo; 3. Pancrônico- como a possibilidade de ressignificar os estudos linguísticos considerando a diacronia e a sincronia juntas. Esse tipo de estudo é preferencialmente uma opção para estudos de cunho funcionalista. Abordaremos a respeito disso na próxima subseção.

Na obra *Sociolinguística Sociolinguísticas; uma introdução*, Paiva (2016) apresenta, em seu texto *Mudança em tempo real e em tempo aparente*, uma definição clara sobre o que é a mudança linguística. Para ela, antes, no entanto, de se conceituar a mudança, é necessário “[...] nos desvestir do pressuposto de que os sistemas linguísticos são estáveis” (PAIVA, 2016, p.23). É necessário considerar a dinamicidade, mutabilidade e flexibilidade das línguas humanas. E, não negar que, na língua, acomodam-se tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas dos seus usuários.

Na tentativa de esboçar uma definição do que é a mudança linguística, Paiva (2016), no mesmo trabalho citado no parágrafo anterior, afirma que longe de ser um sistema abstrato e homogêneo a língua é “inerentemente” variável. Condição que se dá por aspectos internos e externos ao sistema: regionalidade, características individuais dos usuários da língua e o estilo/registo de fala. A autora argumenta ainda que, além das regras categóricas de uma língua, muitas vezes, há casos em que o mesmo significado pode ser expresso por mais de uma variante, como o *nós* e o *a gente* da Língua Portuguesa, por exemplo. Além disso, a autora afirma que formas alternativas que possuem significado idêntico podem concorrer entre si, de maneira que uma delas amplie seu uso e se instale em toda uma comunidade de fala com o desaparecimento da outra forma. Essa é, então, um caminho simplificado de se delinear o princípio central da

mudança linguística: a mudança é a outra face da variação característica das línguas humanas, como propunham Weinreich, Labov, Herzog (1968).

A perspectiva conceitual de mudança linguística pós laboviana desfaz a dicotomia entre diacronia e sincronia, como propunha Saussure. Isso acontece porque toda mudança numa língua é possível de ser analisada tanto como um produto acabado, como um processo em curso. E, em ambos os casos, não se pode desconsiderar o eixo *tempo*. Paiva (2016) afirma que:

O desaparecimento de uma forma é, em princípio, a exemplificação mais clara da mudança como produto: se as formas A e B existem em um momento T1 e A, por exemplo, não é mais atestada em um estágio T2, então houve uma mudança na língua. (PAIVA, 2016,p.24).

A sociolinguística quantitativa laboviana, com o *Empirical Foundations for a Theory of language Change*, marca os estudos históricos-diacrônicos (Weinreich, Labov, Herzog, 1968). Ocorre, desde então, uma amplificação das possibilidades de investigação da mudança linguística, com foco nos fatores sociais, como: a geografia, classe social, nível de escolaridade, idade e sexo. Sendo assim, dada a importância da proposta da sociolinguística quantitativa e da sistematização da heterogeneidade linguística, trataremos, para finalizar essa seção, a respeito de como se dá o estudo da variação e da mudança linguística. Para isso, partiremos da consideração de que a variação e a mudança linguística possuem um caráter ordenado, sistemático e controlado e, por isso, requer um método científico válido que dê conta de um processo complexo.

Pondo em relevância a complexidade do estudo a respeito da mudança linguística, Labov (1966) apresenta o estudo da mudança linguística como “[...]o resultado de um processo regido por princípios/leis que preveem a forma das mudanças possíveis. ” (LABOV, 1966, p.24). E, isso acontece de forma interdependente “[...]entre as diversas mudanças que já operaram ou operam no sistema e a forma de propagação de uma nova variante linguística numa comunidade de fala”. (LABOV, 1966, p.24).

O que os estudos sobre o que é tempo real e tempo aparente nos mostra são as dificuldades apresentadas pelos linguistas quando se deparam com o fator *tempo*. A dimensão temporal parece ser, então, a “pedra no sapato” de diversos teóricos. Por isso, metodologicamente, pode-se falar do estudo da mudança em tempo real e em estudo da mudança em tempo aparente. Com base nas conclusões de Paiva (2016), tentamos resumir cada uma das duas opções da seguinte forma:

Mudança em tempo real

- Apreensão dos processos de mudança com o olhar do presente para o passado;
- Mudanças concluídas;
- Possibilidade de reconstrução de etapas intermediárias entre T1 e T2;
- Na maioria das vezes, requer consideração de períodos de tempo extensos;
- Problemas metodológicos podem surgir porque o linguista conta apenas com textos escritos, impondo limitações que são descritas em Paiva e Duarte (2003).

Mudança em tempo aparente

- Parte do conhecido para o desconhecido;
- A mudança é considerada em curso;
- Possibilita o estudo da direcionalidade das variantes, bem como a possível coexistência das mesmas;
- As motivações linguísticas e sociais das variantes.

Como mencionamos, há, no estudo da mudança do tempo aparente, questões de cunho teórico-metodológico que dificultam o trabalho do linguista. Na tentativa de suplantar essa dificuldade, a teoria da variação e da mudança linguística abre espaço para investigações a partir da variável idade. De acordo com Paiva e Duarte (2003, p.26), o “constructo do tempo aparente” pode ser analisado 1. Considerando que as mudanças ocorrem na comunidade de fala como reflexo de sua diversidade social ou 2. Por meio da teoria da aquisição da linguagem que prevê que o sistema linguístico é adquirido na infância, com a manutenção estável dessa língua adquirida. Segundo os autores:

Admitindo essa última hipótese, é possível dizer que, se numa comunidade de fala convivem indivíduos de diferentes faixas etárias, convivem igualmente estágios de uma mesma língua situados em vários pontos do tempo. Trata-se, portanto, de uma análise sincrônica, de natureza não longitudinal que permite levantar hipóteses acerca da direcionalidade de variantes concorrentes e o curso de implementação de uma inovação linguística. (PAIVA; DUARTE, 2003, p.26)

As afirmações de Paiva e Duarte (2003) coadunam para um esclarecimento de como é possível depreender mudanças em tempo aparente. Trata-se de um esclarecimento metodológico em que a mudança é vista como uma possível interpretação em que há uma variante linguística que é mais frequente na fala de grupos etários mais jovens e, que vai diminuindo na proporção em que a faixa etária aumenta, de maneira proporcional e linear. Há, então, uma generalização da forma que predomina na fala dos jovens, ciclicamente, de geração a geração, com o desaparecimento da forma concorrente. No entanto, questões a respeito da

representatividade da amostra e da generalização das tendências identificadas na comunidade de fala torna esse método simplificador demais. Sendo necessário considerar, também, que, em diferentes momentos da vida do indivíduo, a variável está sujeita a imposições de caráter social, cultural e próprias da interação. É essa a concepção impregnada na Sociolinguística laboviana, partindo de um princípio uniformitário, ferramenta de inferição necessária para a reconstrução histórica de processos em curso que operaram no passado, sobre a qual o linguista propõe uma análise distribucional quantitativa de variáveis de acordo com a faixa etária dos informantes.

Os problemas que surgem, durante a análise de uma distribuição quantitativa em tempo aparente, podem ser solucionados a partir da observação dos dados em tempo real. É no confronto dos usos de uma variante em períodos discretos de tempo que o linguista pode obter respostas para os problemas de análise. São duas as abordagens da teoria laboviana que possibilitam esse confronto: 1) por estudo em painel, ou a volta à comunidade para um recontato com os falantes depois de um período de tempo; ou 2) o estudo de tendências, com a construção de uma nova amostra representativa. Enquanto o primeiro tipo possibilita a identificação da estabilidade ou instabilidade do uso de determinada variante por um indivíduo em momentos distintos (mudança geracional ou de gradação etária), o segundo tipo permite o estudo do comportamento da comunidade de fala, como defende Labov (1984) e, representado no quadro 7:

Quadro 8 – Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

	Estudos I Indivíduo	Estudo II Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação etária	Instável	Estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança comunitária	Instável	Instável

Fonte: Labov (1984, .83)

Seguindo um caminho simplificado, podemos interpretar o quadro acima da seguinte maneira: 1. Se não há instabilidade no comportamento do indivíduo, durante toda a sua vida e isso coincide com uma comunidade que também se mantém estável, pressupõe-se que não há variação e, portanto, o resultado é a estabilidade. 2. Por outro lado, se há mudança no comportamento linguístico do falante durante sua vida, permanecendo a comunidade na sua totalidade exatamente a mesma, há, então, uma gradação etária a ser analisada. É notório que

essas duas conclusões são, teoricamente, menos difíceis de serem analisadas do que as duas que se seguem: na mudança geracional, há o conceito de frequência envolvida no uso que o indivíduo faz de determinada variante. Trata-se de uma frequência que se mantém por toda a vida de um indivíduo. O aumento desse uso pode levar a uma mudança em toda a comunidade, desde que sua frequência se estenda de geração em geração. E, se isso ocorrer, haverá uma mudança conjunta da frequência do uso de determinada variante na comunidade e a aquisição de uma nova forma.

Para concluirmos nossas exposições a respeito da Sociolinguística laboviana, sem o intento de afirmarmos que conseguimos abarcar toda a teoria, mas, considerando que tocamos pontos cruciais para o entendimento do nosso item em estudo e das variáveis que iremos utilizar para a análise dos dados, finalizamos essa seção apresentando os cinco problemas que circundam o processo de mudança linguística e a metodologia da pesquisa sociolinguística.

Segundo Weinrich, Labov e Herzog (2006) esses seriam problemas que permeiam e sintetizam os princípios concernentes aos fundamentos empíricos para uma teoria da mudança. Segundo esses autores, a descrição empírica dos dados está diretamente relacionada com cinco questões, como organizamos no quadro 8:

Quadro 9 – As cinco questões da descrição empírica da metodologia da pesquisa Sociolinguística

Questões	Problemas
1. Qual o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudanças que podem ocorrer em uma determinada estrutura?	Problema de restrição ou fatores condicionantes
2. Como as mudanças estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão?	Problema de encaixamento
3. Como as mudanças passam de um estágio a outro, de uma comunidade a outra?	Problema de transição
4. Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos	Problema de avaliação

sobre a estrutura linguística e sobre a estrutura social?	
5. A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outras?	Problema de implementação (ou atuação)

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Guy e Zilles (2007), em seu trabalho sobre Sociolinguística Quantitativa, afirmam que os problemas e as questões mencionadas no quadro 8 fazem parte da dimensão quantitativa da teoria laboviana sobre Variação e Mudança Linguística. E, segundo eles, essa parte dos estudos carrega um nível considerável de complexidade, pois saíram de um estudo meramente matemático, passando por interpretações probabilísticas até atingir o modelo logístico, com a noção de peso relativo. Modelo esse que vem sendo utilizado pelos estudos variacionistas, inclusive por nós, com a realização de testes de significância sobre os fatores contextuais e a variável linguística.

O tipo de pesquisa em que se baseiam os estudos Sociolinguísticos Variacionistas parte da coleta de dados, por meio de gravações de amostras de fala, cujo número de informantes deve ser consideravelmente grande, seguindo um padrão de entrevistas que se baseiam em relatos de experiências pessoais, nos quais o entrevistado se sinta confortável na produção de seu discurso. Nesse caso, intenciona-se que o mesmo esteja emocionalmente livre e que produza o seu discurso da forma mais informal e espontânea possível. Segundo Labov (2008), nessas entrevistas, o sociolinguísta objetiva “[...] capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos” (LABOV, 2008, p. 110). Ou seja, o que quer o pesquisador é ver e ouvir como se comporta linguisticamente o seu entrevistado sem estar sendo observado ou monitorado. Há, segundo a teoria laboviana, técnicas (intervalos, pausas, assuntos que envolvam emoções etc.) para proporcionarem, em algum momento da entrevista, o surgimento do vernáculo de forma natural. O linguista sugere, ainda, que a coleta de dados possa ser realizada em ambientes públicos, em lojas, meios de comunicação etc. com algumas ressalvas para cada tipo de coleta, mas sempre com intuito de adquirir amostras válidas de dados da fala espontânea.

Seguindo o percurso teórico por nós selecionado, trataremos, na próxima seção, da Teoria Funcionalista da linguagem, especialmente, a vertente norte americana (Talmy Gívon,

Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, Bernd Heine), que estuda as línguas, a partir da relação entre a estrutura gramatical e os contextos comunicativos da língua em uso. No afunilamento por nós proposto no início dessa seção, nos aproximamos um pouco mais da teoria que sustenta nossa análise a respeito do processo de mudança por que passa o verbo *chegar* dentro da Língua Portuguesa, especialmente, a Língua Portuguesa falada no Brasil, tomando, como recorte para a análise, o vernáculo conquistense.

3.2 Funcionalismo: vertentes e o lugar de acampamento

A nossa proposta de análise, neste trabalho, se baseia no Funcionalismo Linguístico Norte Americano, vertente que tem como precursor Talmy Gívon. Para quem, a tipologia gramatical é mais do que um mecanismo superficial usado para decodificar os domínios funcionais universais. A gramática, nessa corrente, é uma ferramenta de categorização abstrata, que não pode dominar 100% de nenhuma regra. Dessa maneira, o autor parte da afirmação de que a gramática é, ao mesmo tempo, estável e flexível de acordo com a necessidade de adaptação para os diversos propósitos da comunicação. É por causa dessas características que a comunicação pode se dá de forma rápida, sem que, necessariamente, o falante se dê conta das escolhas que fez no ato comunicativo. Portanto, as estruturas linguísticas e as funções a que a língua se dispõe são os diferentes modos de significação do enunciado, permitindo a eficiência na comunicação entre os usuários de uma língua (NEVES, 2004).

A visão funcional da linguagem data do início do século, a saber antes de 1930, com o movimento do Círculo Linguístico de Praga (CLP). Esse movimento reuniu um grupo de estudiosos que passaram a questionar a relação entre o homem e a realidade extralinguística. Os principais temas em estudo do CLP se concentravam em discussões acerca de linguística geral, tendo como objetivo os estudos linguísticos eslavos. E, são essas discussões que marcaram novos caminhos no Estruturalismo e, consequência, abriram portas para o estudo funcional da língua, enquanto meio de expressão.

Segundo Neves (1997), é na Escola de Praga que se desenvolvem os mais representativos estudos a respeito da visão funcionalista da linguagem a partir da rejeição de rígidos princípios estruturalistas que demarcavam o território dos estudos linguísticos até então. A autora menciona que o que há de evidencia nos estudos da CLP é a rejeição da distinção dicotômica de conceitos como os de competência e atuação, base da teoria chomskiana, por exemplo. Assim, os estudos se voltam para a multifuncionalidade linguística que ultrapassa a indicação das funções gramaticais. De acordo com Neves (1997), destacam-se a esse respeito

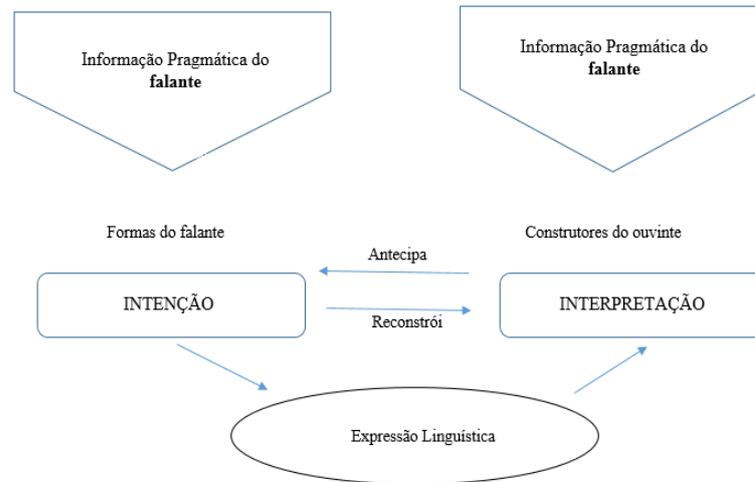
os estudos de Halliday e Dik, que buscam a construção de uma teoria no interior do próprio sistema, ou seja, eles consideram a própria natureza da linguagem de caráter funcional. Está iniciado, então, a discussão sobre forma e função que é um marco divisor nos estudos linguísticos. A visão do CLP segue para um estudo da língua concebida nessa relação, de forma teleológica, enquanto produto de atividade humana.

Dentre os pontos que se destacam nos estudos do CLP está, por exemplo, o estudo do enunciado. Como afirma Neves (1997), a frase é vista, a partir do CLP, não apenas como um grupo de palavras que se organizam sintaticamente, mas como unidades comunicativas, veiculando informações e estabelecendo ligação “[...]com a situação de fala e o próprio contexto linguístico” (NEVES, 1997, p.17). Sendo assim, a análise passa a ser com base no contexto comunicativo, seja verbal ou não verbal, e não nas frases por elas mesmas. Portanto, a partir de uma visão extralinguística, os estudos da linguagem do CLP se caracterizam como um estruturalismo linguístico, no qual a língua é um sistema funcional que considera tanto o sistema, como a função. Neves (1997), assim, resume a perspectiva funcional dos estudos da frase:

[...] A frase é reconhecida, desse modo, como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo. Essa análise biparte a frase em um elemento comunicativamente estático, o tema, e um elemento comunicativamente dinâmico, o rema ou comentário. O tema tem baixa informatividade porque tem sua referência já estabelecida (ou facilmente recuperável), e o rema, nas condições opostas, tem maior informatividade. (NEVES, 1995,p.18).

Como apresenta Neves (1997), o estudo da frase foi privilegiado no CLP, partindo da análise da língua da Tchecoslováquia, para avaliação da frase efetivamente realizada e sua função no ato comunicativo, marcando os estudos sobre forma e função. Seguindo essa ideia, Dik (1989, p. 8) considera que a língua é concebida a partir de um paradigma funcional, como instrumento de interação social e relações comunicativas entre os indivíduos. Dessa maneira, ele entende que a expressão linguística na comunicação se dá de modo funcional, representado no seguinte esquema: Figura 2:

Esquema de Dik



Fonte: Dik (1989, p.08)

Neves (1997) apresenta algumas assertivas a respeito do esquema de Dik (1989), para quem a expressão linguística é função:

- a. da intenção do falante;
- b. da informação pragmática do falante;
- c. da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

Já a interpretação do destinatário é:

- a. da expressão linguística;
- b. da informação pragmática do destinatário;
- c. da sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido.

Para Neves (1997), o esquema de Dik (1989) trata dos estágios de interação verbal entre o falante e o destinatário, com base na informação pragmática. Ou seja, a interação verbal está envolvida e direcionada pela intenção comunicativa do falante, por meio da antecipação da interpretação que o destinatário fará da informação pragmática, mediada pela expressão linguística. O destinatário, por sua vez, baseia-se, também, na informação que já possui, além, é claro na informação contida na expressão linguística. Nessa formulação, o autor trabalha com a ideia de cooperação estruturada, que, como explica Neves (1997), é assim chamada por estar regida por regras, normas e convenções, entre dois participantes, cujos objetivos almejam serem atingidos. Objetivos esses que perpassam pelas condições e regras da língua (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e, as regras pragmáticas (expressões linguísticas).

Dik (1997) apresenta o Funcionalismo Linguístico como o conjunto de estudos que considera o usuário da língua como parte do sistema, como componente fundamental no “discurso” e de onde emerge a informação pragmática necessária para a interação verbal. Para

Dik (1997), os conhecimentos que o indivíduo tem e que constituem a cadeia linguística podem se dividir em: a. de longo termo ou b. de curto termo (que pode ser situacional e textual). No primeiro grupo, encontram-se informações a respeito dos componentes lexicais, gramaticais e pragmáticos, que formam o conhecimento linguístico; o componente referencial; o componente episódico e o conhecimento geral de mundo, que constituem o conhecimento não linguístico. No segundo grupo, por sua vez, estão o conhecimento dêitico do evento comunicativo e as referências textuais.

O Funcionalismo Linguístico apresenta uma vertente americana que é marcada por se opor à tendência formalista- Estruturalismo e Gerativismo- ultrapassando os limites do estudo da forma e considerando a língua em uso e todos os seus aspectos, forma+função+contexto. Dessa maneira, essa vertente vai se diferenciando de outros estudos que deixam de lado questões como a motivação e as condições do discurso (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015). Entre alguns conceitos que marcam a teoria funcionalista, são caros para nossa pesquisa os seguintes: a. Iconicidade e marcação; b. transitividade; c. informatividade; d. Unidirecionalidade. Trataremos a seguir de cada um deles, aproximando-nos cada vez mais do processo de gramaticalização por que passa itens em mudança linguística.

Neves (2010) afirma que a corrente funcionalista considera a relação do sistema linguístico com a estrutura cognitiva do usuário. Partindo desse pressuposto, observamos que o verbo *chegar* no Português Brasileiro (PB) funciona como lexical, indicativo de movimento, mas, também, tem se apresentado com outras funções, diferentes daquelas propostas pela tradição gramatical. Dessa maneira, é possível dizer que o verbo em questão está em processo de gramaticalização na Língua Portuguesa no Brasil, dadas as construções em que *chegar* apresenta perfil de verbo auxiliar e, em outros casos, de impessoalidade. Mas, trataremos do processo de gramaticalização do verbo *chegar* na próxima seção.

Estudos mostram que, desde o século IV a.C., Aristóteles já tratava do termo funcionalismo, conceito que já envolvia a relação entre forma e função, mas, de acordo com Neves (2004), o Funcionalismo como conhecemos hoje nos remete ao Círculo Linguístico de Praga. Isso porque, essa teoria funcionalista se preocupa com a função dos meios linguísticos de comunicação como principal ponto de reflexão. Além disso, os estudos que sustentaram o Círculo Linguístico de Praga consideram o dinamismo da linguagem e a relação instável entre estrutura e função. E, entende-se como função aqui não somente como uma unidade sintática, mas uma conjunção dessa unidade com a sua função, como na seguinte representação:

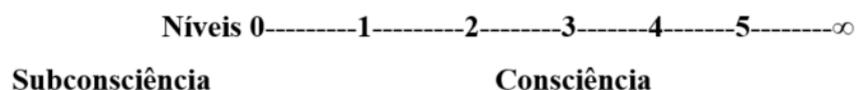
Unidade do sistema (estrutura) + função = multifuncionalidade

Nesse modelo, considera-se não só a pura competência para a organização das frases, mas a possibilidade de funcionamento dos itens linguísticos e a função a que serve a linguagem. Para Cunha (2008), essa é uma corrente linguística que, diferente do Estruturalismo e do Gerativismo, prioriza a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes usos dentro de um contexto comunicativo. Isso implica dizer que o Funcionalismo Linguístico manifesta uma oposição ao Formalismo, já que ultrapassa os estudos sobre o sistema interno da língua.

Um nome de relevância para se mencionar quando se trata do Funcionalismo linguístico é o de Halliday (1985), para quem a linguagem tem um papel funcional na vida dos indivíduos em suas variadas necessidades, enquanto base sistêmica e paradigmática, no sentido fhirtiano de paradigma, que se difere da orientação sintagmática da lógica e da Filosofia. Para Halliday, a gramática de uma língua não está em uma estrutura profunda e abstrata, como propunha a gramática gerativa, mas nas escolhas do falante diante de suas necessidades e objetivos específicos. Seguindo esse pressuposto, o autor põe em pauta questões como as da existência de um falante ideal e comunidade homogênea de fala. A língua, para o autor, está, então, em uma relação direta com as escolhas reais no uso da língua em contextos sociais reais.

Halliday (1963) apresenta duas possibilidades para a organização linguística, a saber: a. a cadeia ou sintagma; b. a escolha ou paradigma. Enquanto “a” está para a função, “b” está para os traços e, na relação entre ambos está a opção do falante e é essa seleção que gera o significado. Martin (1978) explica que esses traços mencionados na teoria de Halliday são, na verdade, ao mesmo tempo, significado formal e significado semântico, pois o sistêmico, para ele, implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a ideia de que escolha produz significado. A escolha, para Halliday, não se dá de forma totalmente livre, nem, tampouco, totalmente consciente, podendo haver diferentes níveis de consciência e liberdade durante esse processo, que podemos demonstrar da seguinte maneira, na figura 3:

Figura 2 – Escolhas do falante de acordo com o nível de consciência



Fonte: elaboração da pesquisadora

Na sequência exposta, demonstramos que, para Halliday (1973), o falante de uma língua pode acionar conscientemente uma opção linguística, de acordo com a necessidade do discurso, mas pode fazê-la subconscientemente e, também, de forma simultânea. Seus estudos

são, portanto, a partir de um conceito funcional do estudo da linguagem, ele se ocupa em analisar os usos que os falantes fazem da língua, defendendo a ideia de que são esses usos que dão forma ao sistema. Por isso, de acordo com o linguista, os significados de uma língua são dados pelos seus componentes funcionais e, esses significados se organizam em dois grupos principais, que são: 1. Ideacional; e, 2. Interpessoal.

Os dois grupos, que representam as metafunções de Halliday, são organizados a partir da maneira como a linguagem se manifesta. Segundo ele, a metafunção ideacional, ou reflexiva, está relacionada com as subfunções experiências de mundo do indivíduo e a lógica, sendo ambas correspondentes ao conteúdo cognitivo, mas cognitivo, para ele, é um termo abrangente, já que o autor entende que a cognição está para todas as funções da linguagem. Já, por outro lado, o grupo 2 se refere ao uso que o falante faz da linguagem para marcar sua participação no evento de fala por meio das subfunções expressiva e conativa, com a expressão do mundo interno e externo do indivíduo.

Seguindo uma abordagem instrumental, Halliday (1973) apresenta uma terceira função que completa a tríade interna da linguagem: o texto. A função textual é, para o linguista, um instrumento para a função ideacional e interpessoal, por meio da produção do texto contextualizando de acordo com cada situação, em uma relação em que o falante produza o texto e o ouvinte seja capaz de reconhecê-lo, como uma unidade operacional cuja função ultrapassa o estudo das frases.

Por último, mas não menos importante, para completarmos até aqui a nossa exposição sobre o Funcionalismo Linguístico, trataremos das proposições teóricas de Talmy Gívon. Considerado precursor da corrente Funcionalista Norte Americana, ele postula sua teoria em cima da não-autonomia do sistema linguístico. Para Gívon (1995), os estudos sobre a linguagem precisam considerar uma concepção em que a estrutura interna da gramática é um organismo. E esse organismo é que se responsabiliza pela unificação da sintaxe, da semântica e da pragmática. Essa unificação envolve a relação entre a gramática e a cognição, que, para Gívon (1995), é uma relação icônica, por meio de um componente conceptual que age no processo de gramaticalização de um item linguístico.

Segundo Gívon (1995), todo funcionalista deve considerar a hipótese de que nem a linguagem e nem a gramática pode ser completamente explicada ou descrita como um sistema autônomo. Conforme as suas ideias, para compreender a gramática, é necessário antes de qualquer coisa considerar os parâmetros naturais que moldam a linguagem. E, isso significa dar a necessária importância aos estudos dos processos cognitivos, do processamento cerebral da linguagem, da interação social e cultural, das questões de variação, e o que diz respeito à

aquisição e à evolução da linguagem. O que Gívon (1995) nos apresenta, em essência, é a complexidade envolvida nos estudos que se debruçam sobre a investigação gramatical.

No livro *Funcionalism and Grammar*, Gívon (1995) elabora uma crítica a respeito da proliferação das abordagens funcionalistas. Segundo ele, o crescimento do número de estudos a respeito do funcionamento da linguagem pode ser tanto positivo, quanto negativo. Na opinião do linguista, assim como acontece com as espécies biológicas, ao mesmo tempo em que isso é bom para a diversificação das perspectivas, dos métodos e dos dados, também provoca uma espécie de sectarismo e de incoerência nos estudos da linguagem. Para ele, no entanto, apesar de haver entre os estudos sobre a linguagem pensamento filosóficos e científicos reducionistas, há alguns conceitos que são complementares e necessários em uma investigação de cunho funcionalista, a saber:

- Arbitrariedade e motivação: o dogma da arbitrariedade de Saussure e Chomsky é insustentável; A gramática não é 100% autônoma e arbitrária. Portanto, A gramática deve ser 100% icônica e motivada.
- Regulação de regras: A posição geradora é insustentável; Gramática não é 100% governado por regras. Portanto, a gramática deve ser 100% flexível e não- Governado. Categoricalidade: As categorias gramaticais não são 100% formais e discretas. Portanto, as categorias gramaticais devem ser 100% flexíveis e não discretas.
- Significado e contexto: O significado não é 100% literal e não-contextual. Portanto, o significado deve ser 100% metafórico e contextual;
- Mudança e variação: o dogma de Saussure e Chomsky de "Competência" idealizada é insustentável. A gramática não é 100% invariante. Portanto, a gramática deve ser 100% variável, flexível, emergente;
- Cognição e comunicação (I): A comunicação é transacionada de forma social, e interpessoal. Portanto, os aspectos cognitivos da gramática devem ser reduzida aos seus aspectos sociais;
- Cognição e comunicação (II): A comunicação é um fenômeno cognitivo e não, transacionado entre duas mentes. Portanto funções comunicativas devem ser reduzidas a operações cognitivas;
- Universalidade e diversidade: o dogma de Chomsky de quase 100% de Gramática é insustentável. Portanto, os universais de gramática são puramente heurísticos e distribucional;

- Estrutura e função (I): A gramática é esmagadoramente icônica e motivada. Portanto, a organização funcional não precisa ser demonstrada de forma independente, retirando, portanto, a organização estrutural.
- Estrutura e função (II): A gramática é esmagadoramente icônica e motivadora. Portanto, a organização estrutural não precisa ser demonstrada independente- desconsiderando, então, a organização funcional.

Fugindo de um posicionamento extremista, quer seja, de cunho universalista ou relativista, Gívon (1991), nos estudos dos verbos em línguas da Nova Guiné, demonstra que seu posicionamento parte da consideração da relação icônica entre o “empacotamento” do tempo e da cognição, com auxílio da linguística e da psicologia experimental.

O Funcionalismo Linguístico a que Gívon se filia investiga, além da descrição sintáticas das línguas, as circunstâncias discursivas envolvidas com as estruturas linguísticas em cada contexto. A relação entre as circunstâncias e as estruturas acontecem de acordo com o uso que se faz dela, pondo em xeque qualquer afirmação de que a estrutura é rígida e invariável, pois é o uso que molda sua forma. Para fundamentar esse pressuposto, o funcionalismo investiga os conceitos de iconicidade e marcação, dos quais trataremos a seguir.

A iconicidade é um conceito de base funcionalista que estuda a relação entre forma e função, ou seja, é o estudo da correlação entre a expressão e seu designatum, em que a estrutura da língua reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência, por meio da conceptualização mental humana do mundo a sua volta. Para Gívon (1984), a *iconicidade* é um princípio que se manifesta pela quantidade da informação, o grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e a ordenação linear dos segmentos e segue certos subprincípios, como apresentam Cunha, Costa e Cezario (2003, p.32): 1. Subprincípio no qual a quantidade de forma depende da quantidade de informação. O que indica que quanto maior a complexidade da forma, maior, também, a complexidade do pensamento; 2. Subprincípio da integração no qual a sintaxe da língua se organiza de acordo com a organização da codificação mental; 3. Subprincípio da ordenação linear, para o qual a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática.

A iconicidade é, então, na visão funcionalista da linguagem, um princípio que, como afirma Hopper e Traugott (1993), garante a não-arbitrariedade linguística. O que corrobora para a afirmação de Gívon (1984) de que os princípios de iconicidade são aqueles que exercem governo na correlação entre forma e função. Gívon (1984) se dedica a tentativa de identificação dos princípios gerais do caráter icônico da linguagem humana, mas alerta para o fato de que a relação icônica, base desse princípio, está sujeita a pressões de cunho diacrônico, com desgastes

tanto fonológico, como originado das mudanças que a mensagem sofre no próprio processo de criação dos falantes.

Outro princípio funcionalista herdado da Escola de Praga que se relaciona com o princípio da iconicidade é, segundo Gívon (2001), o da marcação que ele classifica como um *metaprincípio*, responsável pela correlação entre a complexidade estrutural e funcional. Para o autor, existem categorias linguísticas *marcadas* e categorias *não marcadas*, por meio de um contraste binário que aparecem assim definidos em Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29): a. complexidade estrutural (a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a estrutura não marcada correspondente); b. distribuição de frequência (a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada); c. complexidade cognitiva (a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada). Martelota e Areas (2003, p.34), em seu texto *A visão Funcionalista da linguagem no século XX*, dão a seguinte explicação para esses três critérios do princípio da marcação:

Há uma tendência geral, nas línguas, para que esses três critérios de marcação coincidam. Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos formais da marcação. Assim as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser também substantivamente mais marcadas. (MARTELOTA, AREAS, 2003, p.34).

Segundo Martelota e Areas (2003), o posicionamento de Gívon a respeito dos critérios de marcação é firmada na ideia de que uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro, o que, inevitavelmente, faz com que o princípio da marcação dependa do contexto comunicativo, sendo possível explicá-lo apenas pela consideração desse contexto e dos fatores cognitivos, socioculturais e biológicos, que se estendem para além dos fenômenos linguísticos e servem, também, segundo Gívon (1981), a outros fenômenos, como o discurso, por exemplo (mais formal, menos formal). Trataremos, ainda, na próxima seção, a respeito da gramaticalização, sobre a teoria de Talmy Gívon e sua refutação aos dogmas do Estruturalismo Linguístico, a saber: 1. A arbitrariedade do signo linguístico; 2. A idealização do conceito de língua e parole; 3. A divisão entre diacronia e sincronia, a fim de que, reconhecendo a importância de Saussure para a linguística moderna, possamos deixar evidente a maneira e o porquê de nos posicionarmos de forma diferente frente aos postulados genebrinos.

A partir dos trabalhos de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993), além, é claro, de Gívon (1991;1995), é possível compreender que a

visão norte americana do Funcionalismo Linguístico centra seus estudos nos mecanismos e fatores comunicativos e cognitivos da mudança linguística. Por isso, fala-se, nesses estudos, de pancronia em sentido amplo, para além da perspectiva estruturalista inicial, a uma perspectiva polissêmica dos usos da língua, que ultrapassa a visão que os neogramáticos tinham a esse respeito. (CUNHA; COSTA; CEZARIO,2003)

Concluimos essa seção cientes de não termos dado conta de mencionar todos os teóricos que colaboraram para a composição da vertente funcionalista dos estudos linguísticos, mas apenas alguns dos que utilizamos para a composição do nosso aporte teórico e para a análise de dados. Ressaltamos que conceitos como os de iconicidade e marcação serão retomados na próxima seção.

3.3 Gramaticalização

Nesta subseção, nos empenhamos na análise do fenômeno por nós estudado, considerando, para isto, que o mesmo passa, por hipótese, por um processo de gramaticalização na Língua Portuguesa. Iniciaremos, apresentando a acepção dada a gramaticalização, enquanto processo de mudança linguística, pelos nomes que participaram diretamente para a constituição da corrente do Funcionalismo Linguístico como conhecemos hoje, são eles: Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993), Bybee (2010), entre outros.

De acordo com Heine et al (1991), os estudos a respeito da gramaticalização começam no século X, na China, mas a sua expansão se dá somente a partir do século XVIII, quando chega na Europa, seguido, no século XIX, na Alemanha e nos Estados Unidos. Ele observa ainda que foi Meillet, no século XX, que usou o termo pela primeira vez e definiu esse como um processo que se dá entre uma palavra anteriormente autônoma que passa a adquirir um caráter gramatical. Ou seja, o estudo da gramaticalização de um item é o que se dedica a transição de uma palavra lexical para uma gramatical, ou de uma palavra gramatical para uma outra mais gramaticalizada ainda. Toma-se, aqui, como item lexical aquele que encerra uma carga semântica significativa, uma vez que nomeia, caracteriza realidades extralinguísticas, exprime ação etc., o que lhe confere um caráter autônomo, “principal”, na estrutura da língua – nomes, adjetivos e verbos, por exemplo e, como item gramatical, considera-se o elemento (vocábulo, perífrase, elemento mórfico etc.) (MEILLET, 1912/1948, p.131).

Segundo Neves (2004), há várias acepções e sentidos para o termo Gramaticalização, mas, com base em uma coletânea organizada por Heine e Traugott (1991), com 25 trabalhos a

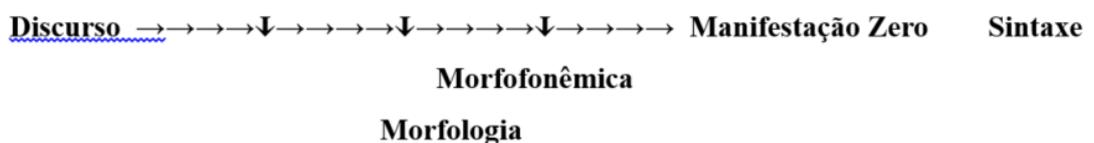
respeito do tema, pode-se encontrar um consenso no que diz respeito a referência que o termo faz à “[...]parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre langue e parole, entre o que é categorial e menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua” (NEVES, 2004, p. 115). Essas relações coadunam para uma investigação que tem por objeto a tensão entre o que é lexical e gramatical na língua.

Destaca-se, nos estudos a respeito da gramaticalização, processo inerente à variação e mudança das línguas, a oposição entre o que é diacrônico e o que é sincrônico. Em seções anteriores, tratamos um pouco a esse respeito, mas faz-se necessário retomarmos aqui algumas considerações e acrescentar outras, com o intuito de entendermos como se dá o caminho do verbo *chegar* rumo a gramaticalização. Começamos com a opinião de Heine *et al* (1991.), para os quais não há justificativa em separar duramente diacronia de sincronia, pois uma se faz entender por meio da outra. Partindo desse posicionamento os caminhos da gramaticalização podem ser entendidos tanto como um processo sincrônico como diacrônico. E, isso se torna possível porque, como afirma Gívon (1991), a gramaticalização pode se dar de forma gradual ou instantânea. Para exemplificação, há o caso dos verbos seriais, um dos objetos de pesquisa de Gívon, como cita Neves (2004):

[...] Do ponto de vista cognitivo, entretanto, segundo Gívon (que se concentra, em particular, nas correlações entre “empacotamento” temporal e processamento da informação nessas construções com verbo seriais), a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e é explorada. [...] Na primeira perspectiva-a mudança diacrônica-, diferentemente, o ajustamento estrutural tende a ligar-se a uma reanálise funcional elaborativo-criativa; o ajustamento no nível do código vem após-às vezes bem após- alterações anteriores no nível funcional. (NEVES, 2004, p. 119).

Gívon (1991) inclui a intervenção da pragmática no processo de gramaticalização por meio do mecanismo de reanálise do material lexical em material gramatical e dos padrões discursivos em padrões gramaticais, que representamos da seguinte maneira, conforme figura 4:

Figura 3 – O percurso givoniano da reanálise no processo de gramaticalização



Fonte: elaboração da pesquisadora

Como o esquema 4 nos mostra, o que Gívon (1979) defende é uma configuração em que a reanálise aconteça não somente sobre a matéria lexical que se torna gramatical, mas, também, dos padrões discursivos em padrões gramaticais. E, de acordo com essa orientação, as recentes pesquisas a respeito da reanálise de material lexical e material gramatical representam um avanço no que diz respeito aos estudos sobre gramaticalização, pois ultrapassam os limites do léxico e da gramática atingindo os padrões discursivos e os padrões gramaticais.

Observamos que as pesquisas de Gívon (1979) e Hopper (1987) corroboram para que a definição de gramaticalização seja, então, ampliada e, Feltes, Macedo e Farias (2008), no livro *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*, chamam essa ampliação de gramaticalização *stricto sensu* e *lato sensu*. No primeiro grupo, segundo as autoras, encontram-se as pesquisas a respeito das formas que migram do léxico para a gramática e, no segundo grupo, estão as investigações a respeito das mudanças que ocorrem na própria gramática. Dessa forma, os estudos da variação e mudança por meio do processo de gramaticalização se ocupam em descrever e explicar ao mesmo tempo como acontece a variação de um determinado item e como ocorre a manutenção de formas que variam ou mudam em uma língua.

Segundo Neves (2004), uma das características importantes no processo de gramaticalização é a unidirecionalidade. Esse é o nome dado ao percurso que um item faz enquanto passa pelo processo de variação e mudança linguística. Para entender o conceito de unidirecionalidade, faz-se necessário saber que o sincrônico e o diacrônico compõem o processo de gramaticalização, em um trabalho com o léxico e com as formas dentro da gramática, como mencionamos no parágrafo anterior. Isso entendido, é importante compreender que, como postula Gívon (1979), o processo de mudança e variação linguística tem caráter cíclico, próprio da evolução linguística, que o autor representa da seguinte maneira: discurso → sintaxe → morfologia → morfofonologia → zero. Cunha, Oliveira e Martelota (2003) explicam a representação dada por Gívon (1979), como veremos:

De acordo com essa trajetória unidirecional alguns itens lexicais passam a ser utilizados em contextos nos quais desempenham certa função gramatical, ainda não totalmente fixada. Progressivamente, via repetição, seu uso torna-se mais previsível e regular, resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou um afixo, com eventuais adaptações fonológicas. Com o aumento da frequência de uso, essa construção tende a sofrer desgaste formal e funcional que poderá causar seu desaparecimento, dando início a um novo ciclo. (CUNHA, OLIVEIRA E MARTELOTA, 2003, p.54)

Há dois conceitos semânticos que são importantes para compreender o processo descrito por Gívon (1979), a saber: o concreto e o abstrato. Para a corrente funcionalista americana, esses conceitos compõem o processo de gramaticalização por meio da abstratização de um item na língua. Por concreto, como propõe Heine (1991), entende-se o item prototípico que, no nosso estudo, é o verbo *chegar*, em seu sentido pleno, lexical e, na medida em que ele se afasta desse ponto, passa por um processo de abstratização, adquirindo novas características que podem ocasionar mudanças sintáticas e semânticas.

Partindo para o afinilamento que sugerimos nas primeiras seções deste trabalho, iniciaremos a amostra de alguns exemplos dos *corpora* por nós utilizados neste trabalho, com o intento de aproximarmos a teoria aqui abordada ao item em estudo. Para isso, vale lembrar que, como proposto pelo Funcionalismo, a escala de abstratização se dá do concreto para o abstrato como no esquema de Heine (1991, p.182):

+Concreto		-Concreto
	Espaço > Tempo > Texto	
Item lexical pleno)	Item gramatical (verbo auxiliar)	Item gramatical (Verbo (Operador argumentativo)

Fonte: Heine (1991, p.182) adaptado pela autora

Cunha, Oliveira e Martelota (2004) entendem que, durante o processo de abstratização, pode haver dois desdobramentos possíveis: primeiro, um item lexical de sentido concreto move-se a uma categoria gramatical e, depois, pode haver uma abstratização progressiva do item sem que haja mudança de categoria. Para o primeiro caso, temos os exemplos *a* e *b* e, para o segundo caso, temos os exemplos *c*, *d* e *e*, todos em que o verbo *chegar* se movimenta rumo ao caminho da gramaticalização, todos os exemplos são do corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC):

- a. *Aí quando **chegô** lá que deu duas horas que era a hora de fazê a prova ainda tinha gente na secretaria, fazeno a inscrição do vestibulá.* [LMRJ H C]
- b. *Fez ela chorá horrores conversô bastante com ela que acabô acalmando mais e foi pra casa, aí **chegano lá** a mãe dela queria por quê queria me pegá, queria por quê queria me bat... foi uma confusão desgramada, aí acabô que tia dela conseguiu apaziguá mais a situação que a tia dela me conhecia, aí **chegô e falou**: “não, Patrick num é assim não” quando ela me viu com essa cara de sonso, ele num é traficante de jeito nenhum.* [LMRJ H C]

No exemplo “a”, *chegar* é usado como verbo principal da primeira oração, com o seu sentido primário de movimento físico, sentido reforçado, ainda, pela presença do dêitico “lá”. Nós observamos que, nos *corpora* que utilizamos, na maioria dos exemplos, quando o verbo *chegar* está em seu sentido pleno, ou seja, denotando movimento físico, há uma pista desse movimento, marcada geralmente pela presença de um elemento dêitico, como, no exemplo retirado do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista: “São as pessoas que acolhe todo mundo que *chega aqui de fora*.” Nesse caso, há a presença do dêitico que marca o ponto de chegada do movimento que seria o ponto “Y” e, “de fora” marca a saída de um ente de algum lugar, que seria o ponto “X”, num movimento de X→Y.

No exemplo “b”, temos duas ocorrências do verbo *chegar*: na primeira ocorrência, repete-se a explicação dada para o exemplo “a”, ou seja, há o verbo em sentido pleno e a presença do dêitico. Na segunda ocorrência, porém, algo diferente acontece. Temos a presença de uma perífrase verbal em que o verbo *chegar* comporta-se como um verbo auxiliar, marcador aspectual, que segundo Travaglia (2006), em seu livro *O Aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão*, é uma categoria ligada a *TEMPO*, em maiúscula como sugere o autor, para diferenciar de tempo enquanto categoria verbal e tempos flexionais.

O aspecto é, então, ligado a *TEMPO*, enquanto uma ideia abstrata, que indica o espaço temporal ocupado pela situação (processos, estados, fenômenos, eventos, fatos etc.), em seu desenvolvimento que marca a duração, ou o tempo gasto pela situação em sua realização. (TRAVAGLIA, 2006, p.39). Para o autor, a categoria aspecto não é uma categoria dêitica, pois não situa a ocorrência ao momento da fala (anterior, simultâneo ou posterior), mas “as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração”, sendo o *TEMPO* externo à situação. No exemplo “b”, portanto, há uma evolução de sentido no caminho + concreto > - concreto, em que o item se abstrai numa escala *espaço > tempo* (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Macedo (2008), em sua dissertação de mestrado, por título *Indícios sincrônicos de gramaticalização: o uso do verbo chegar em orações coordenadas e na perífrase verbal [chegar (e) + v2]: contribuições para o ensino de gramática*, afirma que o emprego de *chegar* (assim como *ir*, *pegar* e *virar*) como aspectualizador, fornece indicações acerca do caráter repentino, súbito, veloz, do evento que V2 denota, sobre os quais o falante/ouvinte pode inferir surpresa/espanto, frustração/lamento ou irritação/crítica (Macedo, 2008).

Seguem-se os exemplos “c” e d”:

- c. *E Larissa também foi assim? Bonitinha não é: não foi linda igual Isabel para, era só pequenini::nha. ela era tão galeguinha, que o cabelo dela chegava ficar vermelho de lado, né? Já Isabela não.*
- d. *Chegou fora da hora e ainda reclamou.*

No exemplo “c”, *chegava ficar*, as características de V1, enquanto verbo pleno, já não são perceptíveis se relacionado a V2. Nesse caso, tem-se uma função intensificadora, que não pode ser compreendida fora da sentença. Isso implica dizer que só é possível inferir movimento ao verbo *chegar*; nesse exemplo, supondo uma interpretação metonímica, já que não há movimento físico envolvido, mesmo se acrescentarmos a preposição “a”, típica desse tipo de construção. No entanto, o que queremos explicitar é que apesar do deslizamento semântico do verbo chegar nessa sentença, ele não sofre mudança de categoria. Assim acontece com o verbo *chegar* na letra “d”, apesar de se manter as características prototípicas do verbo, principalmente a indicação de movimento no espaço > TEMPO, há uma metonímia envolvida na expressão que carrega o verbo semanticamente. No caso de “Chegou fora de hora” não é possível desassociar o espaço e o TEMPO, como se juntos formassem um todo metonímico, dada a sentença como uma unidade.

- e. *Nunca fizeram não também não sou muito chegada, não faço questão.*
- f. *Num sô chegado muito a festa assim não... de agitação assim não.*

Fonte: Macedo (2008, p.40)

O exemplo “e”, por sua vez, assim como o exemplo “f”, apresenta um uso gramaticalizado do verbo *chegar*, no qual não há, um traço de movimento na expressão. Nesses exemplos, o verbo gramaticalizou-se na língua Portuguesa de maneira que passou a ser usado com outra função que não a sua de origem.

Observa-se que, no caminho rumo à gramaticalização, o verbo *chegar* alcançou determinados níveis de abstratização, que para serem entendidos é necessário considerar os processos metafóricos embutidos. Por isso, trataremos agora a respeito da relação entre Gramática funcional e Cognitivismo. Começamos com a exposição de Neves (2004), para quem os expoentes teóricos a respeito da cognição nos estudos linguísticos se concentram: Filmore (1976-1977), Lakoff (1977), Jackendoff (1992), Talmy (1986), Lakoff (1987) e filmore (1985), acrescentamos Bybee (2006), entre outros. De acordo com esses estudiosos, Neves (2004) apresenta o modelo cognitivista de gramática que se dá, segundo ela, a partir da relação entre a estruturação das categorias linguísticas e a estruturação de todas as categorias humanas, ambas orientadas pelos mesmos princípios, numa relação icônica. Há, duas orientações nos estudos sobre essas relações, de um lado estudos baseados no léxico com objetivo de investigar as

representações conceituais e, por outro lado, há estudos que estendem a toda a gramática a motivação cognitiva dos estudos linguísticos. Lakoff (1987), por exemplo, faz essa extensão, na qual a gramática considerada uma categoria radial de construções gramaticais, como explica Neves (2004):

[...] Lakoff (1987), que considera a gramática como uma categoria radial de construções gramaticais, pela qual se estabelece uma relação de correspondência entre o modelo cognitivo (que caracteriza a significação) e os aspectos correspondentes da forma linguística. (NEVES, 2004, p. 100).

Tomando como escopo o estudo de gramática e da cognição, é possível considerar que, como afirmam Cunha, Oliveira e Martelota (2003), o estudo da variação e da mudança linguística por meio do processo de gramaticalização deve ser entendido como um estudo tridimensional, considerando, para isso, *tempo, cognição e uso*, enquanto um processo que está para o fim comunicativo pela interpretação do comportamento humano. Isso significa dizer que a língua está a serviço do ser humano em função do ato comunicativo, no qual o ele acessa seu dispositivo cognitivo e produz sentido. E, isso ocorre em favor da inteligibilidade do discurso, com o empenho do falante e do ouvinte, em um trabalho conjunto em que o primeiro tenta ser compreendido e o segundo tenta compreender. Nesse processo, ocorre, por necessidade comunicativa, a criação de novas expressões que, por economia de esforço, geram novas funções a formas já existentes, ao invés de gerar novas formas. Durante esse empenho de falante e ouvinte em suprir possíveis lacunas durante o ato comunicativo, a língua se vê variando e mudando o que ocorre por meio do processo de gramaticalização. Isso posto, podemos dizer que uma coisa é usar o verbo chegar como em: “Ele chegou em casa tarde” e, outra coisa é usar o mesmo verbo em expressões, como: “De tão alto *chegou* estrondar meu ouvido”, ou ainda, em um nível mais alto de abstração, como nos exemplos: “Ele chega delirava” e, “Ela chega ser besta”.

É na situação comunicativa real que a mudança linguística ocorre e, dado o contexto da língua em efetivo uso, é necessário considerar que os elementos de uma língua não são autônomos, eles adquirem significado de acordo com o uso que o falante faz de cada um deles em um determinado contexto e necessidade. Segundo Neves (2004), a teoria funcionalista não considera a língua como um sistema autônomo e que independe de forças externas, mas parte da premissa de que as gramáticas precisam ser consideradas parcialmente autônomas (contínua)

e, também, parcialmente sensíveis a pressões externas (adaptáveis). E, é no sistema que as forças internas e externas “se resolvem”. (p.22).

Esse movimento dinâmico entre foras internas e externas, próprias da língua em uso é que constitui a estrutura cognitiva, que deve ser considerada a partir do estudo da sintaxe, da semântica e da pragmática, como um todo unificado, como propõe Gívon (1984). Além de Gívon (1984), outros autores, também, veem a necessidade de uma teoria funcional que considere e que acople a sintaxe e a semântica para compreensão da estrutura pragmática, dentre eles se encontram Dik (1989) e Halliday (1970), sobre os quais temos subseções nesse trabalho. Para o primeiro, os estudos que integram a gramática e a pragmática se baseiam no estudo na interação verbal. É na interação que os indivíduos, falante e ouvinte, fazem uso das expressões como instrumento de significação. Para o segundo, as línguas se organizam em torno de significados que são organizados em dois grupos principais: um responsável no entendimento do ambiente (ideacional) e outro responsável pelas relações (interpessoal). Esses dois grupos trabalham em prol da pragmática por meio do texto. O que esses autores têm em comum é o fato de considerarem muito importante que o estudo da língua englobe a sintaxe, a semântica e a pragmática como um conjunto que envolve diretamente a ação e a intenção do falante e do ouvinte de acordo com as necessidades comunicativas e, por isso, envolve a cognição.

Não seria possível, neste trabalho, abordarmos todos os conceitos que orientam os estudos sobre a variação e a mudança das línguas, além de não ser o nosso propósito, mas, se tratando do processo de gramaticalização, faz-se necessário abordarmos os cinco princípios de Hopper (1991), para quem é possível um estudo que isole e identifique as instâncias potenciais de gramaticalização, numa busca pelo que é mais ou menos gramaticalizado na língua. Vejamos quais os princípios de Hopper (1991, p.21):

- (i) Estratificação (layering): de acordo com esse princípio, “camadas” antigas de uso da língua não são necessariamente descartadas quando novas “camadas” surgem. Em outras palavras, “camadas” novas e antigas podem coexistir. Como explicam Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), o que acontece é que as formas emergentes podem coexistir com as já existentes vindo a substituí-las ou mesmo, não substituí-las e, ainda assim, garantirem um lugar na língua num mesmo domínio funcional.
- (ii) Divergência (divergence): Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) esclarecem que a forma antiga, ou aquela da qual se originou a forma nova no processo de gramaticalização não se altera e matem-se autônoma, sujeita a mudanças que são próprias de sua classe, inclusive pode vir a sofrer um novo processo de

gramaticalização. Vale lembrar que, apesar das semelhanças, enquanto a estratificação está para as diferentes codificações para uma mesma função, a divergência está para diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item.

- (iii) Especialização (specialization): Como exemplo de um item em especialização Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) citam o uso da expressão pronominal a gente e o nós, o primeiro vem ocupando as posições sintáticas de forma preferencial.
- (iv) Persistência (persistence): trata-se da permanência de vestígios do significado primeiro, lexical, depois que uma forma passa pelo processo de gramaticalização, saindo de uma função lexical para outra gramatical, com a subsistência de seus significados lexicais. Neves (2004) cita, por exemplo o caso da restrição da forma *mrs* para referir-se a mulheres adultas. A sigla reflete a história do substantivo *mistress*, como uma forma feminina para dizer *máster*.
- (v) Descategorização: é quando um item gramaticalizado tem seu estatuto categorial diminuído, possibilitando o surgimento de formas híbridas. Esse princípio implica perda de propriedades morfossintáticas da forma fonte e, também perda do caráter de independência, passando a forma a adquirir características de categorias mais gramaticalizadas.

Para Hopper (1991) os princípios acerca do processo de gramaticalização se justificam porque a estrutura linguística é constituída de um sistema adaptativo, ou, como afirma Bybee (2016), trata-se de um sistema adaptativo complexo que se assemelha muito mais a dunas de areias do que a uma estrutura rígida e planejada. Dunas essas que, segundo a autora, possuem gradiência e mudanças só distinguíveis e caracterizadas com o tempo e no tempo.

Segundo Hopper (1991), os princípios por ele apresentados são, na verdade, uma tentativa de complementar a caracterização da gramaticalização por princípios que só atingem em estágios avançados. Mas, para Neves (2004), o que Lehman (1985) apresenta são tendências, que a autora resume da seguinte maneira:

1. Paradigmatização: as formas possuem a tendência de se organizar em paradigmas;
2. Obrigatorização: as formas tendem a tornar-se obrigatórias;
3. Condensação: as formas tendem a tornar-se mais curtas;
4. Aglutinação ou coalescência: as formas adjacentes tendem a aglutinar-se;
5. Fixação: ordens linearmente livres tendem a tornar-se fixas.

Fonte: Neves (2004, p.83)

Ao estudarmos um pouco a respeito desses princípios que compõem os estudos da variação e da mudança linguística via gramaticalização, é possível concluirmos que a língua não se constitui de um mapeamento arbitrário de ideias para os enunciados, como afirmam Cunha, Oliveira e Martelota (2003). A complexidade dos estudos linguísticos está, então, na importância das razões estritamente humanas que circundam e compõem a estruturas das línguas. Essa complexidade é composta pela ligação das estruturas sintáticas com as estruturas semântico-cognitivas, tanto na forma como na sua organização.

A seguir, apresentaremos algumas teorias a respeito da gramaticalização do ponto de vista da teoria cognitiva da linguagem, com o intuito de esclarecermos qual a relação entre o aparato cognitivo do falante e o processo de mudança e variação linguística, especialmente, no que diz respeito à gramaticalização.

3.3.1 Gramaticalização do ponto de vista da Sociolinguística Cognitiva

Como já mencionamos em seções anteriores, gramaticalização é um processo próprio da mudança linguística e, para compreendê-la, é necessário considerar que a língua é um sistema complexo e cognitivo, em fluxo contínuo, como afirma Castilho (2016, p.60). Considerando, também, essa ideia e levantando questões importantes a este respeito, Abraçado (2015, p.287), na obra *Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro*, afirma que os estudos da variação linguística que consideram a organização mental da linguagem, ainda, são muito efêmeros, restando esse papel a Sociolinguística, que, segundo ela, comporta estudos que visam compreender a relação entre a variação linguística e a organização cognitiva do usuário da língua. No entanto, Thomas (2011) considera que os estudos Sociolinguísticos, apesar de se ocuparem dessa questão, focam nos mecanismos da variação e mudança linguística por meio das identidades sociais dos falantes e, como consequência, os estudos sobre a cognição e sua relação com processos de mudança linguística, como a gramaticalização, ainda, carecem de aprofundamento.

Um nome necessário de ser mencionado quando se trata de estudos linguísticos voltados à cognição é William Labov, que em seu estudo a respeito de mudanças sonoras, por exemplo, trata de dois caminhos de se entender a mudança linguística pelo viés da cognição: 1. Primeiro ele observou que o conhecimento (cognição) das categorias fonológicas é uma condição necessária para se entender as mudanças em cadeias e; 2. Os falantes de uma língua possuem conhecimento (cognição) de que determinadas variantes pertencem a determinados grupos sociais (Weinreich, Herzog, Labov, 2010). Contudo, apesar de ser esse tipo de análise um

avanço inquestionável nos estudos a respeito da variação e mudança linguística, Thomas (2011) afirma que há, ainda, um favorecimento de estudos sobre os processos categóricos, ficando de lado, muitas vezes, abordagens que tratem das questões abstratas dentro do processo de variação. Mas, segundo Abraçado (2016, p. 288), há avanços no número de pesquisas que se ocupam deste tema, sendo destaque, dentre elas, por ampliarem o escopo de pesquisas a respeito da Linguística Cognitiva, os de: Dirven (2005), Geeraerts (2005), Sinha (2007), Zlatev (2005), Verhagen (2005), Harder (2003), Bernárdez (2008), Kristiansen e Dirven (2008), e Soares da Silva (2008).

Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), no livro *Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística*, tratam das construções subjetivas que, como o tema sugere, consideram o sujeito como parte integrante na construção dos sentidos das sentenças. Em seu texto, a partir de uma abordagem funcionalista da linguagem e da linguística cognitiva, as autoras partem da hipótese de que é na posição inicial da sentença que se constitui o espaço de marcação da atitude do falante, a partir de orientações icônicas. Nesse caminho, podemos compreender que o verbo *chegar*, rumo ao seu processo de gramaticalização, remete-se a novas funções e posições, a partir das escolhas feitas pelo usuário da língua, manifestando a subjetividade e intersubjetividade do falante, que envolve a relação entre o significado semântico ou pragmático com a expressão da atitude ou ponto de vista do mesmo, como nos mostram os exemplos abaixo relacionados:

11. *Mas tem gente que **chega** (de São Paulo) qué fala mais bonito de que falava antes, aí, acaba atrapalhão. [SSA H C PPVC].*
12. *Mas, num sô **chegado** muito a festa assim não... de agitação assim não. [SSA H C, PPVC].*
13. *Eles gostam muito de falar da vida dos outros aqui nesse bairro aqui, intão eu num sou **chegada**. [MJPS M C PPVC].*
14. *Não. Num **chegava pensá** assim de ir tão longe não. [EPS H BC PPVC]*
15. *Era assim dependent' era cada um no seu direit' era coisa aquel' que tava errad' **chegava e ficava** quiet' mais o ôto que tava certo. [EPS H BC PPVC]*

Como é possível observarmos, no exemplo *a* o verbo *chegar* atua prototipicamente, com indicação de movimento com a saída de um ponto X (São Paulo) e a chegada a um ponto Y (Bahia). No entanto, a Língua Portuguesa comporta construções com o verbo *chegar* num nível de abstratização que o transporta para uma nova categoria, como nos exemplos *b* e *c*, nos quais o item é transportado da categoria verbal para a nominal. Além disso, o mesmo verbo funciona como verbo suporte como no exemplo *d*, bem como, funciona como um verbo auxiliar em

estruturas do tipo [V1 (e) V2], como nos mostra o exemplo *e*, no qual V1 não apresenta traço de movimento, enquanto uma das características principais do verbo *chegar* pleno. Dados os exemplos, é possível constatar que quanto mais o item em estudo se afasta de sua prototipicidade, maior é o índice de subjetividade acionado pelo usuário da língua, num “esforço” que manifesta a grande multifuncionalidade do verbo *chegar* dentro da Língua Portuguesa, com o intuito de organizar cognitivamente a sua fala e se posicionar ativamente através do uso da língua.

De acordo com a proposta de Traugott e Dasher (2005), a subjetivação e intersubjetivização fazem parte dos caminhos da mudança semântica, levando em conta a relação da gramática e o uso, numa díade falante/ouvinte, que se ocupa da negociação dos sentidos, em constante interação. Os autores consideram que a subjetivação, no rumo da mudança linguística, se volta à perspectiva expressiva do falante, enquanto que a intersubjetivização está centrada na preocupação por parte do deite de como a informação será recebida pelo ouvinte. O verbo *chegar*, por exemplo, possui um sentido primeiro como em “Ele *chega* hoje e te conta tudo”, que é anterior a “Ele *chega* contar nos dedos pra dar tudo certo”, pois, no segundo caso, há um acionamento maior de mecanismos de inferências próprios dos processos cognitivos da linguagem humana.

Martelotta (2010, p.164)), ao tratar da subjetivação e intersubjetivação no processo de gramaticalização, compreende que há, por um lado, uma tendência na mudança linguística de partir de um sentido representacional para outro processual, de acordo com o modo como o falante organiza o enunciado para o ouvinte. Nesta organização, o falante inclui intencionalmente no enunciado o recorte de tempo e aspecto, a relação lógica das informações, a modalização etc., também, por outro lado, o enunciado é construído pelo cuidado que o falante dá a recepção do ouvinte, implicando marcas de pressuposição, mecanismos de atenuação de assertividade, entre outros.

Na subseção a seguir, trataremos a respeito de dois mecanismos presentes no processo de gramaticalização, com o intuito de entendermos como se dá o caminho de um item lexical para um item gramatical, ou ainda, um item já gramaticalizado para um item mais gramatical ainda.

1.3.1.1 A metáfora e a metonímia

Nesta subseção, fazemos um resumo dos principais pontos a respeito de dois mecanismos de mudança linguística que ocorrem no processo de gramaticalização, a saber: a

metáfora e a metonímia. Consideramos, para isso, teorias que tratam da variação linguística com envolvimento de fatores cognitivos.

A partir dos estudos sobre as categorias cognitivas de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991), é possível considerar que, dentre os aspectos subjacentes da gramaticalização, destaca-se a metáfora como uma importante característica no desenvolvimento das categorias gramaticais. Seguindo um enfoque na mudança semântica, os autores consideram um caminho unidirecional de transferência de sentidos que vão do mais concreto e, portanto, mais acessível, para outros mais abstratos e, conseqüentemente, menos acessíveis. Por sua vez, Traugott e Dasher (2005) e Brinton e Traugott (2005) consideram que, no processo de gramaticalização, a transferência é mediada via inferência por um processo de mudança metonímica.

De acordo com os estudos de Sweetser (1990), Bybee et al. (1994), Heine e Reh (1984), Heine et al. (1991), entre outros que se dedicam em entender quais os mecanismos circundam o processo de gramaticalização dos itens linguísticos, a mudança semântica é motivada fortemente pela metáfora. A metáfora é um mecanismo que transporta um significado mais concreto para um mais abstrato, unidirecionalmente, na visão destes autores. Heine et al. (1991, p.46) considera que a metáfora, no processo de gramaticalização, possui motivação pragmática com resultados na função gramatical. A partir das afirmações dos autores, é possível compreendermos que a metáfora não resulta na criação de expressões novas, mas se dá por meio da extensão de significados que tornam possível uma mudança cognitiva, na qual conceitos já existentes são aplicados a novas situações, considerando as categorias cognitivas como foram organizadas pelos autores na seguinte escala:

Pessoa>objeto>processo>espaço>tempo>qualidade

A ordenação apresentada na escala, como vemos, segue um contínuo da esquerda para a direita, no qual se manifestam categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, portanto, mais concretas, que caminham para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo, ou seja, menos concretas (Lima-Hernandes, 2011, p.36). A unidirecionalidade, também, é tratada por Gívon (1979), para quem o trajeto unidirecional da gramaticalização evidencia os itens lexicais que atuam em certas funções gramaticais, mas que ainda não estão totalmente fixados e, por isso, dependem da regularidade do uso, em um percurso discurso>morfofossintaxe.

Heine et al (1991, p.46) exemplificam como se dá o processo de gramaticalização de um item linguístico por meio da metáfora, ao apresentar o verbo to go (ir) do inglês, resumindo da seguinte maneira as propriedades envolvidas nesse processo:

- (a) Significado literal e significado por transferência;
- (b) Domínio conceitual (espaço) e tempo dêitico;

- (c) Quebra de regras e anomalias;
- (d) Conceitos associado ao mundo humano passam a referir-se ao inanimado;
- (e) Metáforas que geram ambiguidade por também serem entendidas como literal.

Dentre estas propriedades e, pensando no comportamento do verbo *chegar* na Língua Portuguesa, destacamos, por hora, a letra *e*, que trata da ambiguidade gerada na passagem do verbo pleno para verbo auxiliar. Pois, até aqui, neste trabalho, temos defendido a hipótese de que o verbo *chegar* na Língua Portuguesa tem traçado um caminho rumo a gramaticalização, no qual o item sofre um processo de abstratização. A respeito deste processo, e em consonância com esta hipótese, Martelotta (2011, p.95) afirma que as línguas naturais passam regularmente por mudanças, nas quais é extremamente comum um verbo pleno passar a [verbo] auxiliar, perdendo o seu sentido representacional para indicar relações de tempo e aspecto, como em:

- a. Ele chegou até Portugal.
- b. Ele chegou até a chorar.
- c. Ele chegou e disse: estou em Portugal, e você?

Fonte: elaboração da pesquisadora

Martelotta (2011, p.95) apresenta, então, um estudo com o verbo *ir*, que tomamos aqui por analogia, por apresentar, assim como o verbo *chegar*, a característica de movimento, cuja gramaticalização como auxiliar de futuro em Português demonstra que o novo uso de *ir* é inferido a partir de contextos ambíguos, como no exemplo do autor: “Ele vai falar com Paulo”, que pode significar: 1. Que há um ente que se move até Paulo em um determinado lugar e fala com ele, ou, pode ser apenas, 2. Uma indicação de que a ação acontecerá no futuro. Da mesma maneira, observamos que expressões com o verbo *chegar* se sujeitam as mesmas condições do verbo *ir* na passagem de verbo pleno a verbo auxiliar, como em: “Ele chegou falou com Paulo o que bem queria”, que pode indicar: 1. Que alguém se movimentou do ponto X até Paulo e falou o que bem queria, como é possível que, 2. O verbo *chegar* esteja apenas aspectualizando a ação de falar com Paulo no passado.

Exemplos de estruturas em que o verbo *chegar* passa de pleno a auxiliar se enquadram no processo de gramaticalização num princípio cognitivo específico, como afirma Lima-Hernandes (2011, p.30), que é o da exploração de velhas formas para novas funções. Também, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) afirmam que:

Dessa forma, entidades claramente delimitadas e/ou estruturadas são recrutadas para conceituar entidades menos delineadas, delimitadas ou estruturadas, experiências não físicas são entendidas em termos de experiências físicas, o tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo,

ou relações abstratas em termos de processos cinéticos ou de relações espaciais etc. (Heine; cia, p.150).

A partir da supracitada afirmação de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p.150), é possível apreender que a *metáfora* é um mecanismo de transferência conceptual, enquanto que a *metonímia* se responsabiliza em aproximar diferentes domínios cognitivos, partindo, sempre, de uma motivação pragmática, pela reinterpretação que é necessária de acordo com os contextos. Lima-Hernandes (2011, p.31) apresenta o seguinte quadro que resume as diferenças entre a metáfora e a metonímia:

Quadro 10 – Diferenças entre Metonímia e Metáfora

Metonímia	Metáfora
Nível sintagmático	Nível paradigmático
Reanálise (abdução)	Analogia
Implicaturas conversacionais	Implicaturas convencionais
Opera por meio da inter-relação sintática dos constituintes	Opera por meio de domínios conceptuais

Fonte: Bisang (1998, p.16)

A partir do que expõe Ullmann (1962), em uma visão pré-estruturalista, a *metáfora* e a *metonímia* se complementam e, de acordo Traugott (1988), não há como separá-las, pois, enquanto a metáfora se ocupa na solução de problemas de representação, a metonímia se associa a solução de problemas na informatividade e relevância na comunicação. Por resultado dessa associação na solução de problemas, a metáfora e a metonímia “ajudam a explicar a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior ou construção mais gramatical” (Lima-Hernandes, 1991, p.31). Dado o exposto, entendemos que estruturas do tipo [V1 (e) + V2], nas quais *chegar* é V1 e se comporta como verbo auxiliar de V2, podem ser melhor compreendidas a partir dos mecanismos de metáfora e metonímia, permitindo que o usuário construa e se faça entendido por meio de expressões do tipo: a. *Chega* dizer bem alto pra ela escutar; b. *Chega* de falação; ou 3. *Chega* doer; 4. Eu *cheguei e disse*: o barco tá furado, vamos remar mais rápido; 5. Eu não sou *chegada*. Estes exemplos (nossos) são próprios da Língua Portuguesa e representam significados que perpassam pelos processos de analogia (metáfora) e reanálise (metonímia).

De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), há mecanismos que motivam a gramaticalização, a saber: a extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. 1. A extensão metafórica pode ser compreendida a partir de duas propriedades: a. A

mudança segue de um domínio mais concreto para um mais abstrato; b. Há no processo de mudança linguística a preservação de traços da estrutura original. Para eles, 2. A inferência, por sua vez, relaciona-se com a implicatura, na qual o falante se ocupa da informatividade prevendo a maior economia e o ouvinte extrai da asserção o que é necessário para a compreensão. 3. Por generalização os autores entendem a representação da perda de determinados traços do significado original e a, conseqüente, expansão de significados e contextos de usos. E, 4. A harmonia é um mecanismo próprio dos elementos gramaticais, cujo conteúdo semântico se perdeu em grande parte. 5. A Absorção, segundo os autores, é a fase em que o item em processo de gramaticização torna-se totalmente gramaticalizado.

Diante do exposto, é possível entender que a gramaticalização de um item linguístico se dá por meio de um processo dinâmico, por meio das relações estabelecidas em consonância com a atividade cognitiva própria da linguagem humana. De acordo com Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), esse processo parte de motivações específicas do falante e sobreposições que combinam sentido e forma, gerando ambigüidades e polissemias que resultam numa assimetria. Por fim, essa assimetria pode ocasionar em problemas comunicativos entre falante e ouvinte, que só podem ser resolvidos por meio da metáfora (analogia) e da metonímia (reanálise).

Agora que mostramos um pouco a respeito da importância da metáfora e da metonímia, enquanto mecanismos de resolução de problemas na comunicação entre falante e ouvinte durante o ato comunicativo, passamos para a próxima subseção, na qual trataremos sobre o Sociofuncionalismo, abordagem que considera a situação real de comunicação. Para isso, permanecemos com as leituras de Talmy Gívon e Paul Hopper (2009), além de Sandra Thompson (2001), Wallace Chafe (2000), entre outros.

3.4 Sociofuncionalismo

Nessa subseção, como dissemos previamente, iniciaremos a discussão sobre as regularidades da língua e suas características específicas e gerais a partir da abordagem Sociofuncionalista da linguagem.

Edward Sapir (1929) afirmava que “a língua é um tipo de comportamento estritamente social, assim como tudo numa cultura [...]” e, para Meillet ((1866-1936), a língua é social na medida em que as relações sociais e fatores extralingüísticos estão, o tempo todo, influenciando o sistema e agindo sobre ele. Partindo dessas premissas, na perspectiva Sociofuncionalista considera-se que, por ser a linguagem uma ferramenta fundamental para as relações sócio -

comunicativas dos indivíduos, ela renova-se constantemente e precisa ser alvo de estudo de tempos em tempos. Por isso, abordagens surgem e se modificam se adaptando as já existentes numa tentativa teórica de se complementar as pesquisas existentes e colaborar para o aprimoramento dos estudos linguísticos.

O surgimento do Sociofuncionalismo se deu na década de 1980 a partir de investigações a respeito da língua em uso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ). Os primeiros estudos tinham como base a conciliação da sociolinguística Variacionista e o funcionalismo norte americano. Esses estudos investigavam questões como a informatividade, os planos discursivos a iconicidade, a marcação, entre outros temas. Para Cezario, Marques e Abraçado (2016), na obra *Sociolinguística sociolinguísticas: uma introdução* a abordagem Sociofuncionalista se ocupa dos estudos da motivação para o uso de uma forma linguística em detrimento de outra, considerando, para isso, fatores sociais, cognitivos, comunicativos, entre outros.

As pesquisas de cunho Sociofuncionalista se ocupam das questões que envolvem gramática e discurso. Os teóricos priorizam a premissa de que é no uso que a gramática se modifica constantemente, de acordo com a necessidade dos falantes, que, por sua vez, passam a necessitar de novas formas linguísticas ou de “formas reforçadas/repetidas” para se expressarem com inteligibilidade. Não é por acaso que o leitor pode constatar que essa premissa já se encontra na vertente norte americana da abordagem funcionalista, bem como, na maioria dos estudos a respeito da variação e mudança. É que o Sociofuncionalismo não é senão uma proposta de conciliação entre essas duas abordagens.

Segundo Tavares e Gorski (2013), no artigo *Variação e Sociofuncionalismo*, texto que faz parte do livro *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro* de autoria de Martins e Abraçado (2015), a abordagem Sociofuncionalista toma como objeto tipos variantes diversas que partilham ou disputam uma função, realizando o controle de grupos de fatores linguísticos, de estilo e, também, sociais que são passíveis e sujeitas a escolha dos falantes. De acordo com as autoras, o objeto de estudo nessa abordagem abarca as seguintes etapas:

- O aparecimento de uma função nova para uma forma;
- A disseminação do uso inovador que passa a ser rotinizado;
- As alterações acarretadas por tal processo de disseminação na distribuição sociolinguística de formas mais antigas que porventura também exibam a mesma função;

- A substituição (se ocorrer) de uma (ou mais) das formas antigas pelas formas mais recentes.

Tavares e Gorski (2015), na obra já citada, fazem questão de ressaltar que, muitas vezes, no lugar de uma substituição radical, pode acontecer da forma nova se especializar em certos contextos para um tipo específico de domínio funcional, enquanto que a forma antiga continua sendo utilizada em outros contextos de uso. Seguindo a explanação, ao nosso ver, bastante clara, as autoras apresentam como se dá o procedimento metodológico na interface sociofuncionalista. Para elas, primeiro é necessário a identificação de situações de uso linguístico variável de um domínio funcional, por meio de um recorte, depois, é necessário operacionalizar as variáveis, de acordo com a proposta laboviana, com o isolamento de formas variantes que cumpram uma mesma função dentro de um domínio funcional. Segue-se, então, ao teste de grupos de fatores, com o objetivo de se identificarem os contextos de uso das formas. Identificado o contexto, o linguista parte para o detalhamento dos grupos de fatores, para captar as possíveis mudanças e variações. Só daí é que se parte para interpretar as frequências das formas, observando se houve perda de espaço de uma variante, se ocorreu generalização de significado e se os itens adquiriram significados mais específicos em certos contextos de um domínio. Por fim, o pesquisador analisa quais as possíveis motivações em competição, por meio dos seguintes princípios: 1. Iconicidade x economia; 2. Persistência x marcação; 3. Marcação x expressividade retórica; 4. Fatores linguísticos x fatores extralinguísticos; 5. Fatores estruturais x fatores semântico-pragmáticos, etc (Tavares; Gorski, 2015).

É sabido que dificilmente o Funcionalismo e a Sociolinguística Variacionista coincidiriam em todos os seus pressupostos, dado são correntes com características particulares, ainda que coincidam em alguns pontos, mas é inegável, também, que as concomitâncias entre as duas abordagens dão suporte teórico suficiente para que o Sociofuncionalismo se estabeleça enquanto abordagem teórica e amplie seu espaço dentro dos estudos linguísticos. Para Tavares (2003, p.102), a união acontece de forma positiva porque tanto o Funcionalismo como a Sociolinguística Variacionista consideram: 1. A língua em uso como uma prioridade; 2. Situação de comunicação real; 3. Concepção de que a língua está sempre mudando; 4. A mudança acontece continuamente e gradualmente; 5. É possível observar a mudança do ponto de vista social e linguístico; 6. Verifica-se a mudança diacronicamente e sincronicamente; 7. Observa-se o uniformitarismo linguístico; 8. A análise se dá pela morfologia, sintaxe, semântica e fonologia da língua; 9. A frequência é um conceito de importância; 10. Há uma relação, por vezes, parcial, entre os fenômenos linguísticos e a sociedade em que os mesmos ocorrem.

Se tratando da união de duas teorias, que, apesar de possuírem uma mesma origem estruturalista, apresentam alguns pressupostos diferentes, se não totalmente, pelo menos em parte, Tavares (2003, p.102) menciona alguns pontos que caracterizam as partes constitutivas do Sociofuncionalismo. Segundo ela, o primeiro ponto seria o da concepção de gramática, que, enquanto para o Funcionalismo, é um processo em andamento, resultante das pressões do ato de comunicação dos usuários da língua, para a Sociolinguística Variacionista, a gramática é um conjunto de regras variáveis. O segundo ponto é que, como próprio nome sugere, o Funcionalismo evoca o papel central da função e a Sociolinguística trata de estrutura variável, que depende do falante. Para a autora, essas diferenças, no entanto, não inviabilizam uma abordagem sociofuncionalista, pois, é possível se pensar numa convergência que considere os diferentes conceitos pensando não em certo ou errado, mas nas diferentes maneiras de se ver as coisas.

4 METODOLOGIA: ARRUMANDO AS MALAS

Esta seção comporta as escolhas metodológicas que fizemos para a pesquisa realizada. Essas escolhas foram norteadas levando em consideração; a. o lócus, ou seja, a comunidade linguística na qual concentramos a nossa investigação, a saber: o município de Vitória da Conquista; b. o tipo de amostra, que, no caso deste trabalho se trata da língua falada e registrada no corpus PCVC (Português Culto de Vitória da Conquista) e PPVC (Português Popular de Vitória da Conquista), que descreveremos a seguir; c. as variáveis linguísticas e extralinguísticas que serviram de referência para o controle e organização dos dados verificados pelo programa *Goldvarb x*, gerando os resultados para análise; d. procedimentos metodológicos que contribuíram para a análise dos dados. Pesando em abarcar todas essas escolhas, sistematizamos a seção em 4 subseções, como se segue: 1. Vitória da Conquista: como se chega lá; 2. Que corpus é esse?; 3. Chegamos as variáveis; 4. Procedimento Metodológicos.

Almejando abarcar todas essas escolhas, sistematizamos a seção em 4 subseções, como se segue: 1. Vitória da Conquista: como se chega lá; 2. Que *corpora* são esses?; 3. Chegamos às variáveis; 4. Procedimentos Metodológicos.

4.1 Vitória da Conquista: como se *chega* lá?

Vitória da Conquista é um município nordestino localizado no Sudoeste da Bahia. E, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2016), a cidade conta com aproximadamente 306.866 pessoas, portanto, enquadra-se no grupo que compõe as três maiores cidades do interior da Bahia, ficando atrás apenas da capital, Salvador e de Feira de Santana. Vitória da Conquista, também conhecida como joia do sertão baiano, não se destaca, ou ganha adjetivos como esse, somente pela quantidade de habitantes, pois, essa é uma cidade conhecida e referenciada nacionalmente por se destacar economicamente em setores como o agrícola e o de serviços. Também, destaca-se o setor terciário que atende, além do município, uma extensa região circunvizinha.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a composição populacional de Vitória da Conquista é de cerca de 86,75% de residentes, sendo que mais de 15% da população está concentrada na zona rural, dado relevante quando se trata de uma pesquisa sociolinguística variacionista. A população de mulheres e jovens é maior que a de homens e idosos (51,43%) e, essa é uma localidade em que a metade da população tem até 24 anos, com um crescimento populacional de 2,11% ao ano.

E, como se *chega* a Vitória da Conquista, afinal? Esta é uma cidade que possui muitas vias de acesso e serve de passagem para viajantes, pois há uma rodovia de grande importância que passa pelo centro da cidade e, também, estabelece os limites entre a zona oeste e a zona sul do município, a saber: a BR 116, que liga a Bahia ao Rio de Janeiro. Além disso, Vitória da Conquista possui fronteira com cidades de Minas Gerais o que a torna suscetível a influências linguísticas e culturas diversas.

4.2 Que corpora são esses?

Nessa seção apresentamos os corpora utilizado nesse trabalho e descrevemos a amostra da pesquisa realizada.

Os *corpora* linguísticos utilizados neste trabalho foram elaborados entre os anos de 2011 e 2015 por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo -CNPq (Grupo Janus), com base nos pressupostos labovianos para o estudo dialetal sociolinguístico. São dois os corpora: a.) o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), cujos falantes entrevistados possuíam 11 (onze) anos ou mais de escolaridade; e (ii) o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), em que os entrevistados detinham até 4 (quatro) anos de escolaridade. Os registros foram gravados e transcritos e constam de 48 entrevistas, 24 entrevistas para cada *corpus*, todas de informantes da cidade de Vitória da Conquista-BA. Para equiparação e organização do número e sexo de informantes, foram feitas 24 entrevistas do sexo feminino e 24 entrevistas do sexo masculino em cada um dos corpora, que são, também, divididos em faixa etária e nível de escolaridade, como mostramos na tabela 1:

Tabela 1 – Organização das variáveis

Sexo/gênero	Número de Informantes	Faixa etária	Grau de Escolaridade
Mulheres	24	I- De 15-25	IV- Sem escolaridade
Homens	24	II- De 26-50	V- Até 5 anos
		III- + de 50	VI- Mais de cinco anos

Fonte: elaboração da pesquisadora

4.3 Chegamos as variáveis

Como já mencionamos algumas vezes em seções anteriores, nosso trabalho se fundamenta no (Socio) Funcionalismo de corrente norte Americana, que investiga a língua em situação real de uso. Nessa perspectiva, o que investigamos é a variação por que passa o verbo *chegar* na Língua Portuguesa falada em Vitória da Conquista, especialmente, em construções perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2], sobre as quais hipotetizamos um percurso de *chegar* rumo à gramaticalização, a partir da consideração de que, durante este processo, o item passa de lexical a gramatical com a expansão de uso, de um nível mais concreto para outro mais abstrato.

Apresentaremos a seguir o envelope de variação, considerando que a variação linguística “pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (Mollica, 2004). O envelope de variação desta dissertação é, então, constituído de variável dependente e variáveis independentes que, por sua vez, são subdivididas em variáveis linguísticas e extralinguísticas, como apresentamos a seguir.

i. Variável dependente

A variável dependente é a configuração de um fenômeno variável que é influenciada por um grupo de fatores chamados tecnicamente de variáveis independentes (Mollica, 2004). Na nossa pesquisa, a variável dependente é: *o uso do verbo chegar como verbo auxiliar em estruturas perifrástica da Língua Portuguesa, do tipo [V1 (e) + V2]*. A nossa abordagem é focada no comportamento auxiliar do verbo em posição de verbo 1. Nesse intuito, a nossa análise parte da hipótese de que esse verbo apresenta funções diferentes das esperadas pelo item enquanto verbo pleno.

ii. Variáveis independentes

As variáveis independentes agem sobre a variação como agentes externos que funcionam como sistematizadores de um tipo de mudança linguística, já que, apesar do tratamento da variação ser feito com base na heterogeneidade linguística, o processo não se dá de forma aleatória, mas de forma regular, sistemática e previsível (Mollica, 2004). Isso posto, apresentamos as variáveis linguísticas independentes na próxima subseção.

4.3.1 Variáveis Linguísticas

Até aqui, neste trabalho, afirmamos que toda língua é sujeita a variação e essa, por sua vez, está sujeita ao uso que o falante faz dos recursos linguísticos de acordo com sua necessidade e, em contextos e relações sociais das mais diversas, que agem sobre a forma como

o usuário se expressa.

As variáveis linguísticas selecionadas para esta dissertação, que compõem os fatores internos do nosso envelope de variação, foram: a. Modo verbal (Uso prototípico, uso como auxiliar, uso como verbo suporte); b. Relações semânticas (uso [+ concreto], uso [+ abstrato]); c. Tipo de oração (Perifrástica, não perifrástica); d. Material intermitente entre verbos (com conjunção, sem conjunção); e. Natureza da avaliação do falante (Alegria, frustração, contrariedade e neutralidade). As variáveis linguísticas que compõem o nosso envelope foram analisadas a partir das seguintes perspectivas:

- a. Modo verbal- sobre essa variável observamos em quais contextos o verbo *chegar* atua prototipicamente e, em quais ele exerce função de verbo auxiliar (e verbo suporte);
- b. Relações semânticas- seguindo na investigação, nos caminhos do verbo *chegar* rumo a gramaticalização, fizemos uma parada para observarmos as relações semânticas do item, tanto em estruturas do tipo [V1 (e) + V2], como fora delas, com o objetivo de entendermos como se dá o percurso do verbo de um significado + concreto para um mais abstrato.
- c. Tipo de oração- considerando que o verbo *chegar* passa por um processo de gramaticalização tanto em perífrase verbal como fora dela, verificamos quantas vezes o verbo aparece em função auxiliar dentro e fora das perífrases verbais, para analisarmos como se dá a inserção da forma verbal auxiliar. Para isso, com o auxílio do *Goldvarb X* comparamos a quantidade de estruturas perifrásticas e não perifrástica em que o mesmo aparece com função diferente da de verbo pleno.
- d. Presença ou ausência de material intermitente- intentamos analisar se a presença de material intermitente entre chegar, na posição V1 e o outro verbo na posição V2 influencia o processo de gramaticalização do item em estudo.
- e. Natureza da avaliação do falante- considerando a importância dos fatores cognitivos envolvidos no processo de variação e mudança linguística, analisamos como a subjetividade e a intersubjetividade atuam em estruturas com o verbo *chegar*.

4.3.2 Variáveis extralinguísticas ou sociais

As variáveis extralinguísticas são os componentes externos que agem sobre as tendências de uso da comunidade de fala, juntamente com as variáveis linguísticas, elas estabelecem e operam “num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem” o

uso de determinadas formas, de equivalência semântica, em detrimento de outras (Mollica, 2004, p.27). Na sequência, explicitamos um pouco a respeito de cada variável extralinguística que comportamos em nosso trabalho.

4.3.2.1 A variável sexo

De acordo com Paiva (2004), no livro *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*, é no plano lexical que as diferenças na fala de homens e mulheres mais se destacam. Segundo a autora, pensando no que é forma padrão e forma não padrão, certas variantes são mais propensas na fala de homens do que na de mulheres, ou do contrário, as mulheres parecem mais “suscetíveis” ao uso de determinadas formas do que os homens e isso acontece de acordo com a organização social de cada comunidade de fala.

Para a pesquisa realizada, por exemplo, optamos por aplicar um teste de avaliação entre os indivíduos componentes da amostra dos corpora escolhidos, motivados em investigar o comportamento do verbo *chegar*, (do lat. *Plicare* (“dobrar”)), dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2] partindo de duas teorias. Por um lado, ancorados no Funcionalismo norte americano, hipotetizamos que, em tais estruturas, o vocábulo em questão vem assumindo um papel de suporte para outros verbos, percorrendo um caminho rumo à gramaticalização; e fundamentados na Sociolinguística, seguimos com a hipótese de que dado o papel do indivíduo no processo de mudança, as mulheres utilizam mais a expressão [*chegar* (e) + V2] do que os informantes do sexo masculino. Consideramos para isso, ainda, que o processo rumo à gramaticalização de um item parte de uma estreita relação com processos cognitivos próprios da linguagem humana e que, por isso mesmo, precisa ser analisado a partir da descrição e da explicação dos aspectos pragmáticos e psicológicos da língua em ação. Os resultados referentes a esse teste são demonstrados na seção 5.

4.3.2.2 A variável escolaridade

De acordo com Votre (2004), a escola é uma das principais influencias na forma como as pessoas falam e escrevem e, isso significa que ela, também, é a medida para a variante que está dentro da forma culta e a que se está fora. Sendo assim, algumas questões permeiam a variável nível de escolaridade: a. a forma prestigiada socialmente; b. o fenômeno da estigmatização; c. a atenção normativa da escola, entre outros.

4.3.2.3 A variável faixa etária

A variável faixa etária é importante em uma pesquisa a respeito da variação e mudança linguística, pois pode evidenciar que uma determinada forma tende a ser utilizada mais por um grupo social do que por outro, dando, então, ao linguista pistas e, muitas vezes, mais do que isso, informações precisas, a respeito de como se dá o processo de gramaticalização de um item dentro de uma determinada comunidade de fala. Definir em qual faixa etária uma determinada forma é mais utilizada permite a indicação de como se dá a sua frequência, sua sistematicidade e, conseqüentemente, seu processo de variação e mudança. As faixas etárias definidas para essa pesquisa foram: i. 15 a 25 anos; ii. 26 a 50 anos; iii. Mais de 50 anos.

4.4 Ancorados nos procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos são constituídos pela descrição formal dos métodos e técnicas que o pesquisador utiliza em sua pesquisa. De acordo com Deslandes e Gomes (2009, p.46), no livro *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*, os procedimentos metodológicos indicam as conexões, além, é claro, das leituras operacionais feitas pelo pesquisador, de acordo com o tema, o objeto de estudo e o quadro teórico apropriado.

Vale destacar que, dentre os procedimentos realizados, utilizamos, como já mencionado, o programa *Goldvarb X*, por meio do qual fizemos as rodadas computacionais das variáveis a partir da chave de codificação por nós elaborada. Dessa maneira, foram gerados os dados que analisamos e demonstramos na seção *O verbo chegar: dados e resultados*. Além disso, aplicamos um teste de avaliação, cujos informantes foram agrupados da seguinte maneira: em seis (6) informantes do sexo feminino e seis (6) informantes do sexo masculino, sendo dois (2) para cada faixa etária e para cada nível de escolaridade em cada grupo. Os resultados do teste de avaliação colaboraram para nosso entendimento sobre a influência das variáveis sociais no processo de mudança e variação linguística que, como aponta Mollica (2004, p.27), é o resultado da estratificação em que a variação é projetada num contínuo, em que se pode descrever tendências de uso linguístico de acordo com o perfil sociolinguístico de uma determinada comunidade de fala.

Realizamos seis (6) rodadas no programa *Goldvarb X* e em cada uma delas foram diagnosticados os possíveis erros, sequencialmente retirados da rodada subsequente até conseguirmos um resultado “limpo” em que o programa selecionou, apenas, as variáveis significantes. Com os primeiros resultados em mãos, passamos para a análise e inferência

linguística que possibilitou chegarmos a algumas conclusões a respeito das nossas hipóteses iniciais.

No decorrer deste trabalho, ratificamos que o nosso interesse é estudar o comportamento do verbo *chegar* no uso comunicativo real. Partindo, para isso, da hipótese de que esse item percorre um caminho rumo a gramaticalização da Língua Portuguesa falada no Brasil (PB). Vale lembrar que, num tipo de estudo como o nosso, na perspectiva funcionalista, precisamos considerar que a heterogeneidade linguística, assim como a homogeneidade, não é aleatória, mas segue um conjunto sistemático de regras (Naro, 2004). Essas regras sistemáticas das quais falamos são as que vão permitir o uso de uma forma em detrimento da outra, “variavelmente e com pesos específicos” em cada contexto comunicativo, por fatores estruturais ou sociais. (Naro, 2004).

Os fatores sociais que comumente compõem uma pesquisa sociolinguística são a idade, o sexo (alguns autores trabalham com a nomenclatura gênero), nível socioeconômico e grau de escolaridade. De acordo com Naro (2004, p.16), no livro *Introdução a Sociolinguística o Tratamento da Variação*, há outros fatores sociais que têm guiado a pesquisa sociolinguística, como por exemplo: a posição que o falante ocupa no mercado de trabalho, sua interação com as mídias sociais e a mídia geral etc., já se tratando dos fatores estruturais, deve-se levar em conta o encaixe do item na estrutura relevante. Seja qual for o item em variação, se torna muito difícil manter o controle de todos os usos que o falante faz no uso real da língua, dessa feita, o problema da Teoria Variacionista é conseguir fazer o devido isolamento de cada fator dada a sua relação com os demais fatores, sem levar em conta as inter-relações “existentes entre as categorias que atuam numa regra variável” (Naro, 2004, p.19). Devido a essa dificuldade metodológica, o pesquisador precisa fazer uso de programas computacionais que façam a separação individual desses fatores e os mescle quando e se for necessário de modo que gerem dados confiáveis para garantir cientificidade da pesquisa.

Labov (1969) propôs um modelo matemático que tinha a média global como ponto de referência, mas que exigia muito da intuição do pesquisador, modelo que foi aos poucos deixado de lado, como aponta Naro (2004), por problemas técnicos. Outros modelos probabilísticos foram criados, entre eles, se destaca o de Henrietta Cedergren e David Sankoff, em 1974, seguido por modelos estatísticos e logísticos e, todas essas ferramentas foram e são importantes para apuração dos dados, mas cabe ao linguista o papel de separar dados e fatores relevantes de outros que podem ficar em segundo plano.

Para este trabalho, utilizamos o programa computacional *Goldvarb X* de análise multivariada que trabalha com dados de variáveis sociolinguísticas (Guy; Zilles, 2007). Com

essa ferramenta, é possível ao pesquisador conformar ou não a sua hipótese inicial após o gerenciamento do grupo de fatores que podem ser apontados pelo programa como significativos ou não significativos, sendo que, nesse último caso, serão rejeitados pelo programa. O pesquisador parte então para a correção de “erros” são denominados de *knockouts*, *singleton group*, e *no factors*. Retirados os “erros”, o linguista parte para o trabalho que, além de técnico, requer sensibilidade, ou seja, trata-se também de um trabalho subjetivo de interpretação e inferência, como afirma Guy e Zilles (2007).

Guy e Zilles (2007) apresentam três fases da análise quantitativa, que são:

1. coleta de dados;
2. redução e apresentação de dados;
3. interpretação e explicação de dados.

A coleta de dados, segundo os autores, se vê diante de alguns problemas próprios de uma análise quantitativa, como por exemplo o problema da amostra e da confiabilidade. Por isso, esse tipo de pesquisa precisa ser crucialmente estruturado a partir de questões, como: a. como obtemos os dados?; b. Os dados são válidos para refletir o fenômeno estudado?; c. Os dados da amostra são representativos da população em geral?; d. os procedimentos para a obtenção dos dados são confiáveis e reproduzíveis?; e. O que pode ser feito para minimizar a parcialidade dos dados?

De acordo com o que expusemos até aqui, é possível entender que a ferramenta computacional é muito útil para resguardar a eficiência e garantir segurança nos resultados de uma pesquisa que envolve a análise quantitativa. Ressaltando ainda que, se tratando de pesquisa dialetal, o objetivo principal não é o de produzir números, mas se concentra na identificação de fenômenos linguísticos (Guy; Zilles, p. 31), que, no nosso caso, é o processo de gramaticalização do verbo chegar. Em prol, assim, desse objetivo, selecionamos as nossas variáveis linguísticas e extralinguísticas para análise dos dados, retirados, por sua vez, dos corpora PPVC e PCVC.

5 O VERBO CHEGAR: DADOS E RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados gerados pelo programa *Goldvarb X*, que é uma ferramenta que garante o controle e a confiabilidade na quantificação e comparação de dados, características necessárias para uma análise sociolinguística que se ocupe de um estudo quantitativo. A utilização desta ferramenta nos possibilitou, então, quantificar o uso do verbo *chegar* enquanto verbo auxiliar, comparando seu uso como verbo pleno, a partir da mescla de variáveis linguísticas e extralinguísticas e dos dados retirados dos corpora por nós selecionados.

No empenho de facilitarmos a leitura dos resultados, a organização da próxima subseção se dá com considerações a respeito dos números gerados a partir do programa *GoldVarb X*, seguindo a seguinte ordem: 1. Análise do verbo *chegar* dentro e fora das perífrases verbais a partir do conceito de mais concreto e/ou mais abstrato; 2. Controle das construções Perifrásticas e não Perifrásticas com o verbo *chegar*; 3. Influência da natureza subjetiva em construções perifrásticas com o verbo *chegar*; 4. Presença e ausência da conjunção *e* entre V1 (*chegar*) e V2; 5. Influência da faixa etária no uso do verbo *chegar*; 6. Influência da variável sexo no uso do verbo *chegar* e, 7. Influência da variável escolaridade no uso do verbo *chegar*.

Para facilitar a leitura dos dados e dos resultados, informamos que, neste trabalho, as tabelas apresentam iniciais que podem ser compreendidas como descritas abaixo:

P = Verbo pleno/prototípico

A = Verbo auxiliar

S = Verbo suporte (Retirado na obtenção dos Pesos Relativos)

PR= Peso relativo

Vale, ainda, ressaltarmos que a sigla S referente ao verbo chegar atuando como verbo suporte foi eliminada da rodada final por necessidade metodológica e, por não ter sido considerado relevante nas rodadas finais do *Goldvarb X*. Contudo, apresentamos, após a sequências de tabelas com Pesos Relativos, uma tabela percentual sobre a função de verbo suporte que o verbo chegar comporta.

5.1 Os resultados

Nesta subseção, encontram-se os resultados da quarta rodada do programa *Goldvarb X*, dado que nas primeiras rodadas o mesmo detectou alguns knockouts⁶ que precisaram ser resolvidos para darmos sequência a análise. Após retirarmos os dados considerados pelo programa como categóricos, passamos, então, para a rodada que nos apresentou os resultados, como se seguem:

Tabela 2 – Quantidade de verbo *chegar* com sentido [+ concreto] e [+ abstrato] nos dados analisados

Grupo	A	P	PR	%
Uso do verbo <i>chegar</i> [+concreto] %	1/144 0,7	143/144 99.3	0.208	66.2
Uso do verbo <i>chegar</i> [+abstrato] %	25/77 32,5	52/77 67.6	0.934	34.8
Total %	26/221 11.8	195/221 88.2		-

Fonte: elaboração da pesquisadora

Observamos que, na tabela de número 02, constam 221 ocorrências com o verbo *chegar*, das quais 144 são de verbo chegar [+] concreto e 77 do verbo chegar [+] abstrato. Ou seja, tanto dentro como fora das perífrases verbais o item em estudo apresenta algum nível de abstratização. Estes números nos ajudam a compreender como que o processo do verbo *chegar* rumo a gramaticalização apresenta um possível estágio de avanço na Língua Portuguesa do Brasil (PB).

Segundo Ramos e Menon (2015, p.273)), no livro *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro*, os verbos plenos podem se tornar auxiliares, num processo de abstratização, podendo ir, ainda, mais adiante no processo e se tornar até mesmo um marcador discursivo. Os autores apresentam um continuum construído por Hopper e Traugott (1993), como mostramos a seguir:

Verbo pleno> (verbo vetor)>**auxiliar**>clítico> afixo

(Hopper e Traugott, 1993, p.108).

⁶ Vale lembrar que, os knockouts acontecem sempre que há alguma regra categórica (0% ou 100% dos dados) em algum dos fatores em estudo.

Partindo da observação do continuum proposto por Hopper e Traugott (1993), percebemos que o verbo *chegar*, na língua Portuguesa, atua tanto como pleno, como quanto um verbo que auxilia outros em estruturas do tipo [V1 (e) + V2], nas quais muitas vezes V1 exerce apenas a função de aspectualizador da oração, como verificamos nos seguintes exemplos dos corpora por nós utilizados:

Exemplo 1:

Eu cheguei, falei assim... eu lembro que senti que não tava muito bem, eu senti uma falta de ar muito grande eu sentei na cadeira e falei: “tia...” [LSS M C PPVC]

Exemplo 2:

Pedro ficou parado... o queixo caiu por que só eu que falava na aula de Pedro praticamente, né? Era eu e Sirlene e aí Pedro fez esse comentário, Pedro ficô parado observando ele assim, mas Pedro não tem contato, não tinha nem contato com criança, ‘tão ele achou surpreendente, uma amiga minha chegou e falou: “é um anão, seu filho não é uma criança, é um anão”. [LSS M C PPVC]

No exemplo “1” e “2”, temos construções perifrásticas nas quais, após análise do contexto, *chegar* não denota movimento físico de um lugar x a um lugar y, que seria uma característica primeira desse verbo quando atua como verbo pleno. O que vemos é o V1 atuando como aspectualizador da expressão oracional. Segundo Barroso (1994, p. 55), o aspecto é uma categoria da verbalidade, como possibilidades universais da linguagem que são expressas por meio de instrumentos gramaticais específicos. Ele considera que o aspecto é um dos meios disponíveis para expressão da língua e, as perífrases representam o mais alto grau de sistematicidade. O linguista afirma que:

Esta propriedade provém da função instrumental que, na construção perifrástica, desempenha o verbo auxiliar, pois (cumulando simultaneamente as funções gramaticais de tempo, modo, voz, pessoa e número) funciona ele mesmo como um morfema do paradigma verbal que modifica a acção expressa pelo verbo conceptual a que está ligado. Este tipo de conjugação (a chamada 'conjugação perifrástica') veio suprir, de forma inequívoca, a deficiência das formas verbais simples no tocante à expressão de certas modalidades (diatéticas, temporais, modais e sobretudo aspectuais) do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral, demonstrando também a tendência analítica, tão característica das línguas românicas, da flexão verbal, principalmente no que diz respeito à expressão da categoria aspecto. (Barroso, 1994, p. 55),

A citação de Barroso (1994, p.55) está de acordo com a nossa proposta teórica nesta dissertação, ou seja, estruturas do tipo [V1 (e) + V2] vem suprir na Língua Portuguesa lacunas

na comunicação e permitir maior expressividade por parte do falante e, maior possibilidade de entendimento por parte de seu interlocutor.

Segundo Ramos e Menon (2015, p.273), na Língua Portuguesa, os verbos são divididos em três categorias, a saber; verbos plenos, auxiliares e verbos de ligação e, o verbo *chegar* inclui-se, primeiramente, no grupo de verbos plenos e, depois, no grupo de verbos auxiliares, pois, nesse grupo, se encaixam os verbos aspectuais que constituem perífrases. No entanto, os autores fazem uma crítica quanto à carência de estudos a respeito desse tipo de estrutura e, também, dos verbos suporte que constituiriam uma outra categoria, além das três já mencionadas.

Dado o exposto, apresentamos, a seguir, uma tabela que diz respeito ao controle do número de construções perifrásticas que encontramos nos dados estudados. E, chama-nos a atenção o fato de que, apesar de haver um maior número de estruturas não perifrásticas nos dados utilizados, há um número considerável de construções em que V1 se comporta como auxiliar para V2, mostrando-nos que o verbo *chegar* avança no processo de mudança na Língua Portuguesa e firma-se em estruturas e funções não prototípicas, tanto em estruturas [V1 (e) + V2], como fora delas. Vejamos, a seguir, qual a quantidade de ocorrências de estruturas perifrásticas e estruturas não perifrásticas os dados nos proporcionaram:

Tabela 3 – Número de construções perifrásticas e não perifrásticas encontradas nos dados

Grupo	A	P	PR	%
Construções não perifrásticas	1/172	171/172	0.258	78.5
%	0.6	99.4		
Construções perifrásticas	24/47	23/47	0.979	21.5
%	51.1	48.9		
Total	25/219	194/219		-
%	11.4	88.6		

Fonte: elaboração da pesquisadora

A maioria dos estudos que encontramos, durante a construção desta dissertação, indicam que as estruturas perifrásticas são novas e compõem o grupo de estruturas que colaboram para o processo de mudança na Língua Portuguesa. É um fenômeno próprio da variação e da mudança linguística. Por isso mesmo, estruturas do tipo [V1 (e) + V2] concorrem com a forma sintética de expressar a ideia de movimento, enquanto traço semântico mais relevante do verbo *chegar*, em contextos em que V1 é o verbo *chegar* e V2 o principal e, além disso, proporcionam novos significados ao mesmo, bem como novas funções, das quais destacamos neste trabalho a questão da auxiliaridade.

Com o intuito de analisarmos o comportamento de *chegarrumo* ao processo de gramaticalização, consideramos importante observarmos nos dados qual a quantidade de ocorrências de construções perifrásticas e de construções não perifrásticas em que o verbo *chegar* figura, para percepção de como se dá a entrada dos novos usos do item em estudo na Língua Portuguesa, ou seja, intentamos descobrir nos dados analisados como se dá a entrada de construções em que V2, antecedido por V1 compõe, de forma dependente, um sentido para a oração que se difere de seus usos independentes. Dessa forma, constatamos que os dados nesta dissertação apresentaram 172 ocorrências do verbo *chegar* em construções não perifrásticas e 47 ocorrências em que o mesmo verbo atua em construções do tipo [V1 (e) + V2]. Vale ressaltar, no entanto, que, apesar da discrepância, já esperada, dado que as perífrases são novas na Língua Portuguesa, entre os dois tipos de ocorrências, os resultados binários do *Goldvarb X* mostraram que são nas construções perifrásticas onde ocorre o maior uso do verbo *chegar* com função auxiliar e, por isso mesmo, são para essas estruturas que o falante acessa com maior frequência o seu aparato cognitivo para compor sentidos em diferentes níveis de abstratização.

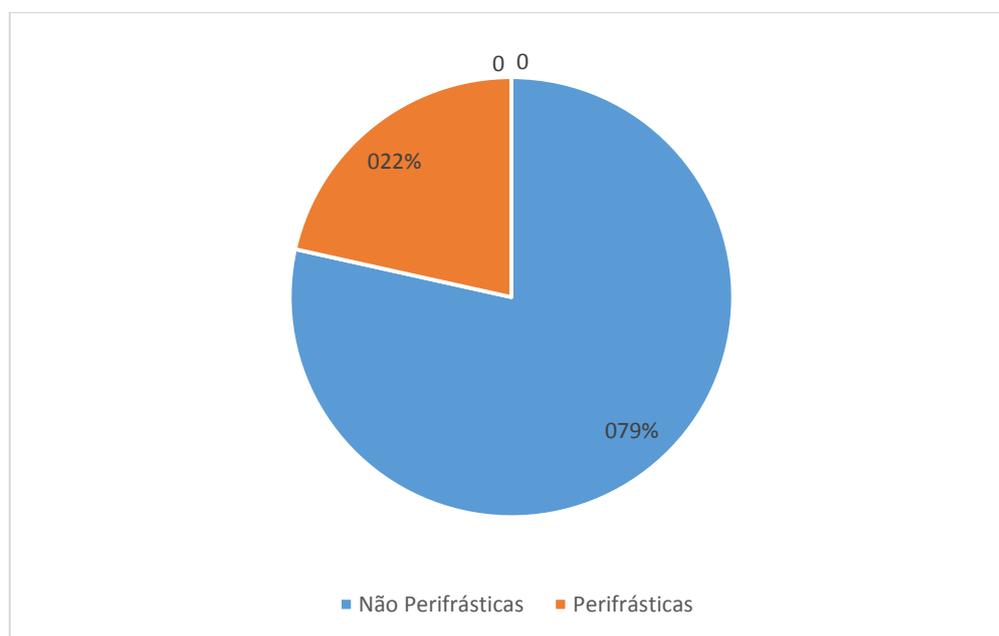
Além do que explanamos até agora, é importante dizermos que se observada a variável dependente por nós selecionada, a saber: o uso do verbo *chegar* como auxiliar em estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2], o Peso relativo encontrado para construções perifrásticas em que *chegar* atua como auxiliar (0.979) é, em média, três vezes maior do que em construções não perifrásticas (0.258), o que confirma a nossa hipótese de que em estruturas do tipo [V1 (e) + V2], *chegar*, na posição 1(um), tende a se gramaticalizar e exercer função de auxiliar verbal. É neste tipo de estrutura que se evidencia a possibilidade do verbo em estudo se apresentar com características e atuação que se difere do seu sentido pleno para sentidos mais abstratos, como vemos nos seguintes exemplos:

4. *E larissa também foi assim? Bonitinha não é: não foi linda igual Isabel para, era só pequenini::nha. ela era tão galeguinha, que o cabelo dela **chegava ficar** vermelho de lado, né? já isabela não. isabela nasceu com aquele zóião azul e com o cabelo tão pretin0 que parecia uma peruquinha nossa! e agora loirinha depois que caiu nasceu loiroah...!mas isabela nasceu com o cabelo bem pretinho, **chegava ser jogado** em cima da orelhinha. mar tão bonita a menina mermo que eu fiquei sem graça, na hora que chegou aquele tanto de criança feia lá e isabela né?meu de::us do céu! . a enfermeira falo0 assim: oh!... você que é a mãe de isabela?. ai, eu já pensei logo: falo0 assim: <ô> os tribufú0. falei sou eu mesmo que sou a mãe de isabela. ai, ela falou assim: ô! sou eu que fico no berçário, toda noite eu namoro com ela lá. eu falei: vai namorando depois eu levo ela quer ter mais filhos? [AAB M C]*
5. *Acho que ajuda sim. Cabe a vítima, a...a pessoa botar em mente, em prática. que tem gente que **chega fala, fala**, na hora que virou as costas, levou nada. acho que depende da pessoa também, não só da pessoa que tá falano, mas da que tá ouvindo. [RT H C]*

6. *É? Eu cheguei e falei pra eles na sala “oh, gente vamo tê que esperá aqui porque teve que mandá, a coordenação teve que mandá o comando pra gente podê começá a prova e eles não fizeram isso porque tem gente fazeno a inscrição.[RT H C]*

O gráfico 01 representa o percentual de ocorrências com o verbo *chegar*, dentro e fora das perífrases verbais, somando os dados dos corpora do PPVC e do PCVC de Vitória da Conquista:

Gráfico 1 – Distribuição do número de construções perifrásticas e não perifrásticas com o verbo chegar na comunidade de Vitória da Conquista



Fonte: elaboração da pesquisadora

A partir da leitura do gráfico podemos chegar a algumas conclusões, como:

- A partir dos autores e obras estudadas podemos entender que as estruturas perifrásticas são novas na Língua Portuguesa;
- Apesar de novas as estruturas perifrásticas com o verbo chegar na posição V1 caminham e se expandem rumo ao processo de gramaticalização;
- Se comparadas com as estruturas simples as estruturas do tipo [V1 (chegar) (e) + V2] já ocupam quase um terço das ocorrências com o verbo chegar enquanto auxiliar.

Trataremos, a seguir, das variantes que compõem a parte de nosso estudo que se ocupa do aparato cognitivo que o falante acessa, na escolha por uma forma ao invés de outra, sempre na tentativa de expressar-se da melhor maneira possível. Segundo Castilho (2016), a gramática

funcionalista parte do princípio de que a língua é um conjunto de processos estruturantes que é mais do que um produto inerte e carrega em si o conceito de produção. Essa produção de que trata o autor é constante e dinâmica, diretamente relacionada e “unida com uma atividade interior do espírito” do falante (Castilho, 2016, p.60), de maneira que tanto o falante age sobre ela, como ela age sobre o homem.

Tabela 4 – Influência da natureza subjetiva na gramaticalização de *chegar*

Grupo	A	P	PR	%
Frustração %	49/56 87.5	7/56 12.5	0.741	25.7
Neutralidade %	68/76 89.5	8/76 10.5	0.212	34.9
Contrariedade (+ intenso)	19/22 86.4	3/22 13.6	0.393	10.1
Alegria %	56/64 87.5	8/64 12.5	0.688	29.4
Total %	192/218 88.1	26/218 11.9		-

Fonte: elaboração da pesquisadora

Na tabela de número 04, referente ao plano de expressão, observamos que os resultados percentuais da variante *Neutralidade* apresentam 76 ocorrências com verbo *chegar*, das quais 89.5% delas são do item atuando como auxiliar em estruturas do tipo [V1 (e) + V2]. Sendo possível, então, constatarmos que o processo de gramaticalização de *chegar* na Língua Portuguesa apresenta-se em franca expansão e que estruturas perifrásticas nas quais *chegar* ocupa a posição V1 são propícias para a abstratização do item. Mas, ao observarmos que os resultados percentuais das variantes *Frustração* e *Alegria* quase que se equiparam ao de *Neutralidade*, podemos inferir que determinados sentimentos que circundam o ato comunicativo podem exercer influência direta nas escolhas que o falante faz no uso dos itens linguísticos. Isso implica em dizer que o aparato cognitivo do usuário da língua é acionado com intuito de uma maior expressividade por parte do falante. Mas, são os pesos relativos das variantes que nos apresentam resultados que correspondem a nossa hipótese de que elementos subjetivos e intersubjetivos atuam marcadamente no acionamento do aparato cognitivo do usuário da língua. Dessa forma, não é por acaso que a variante *Frustração* apresentou o Peso relativo de 0.741 e a *alegria* um Peso relativo de 0.688.

Exemplo 1 - (neutralidade)

Teve um cara que até levantô mão e pergunto assim “É? ” Eu cheguei e falei pra eles na sala “Oh, gente vamo tê que esperá aqui porque teve que mandá, a coordenação teve que

mandá o comando pra gente podê começá a prova e eles não fizeram isso porque tem gente fazeno a inscrição. [LMRJ H]

Exemplo e:

*Aí quando foi um dia **ela chegou e falou assim**: “tia” eu falei: “oi” “eu vou te falar uma coisa” eu falei: “fala” “eu já sei ler”. [LSS M]*

Exemplo 2 - (frustração)

*E Pedro ficou parado... o queixo caiu por que só eu que falava na aula de Pedro praticamente, né? Era eu e Sirlene e aí Pedro fez esse comentário, Pedro ficô parado observando ele assim, mas Pedro não tem contato, não tinha nem contato com criança, ‘tão ele achou surpreendente, **uma amiga minha chegou e falou**: “é um anão, seu filho não é uma criança, é um anão”. [LSS M C]*

Exemplo 3 - (negatividade):

***Eu cheguei, falei assim...** eu lembro que senti que não tava muito bem, eu senti uma falta de ar muito grande eu sentei na cadeira e falei: “tia...” eu tinha uma aluna que tava aprendendo a ler na hora do intervalo, eu merendava e voltava pra sala pra ensinar ela ‘tão todo dia eu trazia histórias em quadrinhos... tudo que eu pegava de revista que chamasse atenção pelas cores eu trazia pra ela e ela levava pra casa pra procurar as lembranças pra me dizer quais eram as letras o quê que cada letra junto com a outra fazia. [LSS M C]*

Exemplo 4- (Alegria):

*(...) assim, tê, tem, mas assim pra lembrá... tipo... deixa eu pensá... aí que pergunta [tensa]... ah teve uma vez que eu fui pra uma festa com Ingrid, uma amiga minha, aí a gente ficô nessa festa, ficô à noite toda na festa e tal, aí amanheceu o dia e a gente tava em pé, dançando, aí a gente foi lá e resolveu ir embora, já era sete hora da manhã, **a gente chegô lá 7 hora da noite**, aí era bem distante que a gente tava lá perto do hotel Ibis e a gente ia pro Guarani aí a gente falô: “bora a pé” aí a gente foi a pé, **chegou no meio do caminho a gente num tava ‘guentando mais e a gente tinha ficado à noite toda em pé e tava morto** aí “bora de táxi, bora” pegou um táxi até o centro, aí no centro a gente tomô café e subiu lá pro Guarani, **aí quando chegô lá no Guarani eu olhei assim** pra cara de Ingrid e falei: “oh Ingrid bora na casa do meu avô?! Viajar?!” ela “Agora?” sem toma banho nem nada **“é agora”_aí eu cheguei, peguei ela** aí chamou Aline, aí a gente subiu e fomo pra roça do meu avô, aí a gente foi lá, passou o dia aí no segundo o no terceiro dia (...). [PUGB]*

Nos exemplos acima, aplica-se a teoria da Sociolinguística Cognitiva, que como afirma Ferrari (2016, p. 135), no livro *Sociolinguística Sociolinguísticas: uma introdução* tem como espinha dorsal, justamente, fenômenos que não haviam recebido devida atenção nos estudos linguísticos, ou seja, a variação e a mudança linguística. Mais do que isso, a teoria cognitivista voltada à linguagem permite a compreensão do agrupamento e conjunção dos fatores culturais e sociais com as questões de como a linguagem se processa na mente dos indivíduos, em interação, no uso real da língua em situação de comunicação.

A tabela a seguir apresenta o número de estruturas com a presença da conjunção entre o verbo chegar (V1) e o verbo principal (V2) e, sem a presença deste item. Nosso intuito, no controle dessa variável é o de analisar qual o papel semântico e sintático do *e* em estruturas do tipo [V1 (e) + V2], neste sentido, observamos os seguintes resultados:

Tabela 5 – Presença e ausência da conjunção *e* entre V1 (*chegar*) e V2

Grupo	A	P	PR	%
Presença da conjunção (1)	16/36/36	20	0.159	16.5
%	44.4	55.6		
Ausência da conjunção (2)	176/182	6/182	0.582	83.5
%	96.7	3.3		
Total	192/218	26/218	-	-
%	88.1	11.9		

Fonte: elaboração da pesquisadora

A tabela 05, referente à conjunção *e* nas estruturas perifrásticas, apresenta 218 ocorrências analisadas, sendo que destas, apenas, 16.5 % (0.159) aparecem com a conjunção figurando entre os dois verbos e em 83.5% (0.582) não há a presença do elemento conjuntivo. Isso implica em dizer que, no processo de gramaticalização do verbo *chegar*, na posição V1, a conjunção pode ser retirada sem que haja prejuízo a composição perifrástica. Vejamos um exemplo com a presença e outro com a ausência da conjunção *e*:

6. *Aí por isso não poderia começá a prova. Teve um cara que até levantô mão e pergunto assim “é?” **Eu cheguei e falei** pra eles na sala “oh, gente vamo tê que esperá aqui porque teve que mandá, a coordenação teve que mandá o comando pra gente podê começá a prova e eles não fizeram isso porque tem gente fazeno a inscrição. [LSS M C]*
7. ***Eu cheguei falei assim...** eu lembro que senti que não tava muito bem, eu senti uma falta de ar muito grande eu sentei na cadeira e falei: “tia...” eu tinha uma aluna que tava aprendendo a ler na hora do intervalo, eu merendava e voltava pra sala pra ensinar ela ‘tão todo dia eu trazia histórias em quadrinhos. [LSS M C]*

Após análise do contexto discursivo e a observação de que não há movimento físico do falante com a saída de um ponto X para um ponto Y, compreendemos que não se trata de duas ações sendo interligadas. Também, enquanto no exemplo 7 existe a presença da conjunção entre os dois verbos, o exemplo 8 aparece sem a conjunção *e*, ainda assim, o verbo *chegar* continua a exercer o mesmo papel de aspectualizador da oração. Observamos que Castilho (2016) trata das sentenças complexas, dando uma especial atenção à gramaticalização de conjunções e apresenta esta classe de palavras como oriunda do étimo latino *et*, cujo significado se aproximava de “e também”, “e mesmo”, “e mais”, “e então”. Ele, assim como a maioria dos autores que versam sobre o tema, compreende que o papel primordial da conjunção da Língua Portuguesa é o de coordenar e unir elementos e seguimentos.

De acordo com os estudos de Lima-Hernandes e Dias (2015), os falantes têm uma tendência a considerar a conjunção como um elemento central na correção entre verbos,

contudo, de acordo com os autores, essa relação pode se dar sem a presença de um conectivo através do 1. Sujeito da oração; 2. De outros constituintes da oração, ou mesmo 3. Através dos tempos e modos verbais. Além disso, historicamente, muitas vezes, acontece o processo de dessentencialização verbal, que é o processo de mudança linguística em que duas orações combinadas passam a ser interpretadas como uma única oração. Coadunando com as nossas observações a respeito do papel da conjunção *e* nas estruturas [V1 (*e*) + V2], Lima-Hernandes e Dias (2015) afirmam, também, que esse processo ocorre, entre outras situações, com orações principais que “contêm, dentre outros elementos, verbos de movimento. Uma explicação para a existência deste tipo de estrutura, segundo os autores, seria:

A explicação plausível do ponto de vista comunicativo assenta-se na economia linguística, que atende às necessidades dos falantes e às motivações do aparato mental, suporte para o estabelecimento adequado da correlação gramatical de tempo-modo e ao esquema perceptivo na situação de fala. (LIMA-HERNANDES e DIAS, 2015, P.252).

Tradicionalmente, então, a conjunção *e* faz a ligação das sentenças coordenadas aditivas marcando a soma de seguimentos na enunciação. Neves (2000), por sua vez, considera que a conjunção *e* faz a coordenação dos mais variados seguimentos, por meio da união de elementos, que podem ser: 1. Constituintes do sintagma; 2. Sintagmas; 3. Sentenças (Castilho, 2016, p. 349). No entanto, os dados da tabela 05 nos levam a entender que, no Português falado em Vitória da Conquista, a conjunção *e* nas estruturas verbais perifrásticas é opcional.

Macedo (2008), em sua dissertação de Mestrado, faz um estudo do verbo *chegar* no qual ao analisar o papel das conjunções em estruturas perifrásticas, chega às seguintes conclusões:

- A conjunção *e* está presente em todos os casos em que há uma estrutura perifrástica, ainda que seja apenas inferida;
- Ausência da conjunção *e* nas perífrases se dá, apenas, na língua escrita nos dados analisados.

A respeito da presença da conjunção em todos os casos de perífrase verbal em que V1 é o verbo *chegar*, concordamos com Macedo (2008) e observamos, também, nos nossos dados que há casos em que, apesar de não aparecer fica inferida a presença do item conjuntivo, como em: 8. “Ele chegou falou o que bem queria”. Compartilhamos da mesma constatação que Macedo (2008) a respeito de ser este tipo de exemplo próprio da língua falada. No entanto, entendemos que, também, na língua escrita, pode haver formação de estruturas perifrásticas em que não há o elemento conjuntivo explícito. Desta maneira, o exemplo 8 poderia, facilmente, ser encontrado na língua Portuguesa escrita.

A tabela 06 a seguir trata da variável faixa etária e sua influência na escolha do falante em usar o verbo *chegar* como auxiliar do verbo principal. Considerando esta variável, após a rodada dos dados, constatamos alguns problemas de ordem categórica que foram resolvidos na rodada seguinte com o agrupamento de variantes. Agrupamos da seguinte maneira:

- Grupo 1 – falantes de 15 a 25 anos de idade
- Grupo 2- falantes de 26 a 50 anos de idade + Grupo 3 (falantes com mais de 50 anos de idade).

Resolvido os knocauts referentes à variável faixa etária, o programa nos apresentou os seguintes resultados, como vemos na tabela 6:

Tabela 6 – Influência da faixa etária no uso do verbo *chegar* com *informantes* do PCVC e PPVC

Grupo	A	P	PR	%
15 a 25 anos de idade (V)	27/34	7/34	0.334	15.5
%	79.4	20.6		
Mais de 26 anos de idade (Q/i)	166/185	19/185	0.532	84.5
%	89.7	10.3		
Total	193/219	26/219	-	-
%	88.1	11.9		

Fonte: elaboração da pesquisadora

Como é possível notar, na tabela 06 fica evidente que se considerados os falantes do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista é na faixa etária com informantes a partir de 25 anos que o uso do verbo *chegar* mais se evidencia, sendo o peso relativo de 0.532 para a faixa 2 e 3 (26 a 50 anos e maiores de 50 anos de idade) e, 0.334 para a faixa 1 (de 15 a 25 anos de idade). Vale dizer que, de acordo com Mollica (2010), variáveis independentes consideradas isoladamente, como fizemos até aqui com a variável faixa etária, devem ser consideradas com cautela. Pois, segundo ela, uma generalização deste tipo corresponde a apenas a parte da realidade e o ideal é que se cruze esta variável com outras, também, independentes, como gênero/sexo e classe social. Contudo, ao observarmos os dados, compreendemos que, na nossa pesquisa, o fator faixa etária apresentou resultados que colaboram para a verificação do comportamento do verbo *chegar* na Língua Portuguesa.

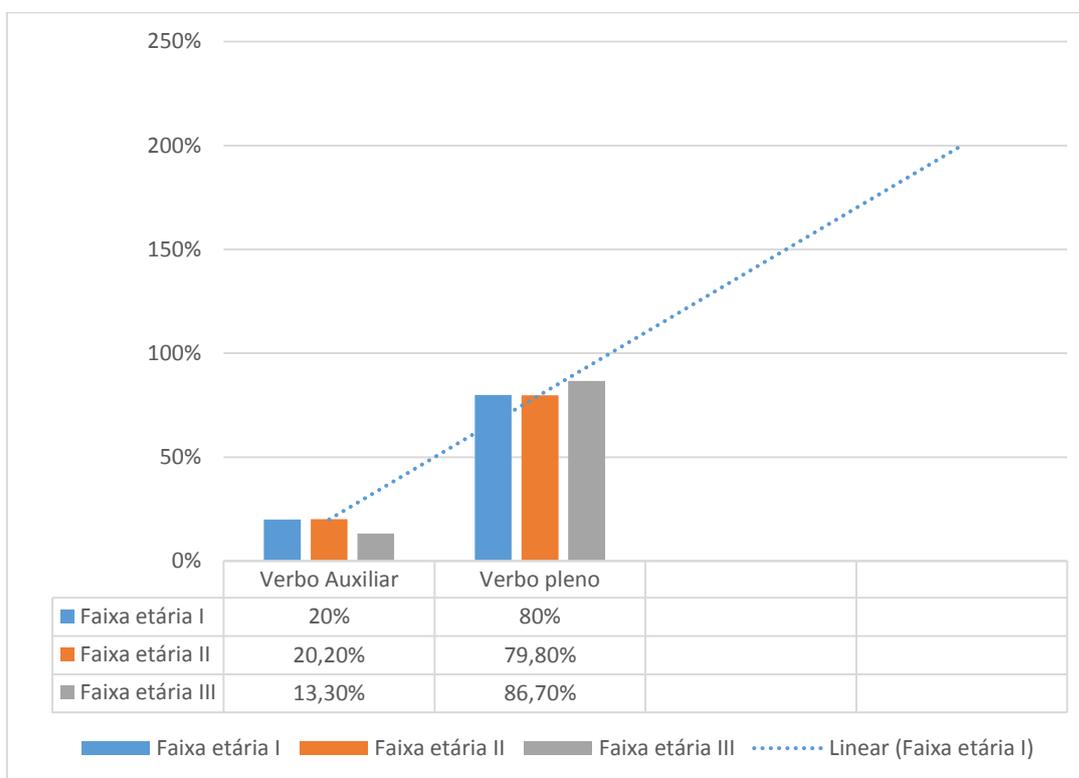
Ainda, na tabela 6, 84.5% das ocorrências com o verbo *chegar* foram realizadas por falantes acima de 26 anos. Além disso, das 185 realizações que este grupo (faixa etária 2 e 3) efetuou 89.7% foi de *chegar* dentro de estruturas perifrásticas em que o mesmo exerceu função de auxiliaridade, o que nos levou a supor uma tendência desse item rumo ao processo de

gramaticalização, a partir da generalização de que há na faixa etária II e III uma maior frequência na escolha de *chegar* enquanto verbo auxiliar. No entanto, munidos dos conceitos de Mollica (2010) sobre as generalizações, resolvemos rodar os dados separando falantes do Português culto de falantes do Português Popular, cujos resultados, contrários a tabela 6, são esquematizados no gráfico abaixo

Os dois gráficos a seguir representam, respectivamente: G2. Qual o percentual de ocorrências com o verbo chegar pleno e auxiliar em cada uma das faixas etárias por nós selecionadas nesta pesquisa. Sendo que o nosso intuito a partir do controle dessa variável era o de descobrir qual o grupo de falantes mais colabora para a expansão do verbo chegar rumo ao processo de gramaticalização; G3. A partir da compreensão sobre a importância do cruzamento de variáveis extralinguísticas para o estudo dos fenômenos linguísticos e, considerando os dados revelados pelo programa computacional *Goldvarb X*, representamos no gráfico 03 como o fator escolaridade influencia o resultado da variável faixa etária.

Ressaltamos, antes da leitura dos gráficos 02 e 03, que foram rodados primeiramente dados do PCVC e depois PPVC, o que gerou os seguintes resultados:

Gráfico 2 - Expansão da variante *chegar* auxiliar a partir da faixa etária do falante do Português Culto em Vitória da Conquista (Percentual)



Fonte: elaboração da pesquisadora

O gráfico 2, referente à rodada dos dados dos falantes do Português Culto do município de Vitória da Conquista, nos mostra que falantes da faixa etária I (20%) e II (20,2%) são os que mais favorecem a expansão do verbo *chegar* atuando em perífrases verbais como verbo auxiliar. Uma das justificativas para este resultado pode estar no fato de que, por se tratar de estruturas perifrásticas, portanto, estruturas novas que se configuram e se encontram em processo de expansão na Língua Portuguesa, os falantes mais jovens se adaptam melhor ao uso de formas novas. No entanto, no grupo de falantes cultos, a faixa etária III (13,3%), também, faz uso da variante de *chegar* atuando como verbo auxiliar, nos mostrando que, nesta faixa etária, os falantes ainda conservam o uso prototípico do verbo *chegar*, mas colabora, ainda que em menor número, para a expansão, também, de *chegar* como auxiliar.

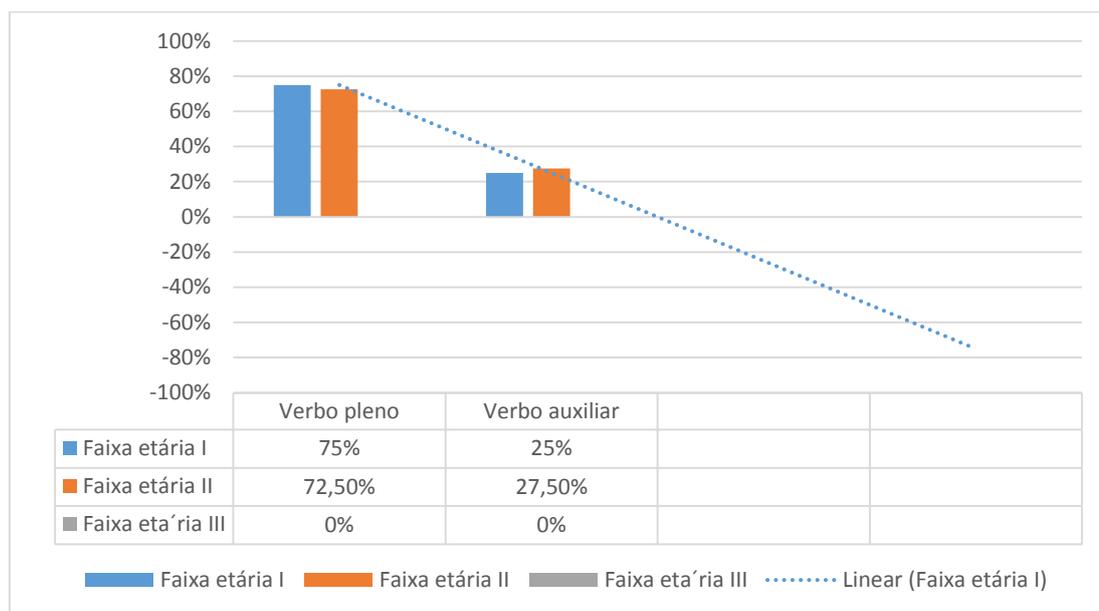
Podemos, então, a partir do gráfico 2, contatar que:

- As faixas etárias I e II, dos falantes do Português Culto, são as que mais colaboram para a expansão do verbo *chegar* auxiliar, se comparadas com a faixa etária III;
- As três faixas etárias mostram-se conservadoras no que diz respeito à manutenção da forma prototípica do verbo *chegar*, mas, também fazem uso da

variante auxiliar, ainda que os falantes mais velhos apresentem um resultado menor do que os mais jovens.

O gráfico a seguir apresenta resultados apenas dos falantes do Português Popular de Vitória da Conquista:

Gráfico 3 – Expansão da variante chegar auxiliar a partir da faixa etária do falante do Português Popular em Vitória da Conquista (Percentual)



Fonte: elaboração da pesquisadora

Mostramos, no gráfico 3, os resultados percentuais do uso do verbo *chegar* por falantes menos escolarizados e, das faixas etárias I, II e III. A observação cruzada destas duas variáveis extralinguísticas colabora para o entendimento a respeito da variação e mudança por que passa o verbo *chegar* rumo ao processo de gramaticalização, na medida que uma variável pode influenciar a outra e gerar resultados mais consistentes, evitando generalizações. No caso das duas variáveis em questão, a saber: escolaridade e faixa etária, observamos, no gráfico 3, que falantes das faixas etárias I e II, com até 5 anos de escolarização, permanecem conservando a forma prototípica do verbo *chegare*, assim como falantes do Português culto, são os que mais colaboram para a forma inovadora do item em estudo. Neste grupo, no entanto, não ocorreu nenhum dado com o verbo *chegar*, não sendo possível uma análise mais aprofundada a respeito desta faixa etária.

A tabela 7 é resultado de nossa investigação a respeito da variável *sexo* no uso do verbo *chegar* em seu processo de gramaticalização e, ao controlarmos esta variável. Seguimos a

orientação dos estudos Sociolinguísticos que consideram ser esta uma variável relevante para entendermos o processo de variação e mudança linguística. Segundo Mollica (2010), a partir dos estudos labovianos, de forma geral, as mulheres costumam liderar este processo, pois as formas inovadoras tendem a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens. Contudo, a autora faz menção ao fato de que é generalizador demais considerar essa variável isoladamente, assim como qualquer outra variável extralinguística e, afirma que uma das influências no estudo da relação entre gênero/sexo e mudança linguística é o valor social da variante inovadora. Pensando no nosso item em estudo e considerando as exposições de Mollica (2010), *chegar* dentro das estruturas perifrásticas é uma forma inovadora que não comporta nenhum estigma. Isto posto, subtemos que a implementação desse item na Língua Portuguesa, não necessariamente se dá mediante a atitude conservadora dos falantes de sexo feminino, por não se tratar de uma forma padrão e outra forma não padrão e, ter, ainda, o verbo em questão uma direção de mudança linguística que não se submete a uma avaliação social explícita ou à exclusão normativa (Mollica, 2010). Apesar do exposto por Mollica (2010) a respeito das generalizações e o que também expusemos no parágrafo anterior, de fato, nos dados analisados há uma discrepância entre o número de ocorrências com o verbo *chegar* de falantes do sexo feminino (71.7%) para falantes do sexo masculino (28.3%). No entanto, se analisados os resultados da tabela 07, torna-se possível verificar que em se tratando de Peso relativo, os homens fazem maior uso do verbo *chegar* enquanto auxiliar em estruturas do tipo [V1(e) + V2].

Tabela 7 – A variável sexo e o uso do verbo chegar

Grupo	A	P	PR	%
Mulher (M)	14/157	143/157	0.480	71.7
%	8.9	91.1		
Homem (H)	12/62	50/62	0.549	28.3
%	19.4	80.6		
Total	26/219	193/219	-	-
	11.9	88.1		

Fonte: elaboração da pesquisadora

Em concordância com a nossa ideia inicial de que as mulheres falam mais do que os homens, a tabela 7 apresenta-nos 219 ocorrências do verbo *chegar*, das quais 71.7% são de falantes do sexo feminino e apenas 28.3% são de falantes do sexo masculino. Contudo, em se tratando do uso do verbo *chegar* como auxiliar de V2, os dados mostram que os homens são os

que mais utilizam o *chegar* em sua forma menos concreta, somando um total em Peso relativo de 0.549 homens e Peso de 0.480 para as mulheres.

Os resultados da tabela 7 podem ser ratificados, se comparados com o resultado de um teste de avaliação que aplicamos durante a construção da pesquisa e, que descrevemos adiante nesta subseção. A partir deste teste foi possível constatar que cerca de 66% dos indivíduos do sexo masculino entrevistados fazem usoda forma [*chegar* (e) + v2], mas, ao serem questionados a respeito da necessidade de uma estrutura como esta, eles responderam que esse tipo de uso é majoritariamente feminino, além de terem, também, considerado essa forma como coloquial e desnecessária. Em contrapartida, de forma categórica, todos os indivíduos do sexo feminino investigados consideram que a forma pode ser usada tanto por homens quanto por mulheres sem estigma. Além disso, as mulheres avaliam que o uso do verbo *chegar* como auxiliar para outros verbos pode contribuir para uma melhor expressividade por parte do falante e, assim, consequentemente, a estrutura [*chegar* (e) + v2] está sendo usada, nas sentenças, motivada por uma busca de interação mais adequada.

O teste de avaliação mencionado anteriormente foi organizado como apresentado no quadro a seguir:

Quadro 11 – Informantes do teste de avaliação

Informantes	Sexo	Faixa etária
YSS	Masculino	I
JFG	Masculino	II
VPF	Masculino	III
LVS	Feminino	I
JSB	Feminino	II
MJB	Feminino	III

Fonte: elaboração da pesquisadora

A seguir apresentamos tabela 8 que diz respeito aos resultados gerados a partir da variável escolaridade. Segundo Votre (2010), esta variável influencia mudanças tanto na modalidade escrita como na fala de qualquer comunidade discursiva. Para o autor, é também por meio dessa variável que se torna possível constatar quais as formas preservadas, bem como aquelas menos

prestigiadas e, portanto, menos tendentes a conservação numa dada língua. Segundo Votre (2010, p.51), a escolaridade é:

Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se nesse contexto, a influência da variável I nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2010. p.51).

Dada a supracitada afirmação de Votre (2010), bem como o conceito de forma socialmente prestigiada e não prestigiada, de forma socialmente estigmatizada e não estigmatizada, além, é claro, dos fenômenos que são objeto de ensino escolar e dos que não são, fizemos as seguintes observações generalizadas sobre o verbo *chegar*:

- O estudo do verbo *chegar* em seu caminho rumo à gramaticalização parece não se enquadrar dentro de uma perspectiva que parte do fator estigmatização nem de forma socialmente prestigiada ou desprestigiada;
- Em se tratando do ensino escolar, o verbo *chegar* se enquadra como fenômeno objeto da atenção normativa da escola a nível de gramática, mas não a nível discursivo e funcional, se considerarmos que o papel da auxiliaridade verbal dentro de estruturas perifrásticas não é discutido nos livros e gramáticas escolares nesses níveis, como afirma Votre (2010, p.52);
- A tabela 08 nos mostra que há uma regularização de uso do verbo *chegar* em estruturas do tipo [V1(e) + V2] por parte dos falantes com maior nível de escolaridade, mostrando-nos que esse agrupamento de ordenação vocabular é frequente na modalidade falada culta e, por isso, cristaliza-se dentro do grupo de estruturas aceitas socialmente na Língua Portuguesa.

Tabela 8 – A influência da variável escolaridade no uso do verbo *chegar*

Grupo	A	P	PR	Total de ocorrências	%
Até 5 anos de escolarização	7	70	0.430	77	35.2
%	9.1	90.9			
Mais de 5 anos de escolarização	19	123	0.538	142	64.8
%	13.4	86.6			

Total	26	193	-	219	-
	11.9	88.1			

Fonte: elaboração da pesquisadora

Na tabela 08, consta um total de 219 ocorrências com a presença do verbo *chegar*, das quais 64.8% são de falantes com mais de 5 anos de escolarização, sendo que o Peso Relativo para ocorrências em que o verbo *chegar* figura como auxiliar é de 0.538 para os falantes mais escolarizados, em contrapartida aos menos escolarizados, cujo valor corresponde a 0.430. Partindo, então, destes resultados observamos uma indicação de que há uma influência do fator escolaridade no processo de fixação de estruturas do tipo [V1 (e) + V2] com a presença de *chegar* em posição V1. A partir desta constatação, é possível concordamos com o que afirma a maioria dos autores, entre os quais citamos Votre (2010), que os fatores extralinguísticos, como escolaridade, são de fundamental importância para uma compreensão mais ampla de como se incorpora os novos modos de dizer em uma dada língua, que, na nossa pesquisa, se trata da Língua Portuguesa e, em particular, no vernáculo conquistense.

Diante da análise realizada, em linhas gerais, concluímos que, com relação às variáveis linguísticas:

1. Fatores subjetivos influenciam o uso de estruturas do tipo [V1 (e) + V2];
2. A conjunção não exerce influência no uso do verbo *chegar* auxiliar, podendo, então, estar presente ou ausente;
3. Quanto maior o nível de abstração do verbo chegar, mais o item se fixa como um verbo auxiliar;
4. O verbo *chegar* pode passar por abstratização tanto dentro como fora das perífrases verbais, sendo que, dentro de estruturas perifrásticas, ele se firma como verbo auxiliar.

E, com relação às variáveis extralinguísticas:

1. A faixa etária do informante é uma variável que influencia tanto a conservação da variante prototípica do verbo chegar quanto o uso da variante auxiliar;
2. O cruzamento das variáveis extralinguísticas possibilita entendermos que falantes mais novos e mais escolarizados são os que mais contribuem para o uso de chegar auxiliar em perífrases do tipo [V1 (e) + V2].
3. A respeito da variável sexo, podemos concluir que tanto homens quanto mulheres fazem uso da variante auxiliar, mas os falantes do sexo feminino consideram a forma importante para maior expressividade, enquanto os homens não a consideram importante ou necessária.

Passemos, agora, na próxima seção, às nossas Considerações Finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos e descrevemos o processo do verbo chegar rumo à gramaticalização, com especial atenção as estruturas do tipo [V1 (e) + V2], chamadas de perífrases verbais. Nossa investigação partiu da hipótese de que *chegar* na língua portuguesa falada passa um processo de abstratização, no qual uma das principais evidências é a perda do sentido de movimento de um ponto X para um ponto Y. Seguindo esta ideia, nós fizemos uma volta no tempo e, ao percorremos gramáticas históricas, prescritivas e descritivas, constatamos, primordialmente, duas coisas, a saber: 1. O uso de *chegar* para indicar movimento já nasce de um processo cognitivo, quer seja, analogia ou reanálise, a depender do autor que se busque; 2. Em seu caminho rumo à gramaticalização, o verbo chegar vem admitindo novos usos em diferentes níveis de abstratização. Feitas essas constatações, mergulhamos neste delicioso estudo a respeito de um item cuja categoria é fundamental para constituição da Língua Portuguesa.

O embasamento teórico por nós escolhido (o Sociofuncionalismo e o Funcionalismo Norte Americano) que tornou possível a nossa análise se deu porque esta investigação se ocupa da língua em uso, partindo da comunidade de Vitória da Conquista com o intuito de compreendermos os processos que claboram para uma possível de mudança e variação em progresso do verbo chegar na Língua Portuguesa. Contudo, sabemos que não foi possível abarcarmos neste trabalho investigativo todas as características de mudança do item, dados os fatores como tempo, complexidade e as várias nuances cabíveis a um estudo que pretenda tratar da variação e da mudança linguística.

Ressaltamos, também, que a maior parte das nossas hipóteses se confirmam e, por isso, reafirmamos que o verbo *chegar*, dentro de estruturas perifrásticas, exerce função auxiliar e fora delas, caminha rumo à gramaticalização, permitindo expressões do tipo “*Chega!*”, com o sentido imperativo de “*Pare!*” e, perífrases do tipo “*Ele chegou e disse: rema mais rápido, vamos afundar*”, em contextos em que não há movimento de um ente + animado de um lugar x para um lugar y.

Destacamos, aqui, que, diferente do que esperávamos, a variável extralinguística *sexo* apresentou um equilíbrio no uso da variante *chegar* auxiliar. Pois, se considerarmos os pesos relativos, veremos que as mulheres (0.480) fizeram um uso menor do item V1 auxiliar do que os homens (0.549), não estando em concordância com o que acreditávamos, ou seja, que os resultados seriam no mínimo o inverso, dado que as mulheres são consideradas na literatura como, de maneira geral, mais falantes que os homens. Mas, por outro lado, a característica

feminina de ser mais falante ficou marcada nesta pesquisa se observamos na tabela 07 que de 219 ocorrências, 71.7% são de falantes do sexo feminino e 28.3% apenas de falantes do sexo masculino. Contudo, vale ressaltar que considerações deste tipo, que marcam as mulheres como mais falantes do que os homens, são suscetíveis a indagações, pois sugerem a manutenção de estereótipos marcados na literatura, mas que, em nossa opinião, carecem de esclarecimento.

Os dados analisados sinalizaram que a variável escolaridade exerce influência sobre o uso do verbo chegar dentro das estruturas perifrásticas. O que pode ser justificado pela complexidade de tais estruturas e por ainda estarem se fixando na língua, sendo, portanto, mais conhecidas e utilizadas por pessoas com mais acesso a escolarização. Esta constatação, também, pode ser reiterada pela observação do percentual de expansão da variante *chegar* auxiliar a partir da faixa etária do falante do Português Popular em Vitória da Conquista, como demonstramos no gráfico 6 da seção anterior.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. 1986. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997. _____ . *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*. 20. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- BORBA, Francisco da Silva. *Uma gramática de valências para o Português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BUENO, F. da Silveira, *Grande Dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa* 2º volume, Saraiva, São Paulo 1968.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.
- BYBEE, Joan. *Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency*. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, Joan. *Frequency of use and organization of language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- CASTILHO E BASÍLIO, Ataliba Teixeira de, Margarida. *Gramática do Português Falado*. SP: Editora da UNICAMP, 1996. 89 CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 7 ed, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1999-2000). *Para a história do Português de São Paulo*. *Revista Portuguesa de Filologia* XXIII, 29-70. CASTILHO, Ataliba T.
- COSERIU, E. 1979. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença.
- CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

- CEZARIO, Maria Maura. Graus de integração de cláusulas com verbos volitivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Lingüística. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113-126.
- COUTINHO, I. S. Gramática histórica. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 7ª ed., 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português do contemporâneo. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. RJ: FAE, 1992.
- CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, Nilza Barrozo. Gramaticalização de construções. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). Introdução à Gramaticalização. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- FERRARI, Lilian. Sociolinguística Cognitiva. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JR, C. (Org.). *Sociolinguística, Sociolinguísticas*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016, v., p. 135-144.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.
- FIORIN, José Luiz (org.) linguística? Que é isso? São Paulo: contexto, 2013.
- FURTADO da Cunha, M. A.; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. DELTA, São Paulo, 1999.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Lingüística. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.
- GIVÓN, Talmy. Functionalism and grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GIVÓN, Talmy. Syntax: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, v. 01.

- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. O ensino da língua materna: uma perspectiva sociolinguística. *Calidoscópico*, v. 4, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2006. _____. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- HALLIDAY, M.A.K. (1973), "The functional basis of language", in B. Bernstein (ed.), *Class, codes and control 2: applied studies towards a sociology of language*, vol IV of *Primary socialization, language and education*, ed. by B. Bernstein. Routledge & Kegan Paul, 346-366. Reprinted in Halliday (1973), *Explorations ...*, 22-47.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KOCH, I. V.; VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. _____. (1982). Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. _____. (1994). *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell. 104 Volume 9 Número 2 Dezembro 2013 *Mudança Linguística* _____. (2001). *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell.
- LEXILELLO, *Novo dicionário da língua portuguesa*, volume 2, (1989).
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro; POTTIER, Bernard; LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1987.

LUFT, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Dicionário prático de regência verbal. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação. [S.I.:s.n], 2004. p. 15-25. NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.[S.I.:s.n], 2004. p. 43-50.

MACAMBIRA, J. R. Diátese verbal. Revista de Letras. Vol. 1, nº 1, 1978, p. 61-83.

Disponível em

http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/2904/1/1978_Art_JRMacambira.pdf

MACHADO, P. J. Dicionário etimológico da língua Portuguesa, ed. 2; editora confluência.. 1967.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura.

Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Lingüística Funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.17-28.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura; WILSON, Victória (orgs.). Lingüística: fundamentos. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006. p. 231-265.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologia e aplicações. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 139-171.

MARTINS, M. A; Abraçado, Jussara (orgs). Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro; São Paulo: contexto, 2015.

NEVES, Maria Helena de M. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. A gramática: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

NEVES, M. H. M. A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura: A gramática. História, teoria e análise, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

PERINI, M. A. A gramática descritiva do português. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

PONTES, Eunice. Verbos auxiliares no português. Petrópolis: Vozes, 1973.

- RADFORD, Andrew. *Syntactic Theory and the Structure of English. A Minimalist Approach*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997. xii + 558pp. ISBN: 0-52147125-7 (Hardback), 0-521-47707-7 (Paperback).
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- VILELA, M. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedin. 1992
- VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- VOTRE, Sebastião José. Relevância da variável escolaridade In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-58
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução.
- VOTRE, Sebastião Josué. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- TARALLO, F. 2005. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática. TAVARES, M. A. 2003. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) Curso de PósGraduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- THOMAS, E. R. sociolinguistic Variables and Cognition. *Advanced Review*, v.2, Nov./Dec. 2011.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. e DASHER, Richard B. (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TURAZZA, Jeni Silva. *O verbo: uma abordagem léxico semântica*; São Paulo: Annablume. FAPESP, 2002.

ANEXO

ANEXO A – Teste de Avaliação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGLIN
 DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS – DELL
 MESTRANDA: NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA
 ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a VALÉRIA VIANA SOUSA
 COORIENTADOR: PROF. DR. JORGE AUGUSTO ALVES DA SILVA

TESTE DE AVALIAÇÃO

Caro informante, gostaríamos de contar com a sua colaboração no preenchimento do questionário abaixo. Dessa maneira, você estará colaborando para a nossa pesquisa. Desde já, informamos que preservaremos a sua identidade de maneira que ninguém lhe identificará. Agradecemos!

Nome Completo: Luanna Lua Sousa Felício

FAIXA ETÁRIA:

- faixa I – de 15 a 35 anos
 faixa II – de 36 anos a 49 anos
 faixa III – de 50 anos em diante

Quantos anos de escolaridade? 19

1. Vamos começar pensando sobre como você vê o jeito de falar dos conquistenses. Tem alguma coisa que te chama a atenção a esse respeito? Relacionada com outras cidades da Bahia o que difere no falar de Vitória da Conquista?

Acho o sotaque diferente, por exemplo, o de Salvador e algumas cidades do interior, acho _____ mais _____ “puxado”.

2. Qual das formas abaixo você usaria pra dar continuação ao episódio que se segue?

“Eles estavam discutindo, ele tava nervoso, ela também, aí no meio da discussão _____”.

- a. ...ela chegou e disse: não dá mais! Acabou!
 b. ...ela disse: não dá mais! Acabou!

3. Explique a sua escolha da questão anterior (O que te levou a essa opção?):
Acho que escolhi a primeira opção pra dar ênfase na fala “dela”, como se fosse uma coisa que tivesse acabado de acontecer.
4. Quem você acha que disse cada uma das sentenças abaixo? Escreva M pra mulher e H pra homem:

(M) “(...) uma vez eu ‘tava no shopping com minha mãe em *Salvadô* eu tinha uns três anos de idade e aí eu me perdi *dent’do* shopping... e aí eu **CHEGUEI** igual criança pequenininha no segurança e pedi pra *anunciá* minha mãe pra poder me encontrarem.

(H) “(...)Tem o governo através do FIES financia, você entra na faculdade dessa daí eh privada, você tano matriculado, você estando matriculado, pode muito **BEM CHEGÁ E DISSÉ** “Não, quero entrá no FIES porque não tenho como pagá.”, financia, faz o vestibulá hoje em dia pelo ENEM consegue cinquenta por cento, cê tá melhorano em termo de ensino, muito melhó do que antigamente, hoje você consegue chegá numa faculdade, que antigamente era bem complicado.”

(H) “(...)Teve um cara que até levantô mão e pergunto assim “É?” **EU CHEGUEI E FALEI** pra eles na sala “Oh, gente vamo tê que esperá aqui porque teve que mandá, a coordenação teve que mandá o comando pra gente podê começá a prova e eles não fizeram isso porque tem gente fazeno a inscrição.”

(M) “(...)eu entrei aqui em 2012, e não pulei pra fora do barco porque achei desaforo **CHEGÁ E DESISTÍ**... então hoje eu penso dessa forma, há 15 anos atrás eu num ia pensar assim, então a maturidade, ela confere um pouco mais de segurança, não só como pessoa, mas como ser humano... assim...”

5. Quais das opções melhor representam as sentenças da questão anterior?

- () Pertencem a linguagem mais formal, mais culta.
 (X) Pertencem a linguagem mais coloquial, menos formal.
 () Pertencem a forma escrita da língua portuguesa.
 (X) Pertencem a forma falada da língua Portuguesa.

6. Explique suas escolhas da questão número 5 (cinco):

As sentenças da questão 4 são a forma falada da Língua Portuguesa e, até por isso, acredito que sejam mais informais, tendo em vista que as pessoas não se preocupam em falar tão “corretamente” quando escreveriam, se fosse o caso. Acho que as sentenças também dizem respeito as variações que ocorrem nas palavras considerando a forma de falar e a idade dos informantes, por exemplo.

7. Marque com um “x” as expressões abaixo que você poderia utilizar em suas conversas, ou considera normal o uso por outras pessoas como normais na língua portuguesa e com um “z” as que parecem soar estranhas:

- a. Vou dar uma chegada ali em casa! Z
 b. Hoje em dia a pessoa precisa chegar chegando pra conseguir alguma coisa! X
 c. Quando ele chegou aqui, chega delirava! X
 d. Ela não chega aos meus pés! X
 e. É tarde, eu vou chegando! Z
 f. a preocupação é tanta que chega doer! X

8. Justifique resumidamente o porquê de considerar algumas como estranhas:

São estranhas, pra mim, porque nunca ouvi as pessoas dizerem essas frases e porque não conhecia o verbo chegar com esses significados, por exemplo, na letra “a” no lugar de “chegada”, eu usaria “passada”, mas não sei se tem o mesmo significado. E na letra “e”, quando afirma que é tarde e que vai chegando, faria mais sentido, pra mim, se dissesse que ia saindo